

Dharma: a Base da Vida Humana

Swami Paratparananda

(*) Publicado na edição de Nov/Dez de 1984 da revista “Vedanta Kesari”

(Cedo ou tarde o homem descobre que os prazeres que os sentidos trazem a ele são extremamente transientes e até contra-produtivos. É o Dharma que o coloca em contato com o mundo supra-sensório da Realidade e o eleva da existência do bruto para a vida Divina. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Argentina¹ e um ex-editor da “Vedanta Kesari”², explica como Sri Ramakrishna enfatiza que o principal ingrediente do Dharma ou disciplina religiosa é a renúncia – externa, se possível, mas interna, categoricamente).

Vários são os significados deste termo sânscrito, Dharma. Por exemplo, retidão, a natureza inata de algo, deveres devido ao nascimento e posição na vida, são alguns deles. Nós lidaremos aqui com o mencionado em primeiro lugar, isto é, retidão, retitude ou religião como é algumas vezes definido. É claro que na Índia a religião inclui deveres de acordo com *varna* e *âsrama* (nascimento e posição na vida) apesar de que estes são conceitos não tão rigidamente praticados hoje em dia. Religião ou Dharma é algo mais do que a mera conformidade com obrigações sociais, restrições ou regras; mais do que meros dogmas e credos. Regras sociais e códigos morais podem e realmente mudam de acordo com a época e lugar. Por exemplo, o que é considerado como imoral em alguns países pode ser aceito como totalmente normal ou natural em outros, etc. Mas mera moralidade não é a meta e finalidade do homem. É apenas o meio para atingir algo superior, algo eterno e este algo é o sujeito da religião ou Dharma. Pode-se chamar este sujeito como Deus ou Espírito ou por qualquer outro nome.

A questão que surge na mente do homem moderno é: que papel pode a religião desempenhar na atual era de ciência e tecnologia? Poderá ela sobreviver aos ataques destas forças? Devemos lembrar que a ciência e a tecnologia lidam com a matéria, coisas perecíveis e não eternas. A matéria, por mais que possa durar, um dia se destrói; ela não pode durar para sempre, não pode ser permanente. Tendo sido composta de elementos, deve retornar mais cedo ou mais tarde aos seus elementos; e aquilo que não é permanente não pode dar felicidade duradoura. O homem nunca consegue felicidade duradoura. O homem nunca se satisfaz com a riqueza. Quanto mais ele tem, mais ele deseja. Assim também é o

¹ O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.

² O Swami foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

caso com os prazeres dos sentidos. O corpo pode ficar fraco, mas o desejo por eles não deixa o homem. Habilmente Bhartrihari disse no seu Vairagya Sataka: *bhogâ na bhuktâ vayam eva bhuktâh*, “Os prazeres mundanos não foram desfrutados por nós; pelo contrario nós mesmos temos sido devorados”.³ E ele continua: *trsnâ na jirnâ vayam eva jirnâh*, “O desejo não é enfraquecido, apesar de que nós mesmos nos debilitamos”.⁴ E mais: *valibhir mukham âkrântam pâlitena ankitam sirah, gâtrâni sithilâyante trsnaikâ tarunâyate*, “A face está coberta por rugas, a cabeça pintada de branco (por causa dos cabelos grisalhos), os membros se tornaram fracos, apesar de que apenas o desejo é sempre rejuvenescido”.⁵ Esta é a condição do homem entregue à satisfação dos sentidos. A ciência e a tecnologia ainda não descobriram métodos de parar ou prevenir este declínio ou deterioração das forças físicas e mentais do homem nem trazer a ele a satisfação que pode durar mesmo sob circunstâncias adversas como enfermidade e senilidade, etc.

Contudo, nós não dizemos que não existam pessoas que ignorem as realidades da vida e tentem desfrutar dos prazeres. Como o avestruz, que quando caçado, se diz, corre tanto quanto pode e enfia sua cabeça na areia e acredita que não há mais perigo ou inimigos. Para estas pessoas este mundo é tudo quanto existe. No Kathopanishad, Yama diz: “O além nunca aparece diante das pessoas tolas, enganadas pela ilusão da riqueza. Aqueles que pensam: ‘Este é o único mundo e não há nenhum outro’, caem sob meu domínio inúmeras vezes”.⁶ Swami Vivekananda diz: “Somente os tolos correm atrás dos gozos dos sentidos. É fácil viver nos sentidos. É mais fácil andar pelo velho caminho com o piso batido, comendo e bebendo, mas o que estes modernos filósofos querem dizer a você é que peguem estas idéias confortáveis e coloquem o selo da religião nelas. Tal doutrina é perigosa. A morte jaz nos sentidos. A vida no plano do Espírito é a única vida, a vida em qualquer outro plano é apenas a morte”.⁷ Aqui nós encontramos a resposta também para aqueles que querem fazer da religião algo confortável, adaptada ao plano sensório.

O homem busca a felicidade e acha que pode obtê-la nos objetos dos sentidos; mas, tristemente, ele descobre que a felicidade que estes objetos podem dar é de muito pouca duração e que ele tem que ganhá-la a um custo muito elevado. Ele começa com tremendo otimismo, mas quando fica velho, gradualmente torna-se um pessimista. Swami Vivekananda declara: “A felicidade real não está nos sentidos, mas acima dos sentidos e está em todos os homens. O tipo de otimismo que vemos no mundo é o que levará até a ruína através dos sentidos.”⁸

³ Vairagya Sataka, 7.

⁴ Ibid.

⁵ IBID. 8.

⁶ Kathopanishad, II.6.

⁷ Complete Works of Swami Vivekananda, 5:267

⁸ Ibid., 283.

Novamente, por mais que o homem tenda a ignorar o fato de que o sofrimento, físico e mental é inevitável no plano sensório e mergulhe completamente nele, um dia chegará quando ele perguntará a si mesmo: “É isto tudo? Será a meta da vida viver como plantas e animais por alguns anos e morrer?” Isto é um imperativo, pois enquanto o homem retiver a faculdade do raciocínio, ele não pode deixar de colocar estas questões para si mesmo quando deparar com terríveis e insuperáveis circunstâncias. E este raciocínio deveria levá-lo a auto-análise e gradualmente à Religião, pois tendo sofrido no plano dos sentidos ele não tem outra alternativa além de tentar conseguir consolo de algo superior e não perecível.

Agora vamos ver o que a Religião realmente significa e o que ela pode fazer por nós. Religião é um sistema de disciplinas que traz uma penetração intuitiva na natureza real do mundo espiritual, pelo controle dos sentidos e a conquista da mente. Com esta penetração intuitiva, nós chegamos a conhecer o propósito real da vida humana, como também sobre a vacuidade do mundo sensual. Swami Vivekananda afirma: “Este nosso universo, o universo dos sentidos, racional, intelectual, está cercado de ambos os lados pelo ilimitado, o não-conhecível, o sempre desconhecido. Nisto está a busca, nisto estão as investigações, aqui estão os fatos; disto vem a luz que é conhecida para o mundo como religião. A Religião pertence ao Supra-sensório e não ao plano sensório. Está além de todo raciocínio e não está no plano do intelecto. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e não-conhecível, fazendo o não-conhecível mais do que conhecido, pois ele jamais poderá ser conhecido.”⁹ Isto parece ser um paradoxo, à uma primeira leitura, mas se nós pararmos e refletirmos, poderemos ser capazes de compreender a verdade por detrás desta afirmação. A mente humana em sua forma impura pode conhecer apenas coisas apresentadas a ela pelos cinco sentidos e nada mais. É por isso que o Espírito é chamado de não-conhecível; mas quando esta mesma mente se livra de sua impureza, seu apego e desejos, ela é capaz de perceber o não-conhecível, fazendo-o mais do que conhecido. Pergunta Yajnavalkya: “Com o quê você conhecerá o Conhecedor”- *vijnataram are kena vijaniyat*. Este desconhecido pode ser percebido somente através de uma mente pura, afirma o Kathopanishad: *manasaivedam aptavyam*, “Somente pela mente isto será realizado.”¹⁰

O melhor testemunho com relação à vida interior é daqueles que mergulharam profundamente nela e eles são os homens capazes de falar sobre o assunto. Vamos ver o que Swami Vivekananda diz sobre a necessidade desta busca do que está além: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se nós não pudermos conhecer o que está além. É muito bom dizer: Contente-se com as coisas do presente. As

⁹ Ibid., 3:1

¹⁰ Kathopanishad, IV.11

vacas e os cães estão e estão também todos os animais e isto é o que os faz animais. Portanto se o homem contenta-se com o presente e abandona toda busca do que está além, a humanidade terá que voltar ao plano animal de novo. É a religião, a investigação do que está além que faz a diferença entre um homem e um animal.”¹¹ Respondendo à uma pergunta sobre o que a religião pode fazer por nós, ele afirma: “A salvação não consiste na quantidade de dinheiro que está em seu bolso ou na roupa que você veste ou na casa em que você vive, mas na riqueza do pensamento espiritual em seu cérebro. Isto é o que promove o progresso humano, esta é a fonte de todo progresso material e intelectual, o poder motivador atrás do entusiasmo que empurra a humanidade para a frente.”¹²

Além disto, a Religião pode nos dar a vida eterna, trazer-nos a Luz que jamais falha e a paz e tranqüilidade constantes. Contudo a religião não deveria ser julgada do ponto de vista das posses ou coisas materiais. Swami Vivekananda comenta: “Várias vezes você escuta esta objeção levantada: ‘Pode ela retirar a pobreza dos pobres?’ Suponha que ela não possa, isto provaria a inverdade da religião? Suponha que uma criança se levante entre vocês quando você está tentando demonstrar um teorema astronômico e diz, ‘Isto vai me dar biscoitos de gengibre?’ ‘Não, isto não vai dar’, você responde. ‘Então’, diz a criança, ‘não serve para nada’. Crianças julgam o universo inteiro de seu ponto de vista, de produzir biscoitos de gengibre; e assim também fazem as crianças do mundo. Nós não devemos julgar as coisas superiores de um baixo ponto de vista... A Religião interpenetra toda a vida do homem, não apenas o presente, mas o passado, presente e futuro... É lógico medir seu valor por sua ação sobre cinco minutos da vida humana?”¹³ Ele continua: “A Religião fez do homem o que ele é e fará deste humano animal um Deus. Isto é o que a religião pode fazer. Tire a religião da sociedade humana e o que restará? Nada além de uma floresta de brutos.”¹⁴

Do que foi dito nós vemos como a religião está inerentemente absorvida na estrutura da existência humana, mais ainda, a própria existência do homem depende dela. E é por isso que o Senhor se encarna sempre que houver o declínio de Dharma e o crescimento de Adharma, como Ele mesmo diz no Bhagavad Gita. Agora nós veremos quais são as disciplinas que a religião recomenda para atingir o supremo estado da Eterna Bem-aventurança que ela promete. A primeira e mais importante destas disciplinas é a renúncia, sem ela o homem não pode avançar em direção à meta. Pode-se perguntar: são todas as pessoas capazes de renunciar ao mundo? Certamente que não. Então a salvação que a

¹¹ Complete Works of Swami Vivekananda, 3:3

¹² Ibid.

¹³ Ibid., 3-4

¹⁴ Ibid., 4

religião promete é para uns poucos? Se for assim, por que deveria a maioria da humanidade ter interesse nela? Sri Ramakrishna responde: “Não é possível adquirir a renúncia de forma repentina. O fator tempo deve ser levado em consideração. Mas também é verdade que um homem deveria escutar sobre ela. Quando a hora certa chegar, ele dirá a si mesmo: ‘Ó, sim, eu escutei sobre isto.’ Você deve também se lembrar de outra coisa. Constantemente ouvindo sobre a renúncia, o desejo pelos objetos do mundo gradualmente se desvanece”.¹⁵ Sri Ramakrishna aconselha aos chefes de família a cultivarem a renúncia interna e amor por Deus, a serem desapegados pelas coisas do mundo e a buscarem a companhia de pessoas santas. Mas ele categoricamente diz que sem a renúncia, pelo menos a interna, não se pode atingir a Meta.

¹⁵ Gospel of Sri Ramakrishna (New York: Ramakrishna Vivekananda Center), p. 502

A GRAÇA DIVINA

26-09-1979

Por Swami Paratparananda

Poucas são as pessoas que tentam levar uma vida verdadeiramente espiritual, pois, como já vimos em ocasiões anteriores, esta não consiste em aceitar ou crer em alguns dogmas e credos, nem em fazer determinados exercícios físicos, nem em buscar e fazer milagres, nem tampouco no mero saber livresco das escrituras. Significa dedicação a Deus, seguir um caminho que culmine na aniquilação da ignorância e na realização do Ser Supremo, na percepção direta e íntima da Realidade. Isto não é uma tarefa fácil, se necessita infinita paciência, constância na prática da oração, domínio sobre os sentidos e sobre a mente e finalmente a graça divina. Ainda que mencionamos esta no final, nem por isso é de menor importância; pelo contrário, todos os outros fatores dependem dela. Sem a graça divina não se pode avançar nem um passo na vida espiritual.

Pode-se perguntar: Por acaso a graça divina não age no mundo? Afastou-se Deus do mundo? Se esta é Sua criação, como pode abandoná-la? Além disto, não dizem as escrituras que Deus mora em todos os seres, e que é onipresente? Então que significa dizer que só na vida espiritual age a graça divina? Por certo estas são perguntas sem respostas, ou melhor dito, não se pode responder de outra maneira senão admitindo que Deus nunca se afastou do mundo e que o cuida bem, que sua graça desce por igual sobre o malvado e piedoso, assim como o sol brilha sobre todo o universo sem fazer nenhuma distinção, ou como a chuva cai indistintamente sobre a terra fértil e a estéril, e isto em um sentido, é muito mais certo.

Estamos conscientes deste fato, mas há distintas maneiras de beneficiar-se com a graça divina. Alguns o fazem no mundo material, aproximando-se de Deus para conseguir coisas materiais. Quando Deus lhes responde á seus pedidos, por exemplo, de cura de enfermidades, pensam que lograram um alto nível de elevação espiritual, e assim envaidecidos, perdem de vista a meta da vida.

Deus é como uma mãe indulgente que nos perdoa tudo. Além disso, cumpre nossos pedidos por mais daninhos que sejam para nós, para que não nos sintamos enganados ou abandonados. Deixa que aprendamos, pelas amargas experiências de nossas ações, como são o mundo e seus objetos. Bendito é aquele que vê a graça divina em seus sofrimentos e tenta ver em que consiste a verdadeira felicidade, e depois se esforça para consegui-la. Mas, desgraçadamente, as pessoas sempre buscam coisas prazerosas mesmo depois de repetidos fracassos em suas tentativas para obtê-las. E espera que o mundo mude e lhes proporcione

algum dia e para sempre os objetos desejados e sem nenhuma amarga consequência. Essa gente é como os camelos que gostam de certos arbustos espinhosos, e enquanto os comem suas bocas sangram, mas ainda assim não deixam de comê-los. Essas pessoas continuarão pedindo a Deus os mesmos objetos sensórios; são como aqueles que foram ver a um rei generoso e lhe pediram coisas de pouco valor como abóboras ou batatas. Por certo, pensam que são objetos preciosos, porque são pessoas de visão curta, desejam só o que podem perceber por seus sentidos, sem indagar por seu valor nem nas consequências que isto pode trazer.

Também se pergunta: “Por que Deus não nos tira o apego pelos objetos do mundo?” As crianças gostam de brincar no quintal, com diferentes tipos de brinquedos, e eles não gostam que sua mãe os tire de lá enquanto eles se sentem entretidos. Vão chorar e gritar se isto acontece. Só quando se fartam ou se machucam, deixam de brincar e chamam a mãe; do mesmo modo Deus sabe que se de repente tira dos aspirantes o apego aos seus entretenimentos, estes se sentirão infelizes. Ensina-lhes pouco a pouco a vacuidade de tudo que os sentidos podem apreciar. Esta também é a graça divina: fazer-nos saber que o mundo com toda sua beleza panorâmica é uma ilusão. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Só Deus é real, e toda outra coisa é irreal; só o mago é real e sua magia irreal, existe por um momento e depois desaparece”. Mas, tal é nosso apego ao efêmero, que seguimos agarrados a ele ainda que nos doa. Na juventude, quando o sangue ferve, tudo parece formoso, cheio de alegria e encanto. Mas à medida que vão passando os dias, esse mesmo mundo muda seu aspecto e então o homem não somente vê a alegria como também o pesar e o sofrimento. Mais tarde vê que há muita tristeza e pouco prazer neste mesmo mundo que lhe havia parecido tão formoso antes. No entanto, os hábitos que cultivou e os deveres com que se comprometeu toda a vida não o deixam sair do casulo que ele mesmo construiu. Entre milhares talvez um se atreva a sair de lá pela graça divina. Outros, sem poder desfazer-se do apego e do encanto do mundo arrastam os dias que lhes sobram de um ou outro modo, muitas vezes jogando a culpa de sua desgraça no destino ou em Deus. Herói é aquele que mesmo neste momento pode ver que isto também é a graça divina, mas haverá muito poucos que possam sentir assim, pois sentindo esta condição, tentariam remediar as coisas ou pelo menos resolveriam mudar o rumo de suas vidas no mesmo momento, ou desejariam com todas suas forças não repetir os mesmos erros que fizeram durante esta vida. Só a pessoa que vê em tudo, não somente no agradável, a manifestação da graça divina, pode dizer que ela reina sempre no mundo.

Agora vamos ver porque postulamos que os outros fatores que nos levam até Deus também dependem de Sua graça. Como vimos, a rede da ilusão é vasta, e intrincada a maneira em que atua. Por isso Sri Krishna disse: “Esta Minha divina maia, constituída pelos gunas é difícil de transcender; só os que se refugiam em Mim (o Senhor) podem atravessá-la”. Todos os seres sem exceção estão sujeitos à ilusão, pois tudo no

mundo está feito dos três gunas, os constituintes de maia. A força dos gunas é considerável; transcende-los é uma tarefa sumamente difícil, e pode conseguir-se unicamente pela graça de Deus. Para transcender a ilusão ou o feitiço que projeta o mundo, se necessita de desapego, o qual se chega a ter se houver discernimento entre o que é Real, eterno e o que é irreal, transitório e estritamente aderir-se ao Real ou Deus, descartando todo desejo de gozo mundano. Em seguida é necessário praticar o domínio sobre os sentidos e a mente. Sabemos quão vacilante é esta. Se não temos a convicção de que o mundo e seus objetos são de pouca duração, a mente continuará sua corrida atrás das coisas de seu gosto e nos envolverá na ilusão toda nossa vida. Portanto esta convicção deve ser apoiada por um forte desapego às coisas que dão prazer. Depois vem a prática das virtudes como a paciência, a fé nas palavras das escrituras e coisas semelhantes. Tudo o qual está sob a jurisdição de maia, a ilusão, para vencer a qual necessitamos, como já vimos, da graça divina.

Às vezes até os aspirantes se queixam de que Deus é parcial, que a alguns dá a oportunidade e lhes abre o caminho, enquanto a outros não mostra Sua graça. Sri Krishna responde a isto no Bhagavad Gita: “Eu trato por igual a todos os seres, não tenho preferências, nem desprezo a ninguém; mas os que adoram a Mim (ao Senhor) estão em Mim e Eu neles”. Sri Shankaracharia comentando este verso disse: “O Senhor afirma que Ele é como o fogo: assim como o fogo não tira o frio dos que estão longe, mas o faz aos que se aproximam dele, do mesmo modo Deus mostra Sua graça a Seus devotos e não a outros. Os que adoram ao Senhor, por causa desta mesma adoração se tornam limpos de coração, um lugar apto para sua morada”. Também, assim como a luz do sol, ainda que caia sobre todos os objetos, é refletida nitidamente em um espelho limpo, do mesmo modo, a mente pura do devoto reflete a luz de Deus mais que a das outras pessoas. Além disso, Ele olha o fundo do coração do aspirante. Uma pessoa que levou uma vida má durante um longo tempo, mas depois a transforma, não está perdida a seus olhos; também esta pessoa pode chegar a ser santa, como afirma Sri Krishna no verso seguinte: “Até se um malvado da pior categoria Me adora com sua mente por completo dedicada a Mim deve ser considerada boa pessoa, pois tomou uma determinação correta. Logo se tornará puro e logrará a paz eterna. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece!” Vemos assim que para Deus ninguém é desprezível nem condenável pela eternidade.

Como atua a graça divina no campo espiritual? Sri Ramakrishna certa vez disse: “Se alguém se refugia em Deus e Lhe roga com grande anelo, Deus com toda segurança escuta; com certeza Lhe abrirá o caminho. Talvez o devoto não se case e assim poderá dedicar toda sua atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos ganhem o suficiente para a subsistência da família, ou pode ser que um filho tome sobre si a responsabilidade da família. Então o aspirante não terá problemas com o mundo; poderá dar cem por cento de sua mente á Deus”. Também costumava contar uma estória para ilustrar como tinha que rogar a Deus

e com que classe de anelo: “Certas pessoas me perguntam - dizia Sri Ramakrishna - Senhor, por que Deus criou este mundo em que quase tudo é sofrimento? Não há saída para nós? Eu lhes digo: Por que não há de haver uma saída? Tome refúgio em Deus e rogue-lhe com um coração anelante pedindo vento favorável para que as coisas se arrumem. Se O chamaís com anelo certamente vos escutará”. Depois contou a estória: “Havia uma vez um homem, cujo filho estava a ponto de morrer. Em seu desespero pediu remédios a varias pessoas. Uma delas lhe disse: ‘Há um remédio; primeiro deve chover quando a estrela Svati esteja no ascendente; depois, um pouco dessa chuva deve cair em uma caveira; em seguida uma rã deve aproximar-se e beber esta água e uma serpente deve caçá-la; e quando a serpente esteja a ponto de picar a rã, esta deve dar um salto e o veneno deve cair na caveira. Em seguida, é preciso dar ao enfermo um pouco do veneno com a água da chuva que está na caveira.’ O pai se apressou ansiosamente para encontrar a fórmula salvadora, no instante em que a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente o homem rogou a Deus: ‘Ó Senhor, Te rogo, consegue-me uma caveira.’ Buscando aqui e ali, finalmente encontrou uma caveira com água de chuva dentro. Novamente rogou á Deus: ‘Ó Senhor, Te imploro, ajuda-me a encontrar a rã e a serpente.’ Devido a seu grande anelo, conseguiu a rã e também a serpente. Em um abrir e fechar de olhos viu como a serpente caçava a rã, e quando se dispunha a picá-la, o veneno caiu na caveira”. Se o rogo é fervoroso Deus não pode deixar de escutá-lo.

As pessoas sempre se queixam dizendo que não tempo para rezar ou fazer suas práticas diárias. O que acontece é que não sentem a necessidade de fazê-las. Se um homem tem que sair às quatro horas da madrugada para trabalhar, o faz sem titubear, porque a necessidade de ganhar a vida o impele, o obriga a fazê-lo. Quando sintamos a mesma urgência para chegar a Deus, então, só então, não teremos queixa alguma, faremos tudo com gosto. Até então é necessário obrigar a mente a fazer as disciplinas espirituais diárias e, com um pouco de insistência podemos persuadi-la. O fato é que o mundo ocupou demasiado a nossa mente, e pode ser retirado de lá unicamente pela graça divina. Mas é preciso fazer um pouco de esforço para que essa graça desça sobre nós. Sri Ramakrishna dizia: “O vento da graça divina sopra sempre, é preciso soltar as velas para recebê-lo”. Um pouco de prática das disciplinas espirituais é como soltar as velas. Quando Deus vê que o aspirante está realmente ansioso para avançar até Ele, então Deus também o ajuda. Mais ainda, Sri Ramakrishna disse que Deus dá dez passos até nós se damos um passo até Ele.

Quais são os impedimentos mais fortes no caminho espiritual? Sri Ramakrishna adverte que são a luxúria e a cobiça. São as atrações que mantém em seu poder ao ser humano. Preso na rede destas paixões o homem sofre incessantemente, mesmo assim acha quase impossível livrar-se de seus tentáculos. Isto é maia, ilusão. Uma pessoa resolve não cair na armadilha dessa ilusão, mas quando chega o momento não pode

manter-se firme, pois são tão fortes as paixões e aquele que nunca tentou controlá-las acha muito difícil resistir às tentações. É uma luta tremenda e para a maioria, até para os aspirantes, dura quase toda a vida. O êxito nesta luta depende da graça divina. Se Deus não nos faz ver claramente onde estamos indo submetidos às paixões, não há como resisti-las. O Senhor nos ensina isto de várias maneiras: apresenta diante de nós exemplos de vida desenfreada e suas conseqüências, nos traz enfermidades e calamidades, nos põe em contato com pessoas santas e assim por diante. Em nossa vida devemos ter passado por todas estas coisas alguma vez. Aprendemos a lição? Talvez uma ou outra pessoa a tenha aprendido. A maioria, mesmo entre os aspirantes, toma todas estas atribulações como castigo proveniente de Deus. Dizem: “Que fiz para merecer este sofrimento?” Em vez de reflexionar, “Qual será o propósito deste ensinamento do Divino Mestre? Pois Ele jamais nos faz o mal.” Se aprofundamos desta maneira podemos descobrir que o Senhor nos está tirando as ligaduras que nos mantêm amarrados ao mundo.

Muitas vezes acontece que os laços mundanos são tão fortes que rompê-los é como arrancar o coração. No entanto, o que quer ter a paz duradoura ou felicidade eterna, não pode continuar atado ao mundo, pois estas coisas não existem aqui. Esta é a experiência de todo ser humano; ainda que uma pessoa que esteja em uma situação cômoda o negue momentaneamente, cedo ou tarde se dará conta disso. Aquele que aprende cedo na vida que o mundo, como a ameixa silvestre, é quase só caroço e casca, com muito pouca polpa, que está cheio de sofrimento e muito pouco prazer, e não se deixa enganar por seu feitiço, já ganhou meia batalha; logo, se ele se esforçar um pouco, chegará à meta da vida. Sri Ramakrishna, que conhecia as regras essenciais da vida espiritual, apreciava muito aos jovens que se haviam mantido puros de coração evitando as atrações da luxúria e da cobiça. Dizia que eles podem ter êxito na vida religiosa com muito pouco esforço, e que podiam compreender as verdades sutis por seu agudo intelecto não embaraçado com as preocupações mundanas, e por serem limpos e simples. Estas duas palavras usadas freqüentemente nos livros religiosos, talvez necessitem serem elucidadas. Limpos de coração significam os que não abrigam nenhuma malícia contra ninguém, que não estão afetados por pensamentos perversos, que não estão sujeitos às paixões e livres de todo ódio, medo e ira. Simples são aquelas pessoas que não sabem ocultar seus pensamentos, são verazes e falam o que pensam, não tem motivos de engano para os demais. São virtudes que contribuem para a fortaleza do homem, para sua viagem a Deus.

O terceiro obstáculo no caminho de um aspirante à vida mais elevada é o ego. Apresenta-se diante dele de várias maneiras: ego de erudição, ego de riqueza, de nascimento, de raça, de posição social, de poder, e assim por diante. E não se dá conta dele até que se enraíza bem profundamente. Uma pessoa pode parecer simples e humilde, no entanto pode abrigar um alto conceito de si mesma, de sua santidade ou erudição. Certa vez Sri Ramakrishna visitou Devendranath Tagor, o pai do

poeta Rabindranath, ao inteirar-se que pensava muito em Deus. Mas quando o viu observou que tinha vaidade, pois era respeitado como um homem de conhecimento espiritual, descendente de uma família aristocrática e líder de uma nova seita, o Brahmo Samaja. Sri Ramakrishna foi vê-lo acompanhado de Mathuranath Biswas, o genro de Rani Rasmani, fundadora do templo de Kali de Dakshineswar. Mathur havia sido condiscípulo do líder brahmo no colégio. Observando minuciosamente os rasgos físicos de Devendranath e dando-se conta de sua vaidade, perguntou a Mathur: “Bom, Mathur, a vaidade é o resultado do conhecimento ou da ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimentos tais como: Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?” A mera erudição, se não é acompanhada de renúncia e desapego, serve para obter renome, fama e talvez riqueza, mas jamais leva alguém a Deus. Sri Ramakrishna comparava aos meros eruditos com os abutres que voam alto nos céus, mas cujo olhar está sempre dirigido para baixo, para a carniça. Os meros eruditos ainda que falem altissonantemente sobre a filosofia e a religião mantém fixo seu olhar nas coisas do mundo. A erudição que não nos ensina a discernir entre o que é Real e o que é ilusório, não serve no caminho espiritual. Mas a ignorância humana é tal que lendo alguns livros o homem pensa que já é competente para guiar aos demais.

É difícil entender o verdadeiro significado dos termos da vida espiritual. Certa vez o Mestre estava falando com Mahendranath Gupta, o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, quando de repente lhe perguntou: “Sabe o que significa a renúncia?” O discípulo respondeu: “Significa não somente ter desapego pelo mundo, mas também desenvolver anelo por Deus”. Satisfeito pela resposta o Mestre disse: “Pela graça de Deus compreendeste isto. Sem Sua graça jamais se pode desfazer-se das dúvidas. O importante é, de um modo ou de outro cultivar amor e devoção por Deus. De que serve conhecer muitas coisas? Basta cultivar amor por Deus seguindo qualquer caminho”.

O fanatismo é o quarto obstáculo para o que quer chegar a Deus. Todos pensam que unicamente sua própria religião é verdadeira e outras não. Este conceito chega às vezes a tal ponto que pessoas pertencentes a duas seitas de uma mesma religião brigam entre si. Cada um crê que possui todo o conhecimento sobre Deus e que Deus não pode ser de outra maneira senão como ele o concebe. Por acaso pode compreender tudo de Deus um ser humano com seu pequeno intelecto? Infinitos são seus aspectos e infinitas são as maneiras em que se manifesta no universo. Além disso, ele não se esgota em sua manifestação senão que mantém também um aspecto não-manifestado. E as pessoas, que não podem compreender em sua totalidade nem um só planeta de Sua criação, se atrevem a declarar que sabem tudo sobre Ele! Que pode ser mais ridículo que isto? No entanto os fanáticos crêem que tem razão. Brigam pela posse da cesta enquanto as frutas vão caindo ao chão. Deus está longe da pessoa que somente faz demonstração de sua erudição e não faz nada para por os ensinamentos em prática e amá-lo.

O fanatismo cega ao homem; não lhe permite ver os pontos bons em outros, nem tampouco seus próprios defeitos. Em seguida destrói sua sensibilidade; torna-se desapiedado e cruel, como podemos ver através de toda a história do mundo. E esta gente fala em nome de Deus! São suas próprias ambições que as impulsionam a atuar desta maneira, e não o amor por Deus, nem pelo próximo. Claro, isto também acontece pela vontade de Deus, não há dúvida. Quando o compreendamos de coração, intimamente, e o aceitemos com calma, estaremos aproximando-nos do estado de equanimidade, o ultimo degrau rumo à meta, a realização de Deus.

Mas este estado de nenhuma maneira pode comparar-se com a atitude de uma pessoa egotista, a quem a dor alheia não comove em nada, e quem para lograr seu próprio interesse não vacila em pisotear nos demais. Este estado não pode ser alcançado a menos que se tenha limpad o a mente de todo desejo de gozo aqui e no além e que se tenha sentido o tormento, a agitação, o desassossego e o desespero por combater os males que afetam a humanidade. Quando vemos que contudo não podemos mudar nada, então, pela graça divina, chega o entendimento de que “temos direito a atuar mas jamais aos resultados”, como disse Sri Krishna no Bhagavad Guita. Arjuna também buscou um arranjo cômodo quando quis abandonar o mundo em vez de uma guerra justa, sem possuir as requeridas qualidades de um ermitão. Para ensiná-lo e mediante ele, á toda humanidade, quem realmente pode e está capacitado a renunciar ao mundo, Sri Krishna pronunciou o grande discurso que agora conhecemos como o Bhagavad Guita.

Mencionamos apenas alguns dos obstáculos que um aspirante encontra no caminho espiritual; para atravessar os quais se requer imensa força de ânimo e perseverança. Os impedimentos são sutis e enganadores; aparecem em forma de amigos, como coisas favoráveis. Portanto deve-se ter um discernimento agudo para descobri-los e é preciso estar sempre alerta. Além disso, como já dissemos, a sutileza das verdades espirituais não se pode compreender desde o início, é preciso passar pelas disciplinas durante muito tempo. E à medida que se vai avançando nestas disciplinas encontra que os mesmos ensinamentos que pareciam simples de entender, levam um significado muito mais profundo. Cada dia se vai dando conta de que é pouco o que se pode saber sobre Deus pela leitura. Também sente que o que um aspirante necessita é desenvolver amor pelo Senhor. Sri Ramakrishna repetidas vezes expressou: “Bhakti (devoção) é a única coisa essencial. Quem pode conhecer a Deus pelo raciocínio? Eu quero amor por Ele. Que necessidade tenho de conhecer Suas infinitas glórias? Se com uma garrafa de vinho me embriaga, que necessidade tenho de saber quantos galões de vinho há na taverna? Um jarro de água é suficiente para apagar minha sede. Não necessito saber a quantidade de água que há na terra.”

Falando da importância da graça de Deus Sri Ramakrishna declarava: “Podes tentar milhares de vezes, mas não poderás conseguir nada sem a graça de Deus. Não se pode vê-Lo sem Sua graça. Por acaso

é fácil receber a graça divina? Deve-se renunciar totalmente ao egotismo; não se pode vê-Lo enquanto sinta que 'eu sou o fazedor'. Deus não aparece facilmente no coração do homem que sente que ele é seu próprio dono. Mas, pode-se vê-Lo no mesmo momento em que Sua graça descer. Ele é o sol do conhecimento. Um só raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento. Daí que podemos ver-nos um ao outro e adquirir variado conhecimento. Pode-se ver a Deus só se Ele voltar Sua luz para Seu próprio rosto."

A graça divina é imprescindível mesmo depois de ter sua visão, pois ainda assim existe o perigo de equivocar-se e estancar. Equivocar-se a respeito da natureza de Deus e crer que Ele é como lhe apareceu e nada mais. Só por Sua graça pode-se ficar convencido de que não se pode sondar a profundidade de Suas glórias e que ter amor por Ele é suficiente para sua liberação.

Que o Senhor misericordioso nos conceda sua graça para que possamos vê-Lo nesta mesma vida e terminar com a ronda de nascimentos e mortes.

O HOMEM EM BUSCA DA FELICIDADE

Swami Paratparananda

Tradução do artigo em Inglês "The Man in Search of Happiness" publicado na revista "Vedanta for East and West" n° - 159.

O desejo pela felicidade é inato em todos os seres. O homem não é exceção a esta regra. Se analisarmos bem nossas ações descobriremos que, movidos por este desejo, adquirimos certos objetos e evitamos outros, nos tornamos íntimos de certas pessoas e evitamos a companhia de outras; em suma, evitamos coisas desagradáveis e buscamos as agradáveis com a idéia de atingir a felicidade. Esta busca pela felicidade tem sido o poder motivador detrás de todos os esforços do homem, quer seja no campo temporal como no espiritual. Todas as suas descobertas no domínio da ciência tiveram esta meta em vista. Se hoje, o homem está ansioso para conseguir a supremacia sobre as forças naturais e para subjugar-las visando servir as suas necessidades, é apenas para este propósito. Se, no passado ou mesmo no presente, alguns poucos abandonaram o caminho trilhado pela vasta maioria da humanidade e evitaram buscas mundanas e se retiraram para uma floresta ou para dentro de si mesmos, isto também é devido à sua busca pela felicidade eterna.

Mas a idéia de felicidade difere de acordo com o gosto e o desenvolvimento interno de cada indivíduo. A maioria da humanidade está satisfeita com a gratificação dos sentidos ou acha a felicidade nela. Este mundo, com seus objetos grosseiros, é tudo em que eles estão interessados. No Katha Upanishad, Yama descreve com muita capacidade a mentalidade dessas pessoas: "Vivendo em meio dos objetos transientes, estas pessoas ignorantes, considerando-se sábias e de resolução firme, dão voltas e voltas, da mesma forma que um cego conduzido por outro cego. O que está além desta vida é imperceptível para os extraviados e intoxicados com a riqueza; pensando que este mundo é tudo que existe, eles caem sob minha influência repetidas vezes".¹ Tais pessoas se cercam de objetos que dão prazer, mas são impermanentes; mesmo assim eles acreditam que essas coisas são eternas e imutáveis. E o fato de que eles têm sido capazes de possuí-las, engendram em suas mentes uma ótima opinião de si mesmos, como pessoas capazes e sábias. Assim, embriagados com o vinho da riqueza e do poder eles vagam por este mundo sem nenhuma meta mais elevada em vista. Para estas pessoas, que julgam tudo por suas percepções sensoriais, o além é um mito, pois não pode ser captado pelos sentidos. Portanto, acreditando que este é o único mundo que existe, eles mergulham nos prazeres, adquirem o que podem e, como resultado, são

atraídos repetidas vezes para ele.

Sri Ramakrishna divide os homens em quatro tipos: Os ligados, os buscadores de liberação, os liberados e os sempre-livres. Ele ilustra esta divisão com um exemplo: “Suponha que uma rede foi jogada em um lago para pescar peixes. Alguns peixes são tão espertos que jamais são presos pela rede. Estes são os sempre-livres. Mas a maioria dos peixes é presa pela rede. Alguns deles tentam se libertar dela, e eles são aqueles que buscam a liberação. Mas nem todos têm sucesso neste esforço. Alguns pulam para fora da rede, fazendo um grande ruído. Então o pescador grita: ‘Veja, lá vai um grande!’ Mas a maioria dos peixes presa na rede não pode escapar nem fazem qualquer esforço para sair. Pelo contrário, eles penetram na lama com a rede em suas bocas e ficam lá quietos, pensando: ‘Nós não precisamos ter mais medo, estamos totalmente seguros aqui!’ Mas estes pobres peixes não sabem que o pescador irá retirá-los com a rede. Estes são como os homens ligados ao mundo”.² De novo, falando sobre felicidade, Sri Ramakrishna disse que existem três tipos: *Vishayananda*, prazer que se consegue na satisfação dos sentidos; *bhajananda*, felicidade que se obtém pelas práticas espirituais, e *Brahmananda*, a bem-aventurança que se atinge na realização de Deus. A última não pode ser medida ou comparada com qualquer outra felicidade, ela não pode ser nem mesmo imaginada. Os Upanishads tentaram dar uma indicação de sua vastidão de vários modos. Por exemplo, no Taittiriya, encontramos uma passagem onde a felicidade dos diferentes tipos de seres, começando com o homem e indo até Brahma, o criador é descrita e comparada. Então ela continua declarando que mesmo a bem-aventurança do Criador não é nada comparada com aquela que se obtém ao realizar à Brahman. Em outro Upanishad lemos que toda a criação está sustentada por uma infinitesimal fração desta bem-aventurança, *matrena upajivanti*. Agora surge a questão: Se isto é assim, por que o homem, um ser inteligente, um ser dotado com a capacidade de raciocinar e discernir, corre atrás das insignificantes e sem valor coisas do mundo, negligenciando tal mina de bem-aventurança que é seu direito de nascimento? Há duas respostas para esta questão: (1) muitos não conhecem sobre a existência de tal felicidade e por isso não a buscam; e (2) muitos apesar de que cientes de sua existência acham difícil vencer a influência dos sentidos dirigidos para o externo.

O Katha Upanishad descreve isto de forma bela: “O auto-existente Senhor, prejudicou os sentidos criando-os com a tendência de se dirigir para fora; por isso eles percebem apenas os objetos externos e não o Atman que mora dentro. Mas aquele de mente fixa e determinação firme percebe o Atman que mora dentro retirando os olhos com o objetivo de atingir a Imortalidade”.³ Na frase, olhos representam todos os outros sentidos também. Apenas quando os sentidos são retirados de seus objetos é que a mente pode fixar-se no Ser. De outro modo acontece o que está declarado no verso seguinte do mesmo Upanishad. “Os homens de pouca inteligência, impelidos por seus desejos, caem nas armadilhas da muito difundida morte.” Isto quer dizer, repetidamente tornam-se sujeitos ao nascimento, doença, velhice e morte. Portanto uma pessoa

com discernimento não vê nenhuma felicidade em contatos sensórios. Ele percebe quão passageiros todos eles são e a sede que eles criam nele por mais e mais gozos. Além disso, ele descobre que não há felicidade real neles. O sabor de um alimento delicioso não é mais sentido quando o mesmo não está mais sobre a língua, assim demonstrando a transitoriedade dos prazeres sensórios. Por isso, as pessoas de discernimento não oram por nada deste mundo de coisas passageiras. Mas que grandes dores e aflições deve-se suportar para adquirir até mesmo estas coisas perecíveis e mutáveis! Existe um verso sânscrito que descreve quão miserável torna-se a vida de uma pessoa entregue à paixão desenfreada pela riqueza: “É com grande sofrimento que se ganha dinheiro, mais doloroso ainda é a luta e a preocupação em preservar o que se conseguiu, e ainda mais sofrimento se sente quando tem que gastar o que se acumulou. Desprezo tal riqueza que é a fonte de sofrimento”. Pode-se perguntar: “Como podemos viver se não ganharmos dinheiro?” O que é depreciado aqui não é o dinheiro em si mesmo, mas sim um apego desordenado por ele, que faz do homem seu escravo. A tentação da riqueza é tal que o homem se perde em sua busca e quanto mais a possui, mais a deseja; e para adquiri-la se submete a quaisquer meios resultando na perda de todos os sentimentos humanos em sua louca busca.

Agora, desfrutamos realmente dos prazeres? Bhartrihari em seu *Vairagyashatakam* diz: “Nós não desfrutamos dos prazeres, pelo contrário, nós mesmos somos devorados neste processo”.⁴ Quer dizer, na ansiedade infinita em buscar estes prazeres, nossa energia se esvai e ficamos com apenas o ardente desejo por eles, sem a força para gozá-los. Assim enganados, por assim dizer, nós sofremos mais do que podemos gozar na busca dos prazeres dos sentidos. Sri Krishna diz no *Bhagavad Gita*: “Qualquer gozo que é produzido pelo contato com o mundo externo é apenas uma fonte de sofrimento. Ele tem um início e um fim, por isso um homem sábio, ó filho de Kunti, não se entrega a eles.”⁵ Mas tal é o poder que cobre a realidade, da Grande Ilusão, que as pessoas esquecem suas dificuldades e sofrimentos e correm atrás dos mesmos prazeres que eles comprovaram com vezes serem sem substância, dolorosos e enganadores. Sri Ramakrishna descreveu a condição deles com grande pathos: “As criaturas ligadas, enredadas na mundanidade, não voltarão aos seus sentidos de modo algum. Eles sofrem tanta miséria e agonia, eles enfrentam tantos perigos, e mesmo assim não despertarão. O camelo adora comer arbustos espinhosos. Quanto mais ele come os espinhos, mais o sangue jorra de sua boca. Mesmo assim ele deve comer plantas espinhosas e jamais as abandonará. O homem de natureza mundana passa por tanto sofrimento e aflição, mas ele esquece tudo em alguns dias e começa sua velha vida novamente”.⁶

Nós vimos como, para uma pessoa de discernimento, os prazeres mundanos são apenas um show vazio, incerteza e impermanência sendo todo o seu valor. O mesmo é também verdadeiro com relação à nome e fama, erudição e habilidade de expor as Escrituras. Estes não podem dar ao homem felicidade eterna, apesar de que ele pode encontrar alguma

satisfação neles por algum tempo. Isto fica claro no diálogo entre Narada e Sanatkumara que ocorre no Chandogya Upanishad. Uma vez Narada aproximou-se de Sanatkumara e pediu ao sábio para ensiná-lo. Sanatkumara pediu a ele que narrasse o que já sabia. Narada então deu uma longa lista de assuntos que ele tinha estudado, começando do Rig Veda à Astronomia e Artes, e acrescentou: “Reverendo senhor, eu sou apenas um conhecedor de palavras e rituais, mas não um conhecedor do Atman. Eu tenho escutado de preceptores como o senhor que um conhecedor do Atman vai além deste oceano de sofrimento, mas como eu não obtive o conhecimento do Atman eu estou em um estado de aflição. Seja misericordioso e leve-me através deste oceano”.⁷

Se apenas a erudição fosse suficiente para atingir a felicidade eterna, então Narada, com todo o seu vasto conhecimento deveria ser muito feliz, mas ele não era. Ele sentia que faltava algo que era a essência da felicidade. Onde então se encontra esta felicidade, verdadeira e imutável? No conhecimento do Atman, na realização de Deus ou Brahman. Não é ao mero conhecimento teórico ou livresco à que Narada se refere, quando ele diz: *Shrutam heya me bhagavaddrishebhyah, tarati shokamatmavit iti*, “Eu tenho escutado realmente de preceptores como o senhor que o conhecedor do Atman vai além de toda aflição”, mas à experiência direta de Brahman ou Atman. Os Rishis dos tempos antigos, que buscavam aquela infinita Bem-aventurança, atingiram-na após intensos esforços; e sua vida era de um tipo diferente, de rígida *brahmacharia*,⁸ e controle dos sentidos. Contudo, eles não disseram que eram os únicos capazes de atingir este estado. Pelo contrário, eles convocaram a todos, até aqueles que residiam nas regiões celestiais à tentar e obter seu direito de nascimento, a Imortalidade. Por exemplo, no Shvetashvatara Upanishad o Rishi declara: “Escutem todos vocês, os filhos da Imortalidade, e mesmo vocês que habitam as regiões celestiais, eu conheço o Eterno Purusha, que está além da escuridão e brilha como o brilhante sol. Somente conhecendo a Ele se vai além da morte. Não há outro modo de cruzar este oceano de transmigração.”⁹

Os Upanishads estão cheios de passagens que indicam a profundidade e vastidão da bem-aventurança de Brahman: uma bem-aventurança que é imaculada, que pode ser experimentada mesmo aqui, neste mundo, com a condição de que a pessoa que a busca, viva sua vida de acordo com o padrão estabelecido pelos Rishis, que atingiram Brahman.

Sri Shankara em seu *Vivekachudamani* nos alerta: “Aquele que faz da gratificação do corpo o principal objetivo de sua vida e ainda assim aspira realizar o Atman, é como o idiota ignorante que erroneamente, se segurando em um crocodilo pensando ser um tronco de maneira, tenta cruzar o rio”.¹⁰ Ou seja, aquele que quer realizar a Deus ou Atman, tem que abster-se da indulgência sensual. O conhecimento de Brahman e os prazeres dos sentidos, sendo pólos afastados, não podem ser experimentados ao mesmo tempo. O *Bhagavata* diz: “Qual aquisição ou gozo pode agradar a um homem enquanto a morte está próxima? Certamente eles não são agradáveis para ele. É como oferecer grama a

um animal que está sendo arrastado ao matadouro”.¹¹ Em outro lugar ele recomenda: “Tendo, após muitos nascimentos, obtido este corpo humano extremamente raro, que apesar de frágil, serve como um veículo para o supremo bem-estar do homem, uma pessoa de discernimento deve esforçar-se seriamente pela Liberação, antes que o corpo, que está sempre sujeito à morte, decaia; pois os gozos dos sentidos podem ser experimentados em qualquer corpo”.¹² Somente o homem, equipado com a faculdade do discernimento, está equipado para vencer a atração dos sentidos. No ser humano comum esta faculdade está adormecida, portanto ele é atraído pelos ganhos tangíveis que pode ter e pelos objetos palpáveis e agradáveis que pode agarrar e desfrutar. Como o *Katha Upanishad* diz: “O bom e o agradável se aproximam do homem. O homem de inteligência, os tendo analisado, separa os dois e escolhe o bom em lugar do agradável, enquanto o homem de pouca inteligência opta pelo que dá prazer visando o crescimento e proteção (do corpo, etc.).”¹³ A diferença entre estes dois tipos de objetos é discernível somente para um homem sábio que tem a paciência de considerar a importância ou insignificância deles como também os frutos que eles geram; enquanto a pessoa comum mau inspirada pelos ganhos imediatos, perde de vista a meta da vida.

Mas tão grande deve ser a imensidão da Bem-aventurança que se obtêm ao atingir à Deus, ou realizar o seu próprio Ser, que muito poucos que a experimentaram, retornaram para dizer ao mundo sobre isto. Sri Ramakrishna ilustra este ponto por meio de uma parábola: “Uma vez, quatro amigos, no meio de uma caminhada viram um lugar por um muro alto. Todos eles ficaram ansiosos de conhecer o que havia dentro. Três deles, um após o outro, escalaram a parede, viram o lugar, deram uma grande gargalhada e pularam para o outro lado. Estes três não puderam dar nenhuma informação sobre o que havia dentro. Somente o quarto homem retornou e contou às pessoas sobre ele. Ele é como aqueles que retêm seus corpos, mesmo após atingir Bramajnana, para ensinar os outros.”¹⁴ Tal é a atração daquele estado que quando uma pessoa o atinge esquece todo o resto e o mundo, com todas as suas figuras caleidoscópicas aparece para ele como mera cinzas do crematório. Quaisquer dúvidas que possam ter existido em sua mente sobre a eternidade da Realidade e sobre a transitoriedade deste mundo desaparecem para sempre. Mas nós temos que trabalhar muito para retê-lo, de outro modo, mesmo se por acaso nós o atingirmos, não seremos capazes de suportar seu impacto.

Um incidente que ocorreu na vida de Sri Ramakrishna explicará este fato. Mathuranath Biswas, um genro de Rani Rasmani, uma vez pediu ao Mestre fazê-lo experimentar *bhava samadhi*. Sri Ramakrishna tentou dissuadi-lo, mas ele não o escutou. Pelo contrário, ele insistiu para que o Mestre o abençoasse com aquele estado. Por fim, quando todos os argumentos para convencer à Mathur falharam, Sri Ramakrishna disse: “Bem, eu direi à Mãe e Ela fará o que Lhe agradar.” Em alguns dias teve seu desejo satisfeito, mas ele descobriu ser impossível pensar em algo exceto Deus; ele não podia voltar sua mente em direção de seus deveres

mundanos. Isto assustou Mathur tanto que ele chamou Sri Ramakrishna e quando o Mestre chegou, ele narrou sua experiência, a difícil situação em que ele se encontrava, e implorou ao Mestre para tirar este estado. Assim nós vemos que a menos que uma pessoa se equipe corretamente, purificando sua mente, controlando seus sentidos, etc., não será capaz de conter esta bem-aventurança ilimitada, que chega com a realização do Divino.

Nós mencionamos anteriormente que a bem-aventurança imortal é nosso direito de nascimento e que a totalidade da criação existe devido à uma fração desta bem-aventurança de Brahman; também que uma das razões porque os homens não lutam para atingi-la é devido à sua ignorância sobre sua existência. Coisas similares algumas vezes acontecem neste mundo: por exemplo, devido aos caprichos do destino filhos de pais ricos podem se perder e podem nunca chegar a conhecer seu parentesco ou hereditariedade; ou alguém pode enterrar seu tesouro quando em grande perigo de perder sua vida e fugir do lugar apressadamente e quando o perigo passa retorna ao lugar para desenterrá-lo, mas sendo incapaz de localizar o exato lugar, anda sobre o tesouro uma e outra vez. O Chandogya Upanishad dá uma analogia similar: “Da mesma forma como as pessoas que não conhecem a região, andam repetidas vezes sobre o tesouro escondido no subsolo e não o encontram, assim também, todas estas criaturas aqui, apesar de que entrem diariamente no mundo de Brahman, não O descobrem, pois elas são deixadas levar pelo falso”.¹⁵ Seus desejos por objetos passageiros as conduzem erroneamente. O mundo de Brahman falado aqui é aquele de nossa natureza real, no qual nós entramos quando em sono profundo; quando nem as distrações do estado de vigília nem aquelas do mundo dos sonhos se apresentam. Contudo, permanece a ignorância devido aos desejos inerentes pelas coisas mundanas. Somente se poderá ter a verdadeira felicidade quando estes desejos, juntamente com suas raízes forem removidos da mente. O homem iludiu-se a si mesmo por seu apego ao corpo considerando-o como sendo a sua verdadeira natureza. Contudo, se analisar claramente descobrirá que ele não é nem o corpo nem os sentidos, nem mesmo a mente, mas algo mais. Veremos como se pode chegar à esta conclusão. Se o homem fosse apenas o corpo, então no sono, quando não se é consciente dele, ele deixaria de existir. Mas isto não acontece; é o mesmo homem que foi dormir, que retorna dele. Se ele fosse apenas a mente, então no sono profundo ele deixaria de existir, pois mesmo a mente não funciona então, mas isto também não acontece. Portanto nós somos forçados a concluir que o homem não é apenas um ser psicofísico, porém algo mais. A consciência que este ser psicofísico reflete, que dá a ele sua identidade, não é sua própria, mas do Espírito Interno, que é chamado Atman em sânscrito. As escrituras Hindus dizem que Ele é da natureza de *Sat*, *Chit* e *Ananda*, isto é, Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Quando este Ser é realizado em sua forma mais pura ele é idêntico com Brahman, de quem toda a criação emanou, em quem ela existe e a quem retornará. Os Upanishads são enfáticos e sem ambigüidade em sua proclamação: “Aquilo que é

infinito é apenas bem-aventurança; não há felicidade no limitado; no infinito apenas está a bem-aventurança, portanto deve-se indagar sobre o infinito apenas”.¹⁶ Nesta palavra ‘limitado’ usada pelo Upanishad está incluído tudo que não é Brahman, mesmo os elevados céus. Estes céus são lugares de gozo e sujeitos à destruição como tudo mais que é criado; além disso, os prazeres que se gozam nestas regiões engendram novos desejos. E desejo significa miséria, e jamais a miséria foi vista gerando felicidade neste mundo.

Portanto o Kathopanishad declara: “A eterna bem-aventurança pertence à aqueles sábios que vêem que aquele Único Senhor, - que permeia tudo, é independente, e que se manifesta em diferentes formas, - residindo em seus corações, e à ninguém mais. Somente à aqueles sábios pertence a paz eterna que percebe o Senhor - que é o eterno em meio ao efêmero, que é o único dispensador dos frutos das ações dos muitos - como residindo dentro de seus próprios corações e à ninguém mais.”¹⁷

Quem pode realizar este Atman, ou que estado nós nos tornamos completamente bem aventurados? Este estado é realizado naquele estado quando não se vê um segundo ser, não se ouve um segundo som, não se conhece uma segunda coisa, ou seja, quando tudo neste mundo que existe como nome e forma mergulha dentro Daquele. Em outras palavras quando se realiza a identidade com Brahman; quando des-identifica-se do corpo, dos sentidos e da mente, ou como Swami Vivekananda costumava dizer, quando nos des-hipnotizamos.

Como pode o Atman ser realizado? As Escrituras dizem: “Ele deve ser ouvido, cogitado, e então meditado”.¹⁸

Deve-se ouvir Dele de uma pessoa competente, o acharya, porque somente ele pode expor o significado dos textos das Escrituras autenticamente; somente ele pode nos mostrar o caminho correto. O próprio Shruti declara: “Quando uma pessoa inferior fala do Ser, Ele não pode ser adequadamente conhecido, pois é pensado de vários modos. Mas quando é ensinado por aquele que se identificou com Ele, não restará nenhuma dúvida com relação à Ele.” Após ouvir de uma pessoa competente deve-se tentar pensar sobre o que escutou e então meditar sobre o Atman como ensinado pelo mestre.

O que se consegue quando se realiza o Atman, o Ser Eterno? Uma vez que esta realização seja nossa, as escrituras dizem que nós veremos aquele Ser Eterno, nosso próprio Atman, manifestado em toda parte e toda a ilusão e todo sofrimento desaparecerão. O Bhagavad Gita diz: “Atingindo o qual, não se considera que haja nada mais elevado à ser atingido e estabelecido no qual, não se é abalado nem mesmo pelo maior dos sofrimentos.”¹⁹

Contudo, deve ficar claro que esta bem-aventurança não é alcançada apenas por aqueles que trilham o caminho do conhecimento, mas pode ser experimentada também por aqueles que seguem o caminho de bhakti. Eles também experimentam aquela bem-aventurança sem limites na proximidade de seu Ideal Escolhido. Um devoto da Divina Mãe, como Ramprasad, sempre imerso na bem-aventurança, cantou e dançou

em Seu nome e permaneceu sempre livre. Na totalidade de seu coração ele cantou: “Uma pessoa que tem como sua Mãe, a Bem-aventurada, não pode viver no sofrimento! A Divina Mãe o mantém feliz neste mundo e no próximo”. Santos em toda a Índia, que adoraram a Deus com formas alcançaram este bendito estado. Ele não é propriedade exclusiva de nenhuma seita ou classe da sociedade. Todos, onde quer que estejam colocados, podem lutar por ele. A este respeito, a afirmação dada por Sri Krishna é muito encorajadora: “Se mesmo a mais malvada pessoa me adora com devoção única, ele deve ser considerado como piedoso, porque tomou uma resolução correta. Breve ele se tornará virtuoso e atingirá a paz eterna; saiba com certeza, ó filho de Kunti, que Meu devoto jamais é destruído”.²⁰

Referências

¹ Katha Upanishad, I.ii.5&6

² Gospel of Sri Ramakrishna, Traduzido por Swami Nikhilananda, publicado pelo Ramakrishna Vivekananda Centre of New York, edição de 1942, pgs. 86-87.

³ Katha Upanishad, II.i.1

⁴ Vairagyashatakam 7

⁵ Bhagavad Gita, V.22

⁶ Gospel of Sri Ramakrishna, pg.165

⁷ Chandogya Upanishad, VII.i. 1-3

⁸ Castidade, continência.

⁹ Shevetashvatara Upanishad II.5 & III.8

¹⁰ Vivekachudamani 86

¹¹ Bhagavata XI.v.20

¹² Ibid.XI.iv.29

¹³ Katha Up.I.ii.2

¹⁴ Gospel of Sri Ramakrishna, p.268

¹⁵ Ch.Up. VIII.iii.2

¹⁶ Ibid.VII, xxivi.1

¹⁷ Katha Up.II.ii.12&13

¹⁸ Br.Up.II.iv.5.

¹⁹ Bhagavad Gita VI.22

²⁰ Ibid IX, 30, 31

O Livre Arbítrio e a Vontade Divina

(1979)

Swami Paratparananda

É comum o conceito de que o homem tem livre arbítrio ou vontade livre, que possui a faculdade de agir por reflexão e escolha. Se bem que não podemos negar este conceito tampouco podemos aceitá-lo em sua totalidade como verdade. Por que não podemos assegurar de um modo ou de outro? Por que vacilamos entre aceitá-lo ou rechaçá-lo? Primeiro vamos estudar a definição de livre arbítrio. Significa a faculdade de agir por reflexão e escolha, independente de outros fatores, como por exemplo, a inclinação natural. Os filósofos hindus chamam a esta “faculdade de discernir e decidir”, em sânscrito, buddhi. Segundo eles esta é uma das partes, por assim dizer, do antahkarana, sentido interno do homem, cujas outras partes são: manas (mente), chitta (substância mental), e ahankara (ego). Talvez seja necessário aqui explicar as funções ou poderes destas partes do instrumento interno para compreendê-lo melhor. Manas é que recebe todas as impressões dos objetos que os sentidos lhe apresentam, mas não decide se deve perseguir, aceitar ou rechaçar tais objetos. Neste momento intervém o buddhi (intelecto), a faculdade de discernir, e decide o que vai fazer. Chitta é o depósito das tendências inatas e das impressões que o homem vai recebendo através desta vida. Qualquer experiência ou impressão que o intelecto recebe, ao reflexionar, compara com as que já estão armazenadas no chitta e vê qual foi o resultado desta experiência no passado, antes de decidir. O ahankara (ego) é o que pensa que é o agente. Este é o significado literal da palavra ahankara: “aquele que diz: ‘sou o agente’”. Todos estes são apenas instrumentos, pois não têm poder algum se a consciência do homem não está unida à eles.

A primeira objeção que se pode formular contra esta teoria do livre arbítrio é: Como pode um instrumento ser livre? Se isto fosse certo, então a pena do escritor, o pincel do pintor, o formão do carpinteiro, o cinzel do escultor, a marreta do ferreiro e outras ferramentas semelhantes teriam trabalhado por si sós. A isso se pode responder: não é ao próprio instrumento que nos referimos aqui, senão a faculdade ativada pela consciência. Então respondemos: neste caso não é que o arbítrio ou vontade sejam livres, senão a pessoa que os possui. Neste conceito também há uma trava, pois para a maioria da humanidade sua personalidade significa no máximo a identificação com o ego, o “eu”. Surge então a pergunta: O ego é livre? O “ego”, segundo o monista, é uma falsa identificação do Ser ou Atman com a mente, corpo ou sentidos segundo as circunstâncias ou momentos, devido à ignorância da realidade. Como pode ser livre o que está sob o encanto da ignorância? No entanto isto é exatamente o que acontece: quando estamos vendo magia vemos somente as

coisas que o mago quer que vejamos ainda que não existam, e pensamos que são reais. Neste momento não nos damos conta de que são irreais ou ilusórias. Assim mesmo, os que estão a favor desta idéia de livre arbítrio não vão discutir ou raciocinar deste modo; eles gostam da idéia e a aceitam. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida diária. Um homem que realmente possua este livre arbítrio não teria que desanimar-se pelas circunstâncias adversas. Teria que cumprir com todas suas resoluções e não deveria preocupar-se nem perturbar-se pelos resultados. Mais ainda, deveria manter-se calmo até mesmo quando o resultado fosse desfavorável. Por acaso o homem que aceita esta teoria do livre arbítrio pode enfrentar todas as circunstâncias com calma, pode levar a cabo todas suas resoluções? Isto é muito importante; isto é o que realmente vale: pois a meta final do homem é chegar a ter a tranquilidade, a paz duradoura. Todos seus esforços e lutas são para alcançar este estado de equanimidade, de bem-aventurança. O conceito de livre arbítrio também se originou daí, ter a liberdade de atuar e desfrutar. Pergunte-se se duvidam disto: Por que quero a liberdade? Porque só nela está a paz e a felicidade. Na prisão, na limitação, na sujeição, existem muitas obrigações que nos impelem a atuar e a nos comportar contra nosso desejo e vontade, apesar de nós mesmos. Além disso, estamos inibidos pelas circunstâncias e induzidos a atuar por nossas tendências inatas.

Quando a situação é assim, ou seja, tendo tantos impedimentos e limitações, como pode alguém pensar que é livre? Realmente não podemos. Para verificar isso não necessitamos indagar muito; tratemos de desfazer-nos de um mau hábito e cultivar outro bom, então veremos se realmente temos o livre arbítrio.

Fazemos boas resoluções pela manhã, mas à tarde todas elas, na maioria de nossos casos, são varridas pela corrente dos hábitos e não fica nenhuma; e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano. Passam os anos e as boas resoluções ficam sem cumprir-se, sem podê-las levar a cabo. É essa a indicação do livre arbítrio? Vemos assim que o arbítrio não é tão livre quanto acreditamos.

Na definição do livre arbítrio que já citamos encontramos duas palavras: reflexão e escolha. Reflexão significa, segundo o dicionário, exame cuidadoso de algo. Se o homem fosse guiado pela reflexão, como poderia atuar mal, como poderia, conscientemente, convidar a desgraça e os sofrimentos, produto de suas obras? Por isso temos que admitir que as tendências herdadas das vidas passadas têm muito a ver com o comportamento de cada indivíduo. Não obstante, existe essa idéia no homem e Deus a permitiu para que atue como um incentivo à ação. Se tudo fosse automático, se não existisse este impulso, não haveria nenhuma evolução no homem, talvez o ser humano fosse ainda hoje tão primitivo em seus hábitos, costumes e moralidade como era na época paleolítica, vivendo nas cavernas e movido somente pelas paixões e instintos como os animais. O homem é homem porque pode lutar contra a natureza externa e interna. Tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio certa vez disse: “Foi Deus quem plantou na mente do homem o que o ‘inglês’

chama de livre arbítrio. As pessoas que não alcançaram Deus se meteriam em atos ainda mais daninhos se Ele não houvesse semeado esta noção do livre arbítrio neles. O pecado haveria aumentado se Deus não houvesse feito sentir ao malvado que só ele é o responsável por seus atos pecaminosos. Os que alcançaram à Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é uma mera aparência e que na realidade o homem é a máquina e Deus o Maquinista, o homem é a carruagem e Deus o condutor.”

Também podemos ver que as leis não teriam sentido se cada um não fosse feito responsável por suas ações e tudo seria, nesse caso, um caos, um pandemônio. Como exemplo desta atitude de irresponsabilidade podemos ver o que ocorre com as pessoas que interpretam erroneamente a teoria do karma. Se alguém lhes pergunta que significa esta teoria não podem dar uma resposta convincente, só vão dizer que é o resultado das ações de vidas anteriores. Não se detêm a pensar quem foram os que fizeram estas ações no passado cujo resultado estão agora desfrutando ou sofrendo. Cada um colhe o que semeou ou semeia, ou seja, o fruto de suas próprias ações e não as de outro. Na terra pode administrar-se equivocadamente a justiça, pois o juiz tem que depender das provas e testemunhos diante ele. Mas Deus, estando presente no coração de todos e sendo Ele mesmo a Testemunha de todas nossas ações, inclusive a mais oculta que o homem possa fazer, jamais se equivoca. Só os débeis, ociosos e ignorantes não querem perseguir esta linha de raciocínio, pois então se encontrarão com a seguinte questão: se as ações das vidas anteriores produziram estes frutos, por que não esforçar-me para mudar o modo de minha vida atual e moldá-la melhor para o futuro? O homem tem certa liberdade, é por isso que não podemos negar totalmente o conceito do livre arbítrio.

Mas devemos repetir que o homem não tem uma liberdade total. Vamos narrar aqui uma estória que se encontra no Kena Upanishad: Certa vez Brahman conseguiu que os devas, seres celestiais, vencessem aos demônios. Os devas se orgulharam disso e acreditaram que foi por seus próprios esforços que haviam logrado esta vitória. Brahman, dando-se conta disto, apareceu diante dos devas na forma de um Espírito. Curiosos para saber quem era este Espírito, os devas enviaram a Agni, a divindade do fogo. Quando este se lhe acercou, o Espírito lhe perguntou: “Quem és?” “Sou a divindade do fogo,” respondeu o deva. “Que poder tens?” perguntou o Espírito. “Ah, eu posso queimar tudo quanto existe na terra,” respondeu Agni. O Espírito então colocou diante de Agni uma simples palha e lhe pediu que a queimasse. A divindade do fogo tentou fazê-lo com toda a sua força, mas não conseguiu. Humilhada, voltou para os devas. Depois enviaram Vayu, a divindade do vento, com o mesmo resultado. Por mais que tenha se esforçado para levar a palha soprando não pôde nem movê-la. Desta maneira, um por um, os devas se apresentaram diante do Espírito, fracassaram em comprovar suas respectivas forças e voltaram humilhados. Ao final quando Indra, o rei dos devas, se adiantou, o Espírito desapareceu e em seu lugar apareceu uma mulher belamente adornada. Era Uma, a Força Cósmica. Indra se aproximou e lhe perguntou: “Quem é este Magno Espírito?” Respondeu Ela: “É Brahman. Foi por Sua força

que vocês tiveram a glória.” Aqui vemos que toda a força, até a dos seres celestiais, depende da força de Deus e que os vários devas ou deuses são apenas Seus instrumentos. Lemos nos Upanishads: “Por Sua força o fogo queima, o vento sopra, a água molha e a morte cumpre sua função.”

Certa vez Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, relatou este incidente de sua própria vida falando sobre o problema do livre arbítrio. Em sua juventude era um estudante de medicina e como outros jovens daqueles dias, ao final do século dezenove, era cético, não acreditava na existência do Ser ou Deus. Certo dia este jovem foi visitar Sri Ramakrishna e lhe falou do livre arbítrio, dizendo: “Senhor, onde intervém a vontade de Deus? Eu posso fazer tudo que quero. Estou fazendo ensaios e qualquer coisa que quero fazer, consigo.” Sri Ramakrishna lhe aconselhou que seguisse esta mesma linha de pensamento durante um tempo e observasse o que ocorresse. Mais ou menos um mês depois o jovem voltou a visitar o Mestre e lhe disse: “Senhor, descobri algo; estive observando-me estes dias e vejo que agora não posso fazer nada por minha própria vontade, nem sequer a coisa mais insignificante; antes podia fazer grandes obras. Não compreendo, estou confuso.” Sri Ramakrishna lhe disse que escutasse com atenção a canção que ia cantar, a aprendesse de memória e meditasse sobre seu significado todos os dias. Em seguida cantou:

Tu és meu Tudo em Tudo, oh Senhor – a Vida de minha vida, meu ser mais recôndito;

Não tenho a ninguém nos três mundos senão a Ti, a quem chamar meu.

Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança; Tu, meu sustém, minha riqueza, minha glória;

Tu és minha sabedoria e minha força.

Tu, meu lar, meu lugar de descanso; meu amigo mais íntimo, meu parente mais próximo;

Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação.

Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu meu sempre bondoso Guru;

Tu és a Fonte de minha bem-aventurança sem limite.

Tu és o Caminho; Tu, a Meta, Tu, oh adorável Senhor!

Tu és a Mãe de terno coração, Tu, o Pai que castiga,

Tu, o Criador e Protetor; Tu, o Timoneiro que guia

Minha barca através do mar da vida.

Swami Saradananda seguiu as instruções de seu Mestre e como conseqüência pode resolver todas suas dúvidas. Vemos nesse relato que o ser humano tem certa liberdade de atuar, mas não é total. O homem tem que depender da vontade divina para lograr êxito na vida, especialmente na vida espiritual.

Agora vejamos, de onde surgiu esta idéia de liberdade, ou seja, a idéia do livre arbítrio? Sabemos que existem algumas noções fundamentais no homem, por exemplo, a vida eterna, a felicidade absoluta e a liberdade total. O monista diz que esta é a natureza do Atman, a essência do homem. Portanto não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que esteja submetido à

ignorância, por mais que esteja impedido pelos upadhis, as limitações, como corpo, sentidos e mente. Assim como um homem que teve um pesadelo continua assustado por um tempo mais, mesmo depois de despertar-se, da mesma forma a natureza interna do homem, ainda que coberta por pesadas incrustações, persiste em afirmar-se de alguma maneira. E a idéia do livre arbítrio é uma delas.

A questão que agora se apresenta é: Por que não chamar de livre o que já é? Não vamos confundir uma coisa com outra. É certo que o Ser é livre; mas no estado em que esse Ser se identifica com o corpo. O Ser não tem nenhuma ação que empreender, nada para alcançar; o que falta para alcançar aquele que já é eterno, imaculado, iluminado e livre por natureza? Nada. E toda ação se faz com um propósito, quer seja satisfazer uma necessidade ou cumprir um desejo. É claro que um ser que alcançou a Deus, que O viu cara a cara é uma exceção a esta regra, como é o caso das Encarnações Divinas. Estes seres vêm a terra para redimir a humanidade, para mostrar-lhe o caminho; não têm nenhum motivo pessoal. Sri Krishna declara no Bhagavad Gita: “Oh Arjuna, não tenho nos três mundos nenhum dever que cumprir, nem falta nada para alcançar que não tenha alcançado; no entanto Me ocupo na ação.” Todos os outros, salvo estes seres excepcionais, são movidos por algum motivo pessoal, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como alcançar a Deus, lograr bhakti (devoção) são bons e não prendem os homem a este mundo, não os fazem continuar na ronda de nascimentos e mortes. Pelo contrário, os ajudam a ser mais e mais livres, à medida que se vão fortalecendo. Os motivos baixos, que são na sua maioria egoístas e que consistem na satisfação dos desejos de gozo mundano, não nos liberam, pelo contrário, adicionam um elo a mais na corrente das nossas amarras. Vemos assim que o próprio fato de estar ocupado na ação, repetimos, salvo nos casos excepcionais já mencionados, implica imperfeição. Como pode haver perfeição em um estado imperfeito? Todos nós viemos aqui a terra porque somos imperfeitos, porque temos vários desejos insatisfeitos. Em tal estado não existe um arbítrio totalmente livre. Um homem pode satisfazer seus desejos e como consequência dos transtornos e sofrimentos que padece, é possível que se dê conta da vacuidade de todo gozo mundano e lute para escapar das garras mortíferas do desejo e alcançar a perfeição. Mas não devemos confundir a pouca liberdade de vontade que gozamos com a perfeição, ou plena liberdade. Na maioria das vezes isto é o que acontece: consideramos que como Ser somos livres e ao mesmo tempo o confundimos com o corpo, sentidos ou mente, querendo ver perfeição no imperfeito, melhor dizendo, vendo o imperfeito como perfeito.

Pela graça divina esta confusão não dura para sempre, as dificuldades e o sofrimento que sofremos nos ensinam algo cada dia e gradualmente chegamos a conhecer que o que havíamos considerado como nosso Ser não o era e chamá-lo livre foi um erro. Mas este firme conhecimento vem quando se alcança a Deus; até então, ainda que de vez em quando se tenha um vislumbre dele, se perde em seguida e volta a cometer o erro anterior. Por isso devemos ter esta firme convicção de que o arbítrio não é totalmente livre ainda que tenha

uma aparência de liberdade. Sri Ramakrishna explica isto com um exemplo muito simples: Uma vaca está amarrada a um poste em uma grande pradaria com uma corda longa. A pradaria é infinita e cheia de pasto verde. A vaca pode mover-se livremente dentro da área representada pelo círculo com a extensão da corda como raio e nem um pouco mais. Se agradar ao dono, ele pode aumentar a corda e permitir que a vaca possa pastar sobre um espaço maior. A vaca pode pensar que é livre, mas se dará conta de que não é, quando queira ir além do que a corda amarrada ao seu pescoço lhe permita, pois sentirá o puxão. A vontade do homem também é exatamente igual, lhe foi outorgada certa liberdade, mas não mais.

A impotência humana ante suas debilidades é óbvia na pergunta que um herói como Arjuna faz: “Então, movido por qual força comete um homem más ações, ainda que não queira, como se fosse obrigado?” Sri Krishna responde: “É este desejo, esta ira, originado de rajas, é voraz e malvado; conhece-o como teu inimigo aqui.” Sri Krishna não distingue o desejo e a ira como sentimentos separados, pois o segundo é o efeito do desejo obstruído, por esta razão usa o verbo no singular. Onde está o livre arbítrio quando se move constantemente com tanta facilidade ao ser atacado pelos desejos e paixões? Damos-nos conta de nossas limitações só quando as tormentas dos fracassos agitam nossa barca neste mar da vida. Um jovem, são, rico e poderoso não o sente, pensa que é supremo. Inclusive as pessoas avançadas na idade que não padeceram nenhuma grande calamidade custa a entender isso. Mas chega o momento na vida de cada um em que tem que encarar a vida com é e não como um sonho prazeroso. Só existe uma vontade que é livre e essa é a do Altíssimo. Aquele que se submete à vontade de Deus atravessa sem muito dano as tormentas e dificuldades.

Conta-se uma estória na Índia: Havia um yogui, que certa vez estava parado na praia, quando se levantou um vendaval. Ele viu um barco que ia sendo levado pelos fortes ventos. O yogui havia adquirido alguns poderes sobrenaturais, podia controlar até os elementos da natureza. Movido pela compaixão pelos passageiros deste barco, exclamou: “Que se acalme a tormenta” e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento se acalmou de repente, o barco afundou causando a morte de todos a bordo. Sem dúvida o yogui tinha boa intenção, mas sua visão era limitada, não podia ver além das aparências. Assim são os juízos do homem, propensos à equivocação. Portanto é necessário que tratemos de conformarmos com a vontade de Deus. Sri Ramakrishna ensinou uma parábola sobre a vontade de Rama, que ilustra esta idéia de submissão à vontade divina. Havia um tecelão, um grande devoto, que cumpria com todo o dever que lhe correspondia e ao mesmo tempo recordava a Deus. Até em seus negócios via a vontade de Rama, seu Ideal escolhido. Era honesto e por conseguinte as pessoas tinham confiança nele. Aos que iam comprar tecidos lhes dizia: “Pela vontade de Rama o valor do fio é tanto; pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o ganho é tanto.” As pessoas da aldeia lhe queriam. Certa noite, quando não podendo dormir estava sentado no oratório de sua casa pensando no Senhor, alguns

ladrões, que necessitavam de um homem para carregar o que iam roubar, o levaram a força. Depois cometeram um roubo em uma casa e puseram a carga roubada sobre a cabeça do tecelão. Nesse momento chegou a polícia, os ladrões fugiram, mas o tecelão foi capturado e levado para a cadeia. No dia seguinte foi levado diante do juiz para ser julgado. Os aldeões se inteiraram do que havia acontecido e foram ao tribunal. Disseram ao juiz: “Sua Senhoria, este homem jamais pode cometer um roubo.” O juiz pediu ao tecelão que fizesse sua declaração. O homem disse: “Sua Senhoria, pela vontade de Rama acabara de jantar a noite. Depois, pela vontade de Rama estava sentado no oratório. Era noite avançada, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama estava pensando em Deus e cantando Seu Nome e Suas Glórias, quando pela vontade de Rama, passou por ali um bando de ladrões. Pela vontade de Rama me levaram a força com eles. Pela vontade de Rama cometeram roubo em uma casa e pela vontade de Rama chegou a polícia e pela vontade de Rama fui preso. Depois, pela vontade de Rama a polícia me prendeu durante a noite e esta manhã, pela vontade de Rama, fui trazido diante de Sua Senhoria.” O juiz se deu conta de que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua liberdade. Em seu caminho de regresso à casa, o tecelão disse aos seus amigos: “Pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.”

Mas este tipo de submissão à vontade divina não se obtém de repente, mas pela longa prática de disciplinas espirituais e levando uma vida de pureza e abnegação. Também tem que haver conformidade entre o que se diz, faz e pensa. Esta pessoa é chamada de grande alma. Se pudermos seguir este princípio, gradualmente poderemos nos desfazer de nosso ego e submeter-nos à vontade de Deus.

Qual é a utilidade desta submissão? Não se parece com escravidão? Falamos menosprezando as pessoas que se submetem à vontade divina ou nos sentimos rebaixados ao mero pensar que temos que aprender a submeter-nos a ela, mas não nos sentimos humilhados quando temos que adaptar-nos à vontade de pessoas de quem esperamos benefício material. E neste caso, o que ganhamos? Intranquilidade e sede, desejo de ter mais e mais bens, enquanto que a submissão à Deus tira a agitação e traz a paz. Nada perturba a pessoa que se submeteu à vontade de Deus, como vimos no caso do tecelão da parábola. Se pode argumentar que isto é apenas uma estória e que não há certeza de que tal acontecimento aconteceu alguma vez. No entanto, têm existido pessoas em todo o mundo cuja vida está bem refletida nesta parábola; mas eles não fazem demonstração de sua santidade ou de suas nobres qualidades. Essas pessoas se entregam por completo à vontade divina, não porque esta seja inevitável, mas porque sentem alegria em fazê-lo, sabendo que a bem-aventurança depende desta entrega. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Assim como uma pessoa que confia seu negócio à um bom homem pode estar tranqüilo, do mesmo modo aquele que se entrega totalmente à Deus pode estar seguro de que não vai lhe acontecer nenhum mal, que o Senhor lhe vai cuidar bem.”

Enquanto acreditamos que somos entidades separadas com distintas vontades, estaremos pensando cada um em nosso próprio interesse: os deveres,

desejos e ambições. E enquanto existam estes variados interesses haverá conflito e brigas. E as vontades que levam ambições não podem ser livres, já que uma vai limitar a outra. E a menos que todos os pensamentos fluam em uma só direção, para Deus, não pode haver união da [nossa] vontade com a [vontade] de Deus. E sem conseguir que essa união seja estabelecida não haverá término á insegurança e às paixões.

Tratemos de cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços para chegar a Ele; pois todos os grandes mestres espirituais afirmaram que a graça de Deus é imprescindível para o progresso espiritual do homem.

Que o Senhor nos outorgue confiança Nele para que possamos alcançá-Lo e terminar com este círculo de nascimentos e mortes!

ONDE BUSCAR CONSOLAÇÃO ¹

Swami Paratparananda

Abril de 1978

É um fato bem conhecido que este mundo é uma mistura de bem e mal, de prazer e dor, de concordância e discordância, de carinho e medo, de união e separação, de criação e destruição. Onde está um desses pares de opostos, está também o outro. Não se pode separar um do outro nem se pode achar em uma pessoa comum um só deles isoladamente. Até o ladrão ou assaltante que rouba e mata sem piedade tem em seu coração carinho por sua família ou por uma pessoa em particular, roubando ou matando talvez para mantê-los. Vemos em todos, não somente entre os seres humanos, estes dois sentimentos. Até os pássaros que se comportam como inimigos dos vermes, o fazem com o propósito de alimentar aos seus filhotes. Em outras palavras, podemos dizer que é evidente que o mundo inteiro é um conjunto desses pares de opostos. O que está sob a influência de um, também está sob o domínio do outro. E nenhum dos dois nos permite sair de suas garras e liberar-nos. Todo esforço humano é precisamente ir além destes pares de opostos e alcançar a bem-aventurança plena e eterna. O ser humano tenta lograr este estado de várias maneiras: alguns adquirindo riquezas, outros tendo filhos, estes mediante logros intelectuais, aqueles adquirindo poderes, quer sejam terrenos ou ocultos, no entanto nenhum deles chega a alcançá-lo. Em vez da paz e consolação que buscam através destes meios, se encontram em meio de um labirinto de inquietude, provocada pela sede de possuir mais e mais dessas coisas ou na conservação do já adquirido.

O mundo que criamos desta maneira absorve a mente em sua totalidade e quanto mais nos apegamos aos objetos, tanto mais nos identificamos com eles. O resultado é que a angústia que se sente ao afastar-se deles se faz mais aguda. O homem sabe tudo isto, no entanto não pode desfazer-se do apego pelos objetos e o triste do caso é que a maioria da humanidade nem o tenta. Sri Ramakrishna costumava dizer: “O camelo come arbustos espinhosos e enquanto o faz sua boca sangra abundantemente, não obstante, não cessará de comê-los”. É assim também a vida do ser humano. Sabe que tem que passar por incontáveis sofrimentos neste mundo uma vez que se enreda nele, no entanto não pode evitar envolver-se. O que é que o compele a fazê-lo? Arjuna, o grande herói do Mahabharata, faz uma pergunta idêntica a Sri Krishna: “Então o que, por assim dizer, obriga ao homem a levar uma vida cheia de erro, ainda que não queira?” Sri Krishna lhe responde: “É este desejo, é esta ira, produto de rajas, que o obriga. É voraz e malvado. Conhece-o, com certeza, como teu pior inimigo aqui”. Vemos aqui que se usou o verbo no singular, ainda que

¹ Traduzido do original em espanhol “Donde Buscar Solaz”.

aparentemente existam dois sujeitos, 'desejo e ira'. Shankaracharia comentando este verso diz que a ira é outro aspecto do desejo; quando se impede o cumprimento do desejo este se converte em ira, portanto no texto o verbo está no singular. Em realidade, a base de toda atadura deste mundo é o desejo. E enquanto se tenha ainda que seja um vestígio de desejo, não pode ir além dos pares de opostos.

Por que acontece isto? Por que não é possível desfazer-se do desejo? Não é que todos não possam fazê-lo. Pelo contrário, sabe-se que alguns se liberaram rompendo a corrente do desejo. Mas muito poucas são as pessoas que pertencem a esta classe. A maioria da humanidade vem à terra devido ao impulso desse desejo, que eles haviam abrigado durante vidas anteriores. Geralmente buscamos felicidade e consolação no externo, fora de nós, por estarmos sujeitos às nossas paixões e desejos.

Os sankhias, psicólogos hindus de épocas anteriores, dizem que a criação ou o universo é o produto do desequilíbrio dos três elementos constituintes da Prakriti ou Natureza. Eles os chamam gunas. Estes três gunas existem em toda a criação, tanto no ser humano como em qualquer outra coisa vivente; mas são perceptíveis, pelas qualidades que eles engendram, de uma maneira mais clara no homem. Cada um destes gunas tem suas peculiaridades; cada um produz no ser vivo certas inclinações. O Bhagavad Gita em seu décimo-quarto capítulo descreve detalhadamente a influência de cada um deles: "Sattva, rajas e tamas são os três gunas que se originam da Prakriti. Atam ao ser imutável que mora no corpo. Sattva, sendo sem mácula, é brilhante e tranqüilo, no entanto ata ao ser por seu apego à felicidade e ao conhecimento". A felicidade e o conhecimento à que se refere aqui não são os mais elevados, mas os relativos a este mundo objetivo, por exemplo, a felicidade que se sente contemplando um panorama natural de paisagens ouvindo musica, etc, e o conhecimento do múltiplo. Esta felicidade e esse conhecimento não levam alguém a Deus, ainda que estejam em um nível mais alto que os das pessoas comuns. O apego a esta classe de felicidade e conhecimento, a pesar de ser mais fino, prende o homem ao mundo.

O Bhagavad Gita continua: "Sabe que rajas é da natureza da paixão, a fonte da sede e do apego, prende fortemente ao ser encarnado pelo apego à ação." Aqui 'sede' se refere ao desejo por coisas não adquiridas. Sabemos que não há saciedade para esta sede. Pensamos que logrando tal ou qual objeto estaríamos satisfeitos. Com este motivo trabalhamos duramente, mas tão logo o logramos a mente sugere outro objeto mais brilhante, mais atrativo como meta. Por acaso obtendo-o o homem fica satisfeito? Não. Sua busca segue sem parar. É assim como rajas impele ao ser humano a meter-se em um turbilhão de atividade.

"Tamas, - diz Sri Krishna, - é produto da ignorância, que ilude todos os seres e submetendo-os ao erro, preguiça e sono os prendem fortemente". O que está sob a influência deste guna, vê tudo ao contrário: toma o transitório pelo eterno, o mal pelo bem e assim por diante.

Sri Ramakrishna compara a esses gunas com ladrões, por que todos eles privam ao homem de sua faculdade de discernir e lhe ocultam a Verdade. Para

explicar isto, o Mestre relata uma estória: “Certa vez um homem passava por um bosque quando três ladrões lhe assaltaram e lhe roubaram tudo o que tinha. Um deles dizendo: ‘De que serve deixá-lo com vida?’ estava por matá-lo com sua espada quando o segundo ladrão lhe deteve dizendo: ‘Oh não! De que serve matá-lo? Ata-lhe os pés e as mãos e deixe-o aqui.’ Em seguida os ladrões fizeram isto e se foram. Depois de um tempo, o terceiro ladrão voltou e disse ao homem: ‘Ah, sinto muito. Você está ferido? Vou te soltar as cordas.’ Depois de libertá-lo o ladrão lhe disse: ‘Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada.’ Depois de um longo tempo chegaram ao caminho principal. Então o ladrão disse ao homem: ‘Siga por este caminho. Lá está sua casa.’ A isto o homem respondeu: ‘Senhor, Tu foste muito bom comigo. Venha à minha casa’. ‘Oh não! – disse o ladrão. Não posso ir lá, a polícia saberá.’”

Sri Ramakrishna explicou: “Este mundo mesmo é o bosque. Os três ladrões que andam aqui são sattva, rajas e tamas. São eles os que roubam ao homem o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destruí-lo. Rajas o ata ao mundo. Mas o sattva lhe salva das garras de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva o homem se salva da ira, luxúria e outros maus efeitos de tamas. Além disso sattva solta as amarras do mundo. Mas sattva também é um ladrão. Não pode dar ao homem o Conhecimento final da Verdade, ainda que lhe mostre o caminho que conduz à Suprema morada de Deus. Ao mostrar-lhe o caminho, sattva diz: ‘Olhe lá, sua casa está daquele lado.’ Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman.”

Já dissemos que estes três gunas existem em todo ser vivo; em alguns predomina um dos gunas e em outros outro deles, e segundo qual deles predomina em um ser humano, este manifesta tranqüilidade, atividade ou preguiça. Rajas inquieta ao homem, o faz correr atrás de todo tipo de atividades e prazeres. Impulsionado pelos desejos, o ser humano comete erros e como consequência colhe seus frutos amargos. Então se sente miserável. Tamas, devido à letargia que engendra no homem e pelas idéias equivocadas que planta nele, é muito mais perigoso. Estando preso na rede da ignorância, sob o domínio de tamas, o pobre ser humano crê que é um sábio. Este tipo de crença não o libera do sofrimento que vem como resultado de suas ações errôneas. É então quando trata de jogar a culpa de seu sofrimento em alguém, ignorando que está colhendo o fruto de suas próprias ações. Só então o homem busca consolação. A questão é saber onde deve buscá-lo.

Um agnóstico ou cético que não crê em um Ser Supremo ou Deus, depende da matéria, das comodidades materiais para reconfortar-se. Mas por acaso o logra? Não. Então tenta esquecer seu sofrimento talvez com bebidas alcoólicas ou drogas. Mas o efeito de todas estas coisas é momentâneo. Quando o efeito passa, o sofrimento o ataca, como se com vigor redobrado. Além disso, a mente que este pobre homem quer adormecer ingerindo estes tóxicos, é tão ingrata que não somente não lhe deixa esquecer os danos causados pelos demais ou os erros cometidos por ele mesmo, senão que lhe lembra tão constantemente que não o deixa em paz. Talvez se possa escapar da observação das pessoas, mas de nenhum modo de sua própria mente. Esta o acompanha

por todas as partes e em todos os momentos como uma sombra. Sua censura é mais aguda, quando não se vê uma saída para seu sofrimento.

Vejamos, talvez exista o sofrimento no mundo como um corretivo para a humanidade que erra. Se pode perguntar: “Bem, por acaso não sofrem aqueles que crêem em Deus ou levam uma vida espiritual? Vemos que eles sofrem mais do que os que não crêem em nada.” Certamente eles também sofrem. O mundo, como dissemos ao início desta conversa, é uma mistura de prazer e dor. Nenhum deles é permanente. Felicidade e sofrimento se alternam na vida do homem. O corpo é de matéria e tudo que é material é mutável e mutante. Portanto todos os seres encarnados estão sujeitos a estas mudanças da matéria. Além disso, como Swami Vivekananda disse: “A vida está e deve estar acompanhada pelo mal. Um pouquinho de mal é a fonte da vida.” Que quer dizer ele com esta última frase? Um ser perfeito não necessita encarnar-se, salvo nos poucos casos dos que vêm à terra para ensinar a humanidade. Um ser nasce porque é imperfeito, tem desejos e até que não consiga a perfeição terá que vir a este mundo uma e outra vez. Isto é o que afirmam os Upanishads quando declaram: “Pelas ações meritórias se alcançam os mundos superiores e pelas más ações se alcançam os mundos inferiores e com um equilíbrio entre estes dois tipos de ações se volta ao mundo do ser humano.” Ou seja, nasce como homem.

Aquele que crê em Deus e segue o caminho da retidão e do espírito sabe, ou melhor dito, deve saber que sua crença em Deus, sua intenção e seus esforços para seguir este caminho não o liberam de seus sofrimentos físicos nem das preocupações. O verdadeiro amante de Deus não busca milagres, nem reza pela cura de suas enfermidades ou por seu bem-estar. Ama a Deus por amor a Ele. Tenta desenvolver o gosto por levar esta vida, sem ostentação. Não espera nem sequer o reconhecimento das pessoas. Sabe que o amor por Deus que ele busca é em si mesmo a recompensa de suas duras práticas e austeridades. Luta com suas paixões e sentidos, os quais querem arrastá-lo para o caminho da escuridão. E ao final chega a ter uma paz que mesmo as duras penas só alguns poucos alcançam. Sente a proximidade do Senhor e não se sente abandonado em nenhum momento ainda que o mundo inteiro esteja contra ele. Sri Krishna disse sobre isto: “A Suprema Bem-Aventura com certeza vem a este yogui, cuja mente se tranqüilizou, cuja paixão se aquietou e que se tornou Brahman, havendo-O realizado e que não tem mancha.”

Vejamos, a verdadeira habilidade consiste em poder ir além do bem e do mal, porque só então se pode alcançar a paz e a consolação. Como podemos fazê-lo? Confiando em Deus e submetendo-nos à Sua vontade. Como podemos saber qual é Sua vontade? Tudo o que acontece, acontece por Sua vontade. Neste caso por que não deve pensar alguém que o que está fazendo também é por Sua vontade? Verdade, não há argumento contra isto. Mas está certo que é Sua vontade que está trabalhando por meio dele? Sendo assim não se sentirá exaltado com o êxito e nem se sentirá deprimido pelo fracasso. Caso contrário, ainda que sinta só um pouquinho de exaltação ou orgulho por haver alcançado algo ou pensa que é ele o agente da ação, então esta pessoa não crê no que diz. É hipocrisia o que a faz dizer que a vontade de Deus trabalha por meio dela.

Surge outra pergunta: “Devemos submeter-nos, sem fazer esforço algum, a todo tipo de calamidades?” Ninguém aconselha isto. Enquanto uma pessoa seja consciente de que ela é o agente de suas ações deve resistir a tudo que considera como maldade. O ensinamento “não resista ao mal” é para as almas muito evoluídas. Não significa somente a resistência física senão também a mental. Na pessoa que segue este ensinamento não deve surgir nem sequer uma idéia contrária, ou um sentimento de ódio por quem lhe prejudica. Só se pode falar de cumprir com este preceito na sua totalidade quando se alcança o estado em que a mente se mantém equânime sob todas as circunstâncias. Mas para as pessoas comuns que são movidas ainda pelas menores mudanças no comportamento dos demais em relação a elas, o caminho consiste em resistir ao mal, não somente o que se origina de fora, senão também o que está dentro delas mesmos.

Pode chegar a consolação e a paz a alguém que crê que é a vontade de Deus a que atua no mundo? Vamos ser explícitos: se por consolação e paz se entende de que não vai sofrer mais, que não vai ter mais preocupações, então ninguém no mundo a terá. Mesmo para aquele que toma refúgio em Deus chega o sofrimento físico e não se suaviza o golpe que cai sobre ele; acontecerão as calamidades se tem que passar por elas, mas junto com as mesmas virá também a força para enfrentar o perigo e as tribulações. Não se desesperará quando se encontre em situações difíceis, sabendo que é a vontade de Deus que age aqui e que Ele irá fazer o que é bom para ele.

Tem um crente comum esta confiança, essa força? Isto depende da intensidade da fé de cada um. Diz-se que a fé pode mover montanhas, mas ela tem que ser inamovível como uma montanha. Há uma estória que Sri Ramakrishna costumava contar à seus discípulos que explica sobre os diferentes tipos de fé: “Em certa aldeia vivia um brahmin, a quem uma pastora que vivia no outro lado do rio, dava leite todos os dias. As vezes ela demorava em levar o leite. Um dia o brahmin se zangou e lhe perguntou porque demorava. Ela lhe explicou que tinha que esperar o bote que às vezes se encontrava do outro lado e que o barqueiro também aguardava os passageiros e tudo isto era a causa se sua demora. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Mulher, as pessoas cruzam este oceano do mundo repetindo o nome de Deus, e tu não podes cruzar este pequeno rio fazendo o mesmo?” A mulher, simples como era, aceitou esta reprimenda e acreditou nas palavras do brahmin. A partir do dia seguinte ela levava o leite sem demoras. Observando isto, o brahmin lhe perguntou: “Por que não demoras mais em vir aqui?” A mulher respondeu: “Repetindo o nome de Deus, como o senhor me indicou, cruzei o rio e não preciso esperar mais o barco.” Assombrado e não podendo acreditar nisto, o brahmin lhe pediu que lhe mostrasse como o fazia. Ambos desceram ao rio e a mulher com toda a facilidade caminhava sobre as águas repetindo o nome de Deus. Mas voltando-se notou que o brahmin, ainda que repetisse o nome de Deus, levantava suas roupas para que não se molhassem. Então a pastora lhe disse: “Senhor, repete o nome de Deus e ao mesmo tempo levantas suas roupas. Tu não crês no que dizes.” Aqui estão os dois tipos de fé. E a maioria das pessoas é como este brahmin, fala da fé mas não a tem. Mas é claro,

a fé inquebrantável vem com a visão de Deus ou sendo simples como esta pastora ou como uma criança.

Como se desenvolve esta fé? Sendo simples e cândido como um menino. Quando alguém é cândido confia nas palavras das escrituras e dos grandes mestres espirituais. Em seguida põe em prática seus ensinamentos sem vacilação nem dúvida. Esta prática fortalece sua fé em Deus, pois nela encontra uma força que não é deste mundo.

Vejam agora, o que acontece com os que não são francos e simples? Se eles querem ter consolação e paz também têm que lutar duramente para vencer seus defeitos. Têm que rezar ao Senhor com todo o coração para que os coloquem no bom caminho e possam corrigir-se. Pode surgir a dúvida: E se as orações não forem respondidas? A própria dúvida demonstra que não tomamos o caminho a sério, que não temos o verdadeiro anelo. Porque esta dúvida não tem base. Por acaso não nos asseguram os grandes mestres da humanidade, que realizaram a meta da vida, que viram à Deus, que Ele é nosso guia interno e escuta nossas orações quando são sinceras? Por exemplo, o Senhor Jesus Cristo afirma: “Peçam e lhe darão; busquem e acharão; chamem e lhe abrirão. Porque qualquer um que peça, recebe e o que busca, acha e ao que chama, lhe será aberta [a porta]. Que homem entre vós, a quem se o filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedisse um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedem.” Portanto, se rezando uma vez não conseguimos resposta, não devemos pensar que Deus não escuta nossa oração. Swami Vivekananda disse: “Quantas tempestades e ondas é preciso enfrentar antes de chegar ao porto de Paz! Quanto maior foi o homem, mais terríveis foram as provas pelas quais teve que passar.” Assim, se queremos uma coisa valiosa, devemos estar preparados para pagar seu preço. E a paciência e a perseverança são o preço da paz eterna. Não devemos fraquejar nem afrouxar nossos esforços, mas continuar com a luta, não importa o que aconteça. Porque não há consolação em nenhum outro lugar senão em Deus. Se O deixamos, a que outro lugar podemos recorrer em busca de paz? Em que podemos confiar? Em riquezas, em filhos, em parentes ou amigos? Até quando podem eles ajudar-nos e como podem dissipar nossos sofrimentos que estão além da ajuda humana? Sabendo que não temos a ninguém senão ao Senhor neste mundo a quem podemos chamar propriamente nosso, devemos tomar refúgio n’Ele. Swami Vivekananda aconselha: “Renuncie a todo ‘eu e meu’, pois o Senhor chega àquele que não tem nada neste mundo.” Estas palavras surgiram de sua própria experiência, não é mero palavreado. É por isso que ainda enchem ao leitor com estremecimento e lhe infundem confiança em si mesmo. As palavras daquelas pessoas que tocaram e apalpam o infinito levam uma força própria. Estas palavras consomem, por assim dizer, como o fogo, toda dúvida, todo temor e vacilação dos que as ouvem ou lêem.

Por que então se queixam e gemem até os crentes quando estão em circunstâncias difíceis? Porque ainda não aceitaram ao Senhor como seu no sentido mais pleno. Além disso, entregar-se à Deus não é tão fácil como parece enquanto exista tão sequer um pequeníssimo vestígio do desejo de gozar,

enquanto haja imperfeição no homem. Porque aquele que se entrega totalmente à Deus não tem nada que temer, pois Sri Krishna nos assegura: “Eu (o Senhor) Me encarrego daqueles que sempre pensam em Mim unicamente, Me servem e Me adoram, e lhes provejo do que lhes faz falta e cuido do que já têm.”

Ouvindo isto se pode atribuir parcialidade a Deus e dizer que em tal caso Ele também, como qualquer ser humano, está sujeito a todas as debilidades, como ódio, parcialidade e coisas assim. Esta acusação não tem fundamento como veremos do que disse Sri Krishna: “Eu me manifesto igualmente em todos os seres. Ninguém é odioso nem mui querido para Mim. No entanto, Eu estou naqueles devotos que Me adoram com devoção e eles estão em Mim.” O Senhor está em todos os seres como seu guia interno, como seu Ser mais recôndito. Como podemos então odiar alguém? O significado é que o devoto por sua intimidade com Deus perde a noção de diferenciação e distância que um homem comum sente entre ele mesmo e Deus. Para o devoto, o Senhor é muito seu, muito íntimo e as coisas do mundo não tem muito valor para ele. Sua vida se centra em Deus. Pelo contrário, para o homem mundano Deus é uma palavra e os objetos sensórios são como se fossem sua própria vida. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Deus está em todas as partes, mas se manifesta de uma maneira especial no coração do devoto.” Eis aqui um canto que expressa a atitude do devoto por Deus:

Ó Senhor, Tu és meu Tudo em tudo, a Vida de minha vida, a Essência da essência;

Nos três mundos não tenho a ninguém senão a Ti a quem possa chamar meu.

Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança;

Tu, meu apoio, minha riqueza, minha glória,

Tu, minha sabedoria e minha força.

Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu amigo íntimo, meu parente mais querido.

Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação;

Tu és minhas escrituras, meus mandamentos, Tu, meu sempre bondoso Gurú.

Tu és a fonte de minha bem-aventurança sem limite.

Tu és o caminho; Tu, a meta; Tu, ó Adorável, ó Senhor.

Tu és a mãe de coração terno; Tu, o pai que castiga.

Tu és o Criador e o Protetor. Tu, o Timoneiro que guia minha barca através do mar da vida.

Aqui vemos como desaparece da vista do devoto a barreira do resplendor e glória que interferem na relação de um ser individual com o Ser Supremo. Para o devoto, Deus não é um estranho, por conseguinte, sente Sua

proximidade. Em troca, o homem comum, devido a sua ignorância, constrói barreira sobre barreira entre ele e Deus; barreiras do ego, riqueza, renome, fama, orgulho e assim por diante. São estas que nos impedem de ver a Deus, que mora em nosso coração.

O que acontecerá com aqueles que levam uma vida imoral e má, aqueles que cometem erros? Não há saída para eles? O Bhagavad Gita promete a salvação para eles também: “Ainda que um homem seja o pior dos malvados, se Me adora com a devoção de todo coração, deve ser considerado como uma alma nobre, pois tomou uma boa determinação.” O significado é este: O ser humano comete erros, por vários motivos, mas por esta razão não deve ser condenado por toda vida. Se ele se arrepende e toma refúgio em Deus existe a possibilidade de que suas tendências viciosas desapareçam e caiam dele, como as folhas secas de uma árvore no outono. Sri Krishna agrega: “Em pouco tempo este homem se converte em um santo e alcança a paz imortal. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece.” Temos aqui a promessa inequívoca do Senhor.

Qual é a atitude que melhor convém ao devoto, está explicado por Sri Ramakrishna. Cita o exemplo do gatinho: “O gatinho só sabe chamar a sua mãe, dizendo ‘miau, miau’. Fica contente aonde quer que a mãe o ponha. A gata o põe às vezes na cozinha, às vezes no solo e outras vezes sobre a cama. Quando o gatinho sofre, grita, ‘miau, miau’, não sabe fazer outra coisa. Mas tão logo a mãe gata ouve este grito, aonde quer que esteja, vem até ele. Clama por Deus, — conclui Sri Ramakrishna — desta maneira, com um coração anelante, então com toda certeza poderás vê-Lo.”

Surge outra vez a velha dúvida, que já foi respondida, de outra forma: “Por que Deus não outorga a todos fé n’Ele? Por que só dá à alguns e não à outros? E por que, mesmo à estes poucos, dá a fé de diferentes graus? O Bhagavad Gita o aclara: “O Senhor não obriga ninguém à atuar, não cria para as pessoas nem os objetos nem a união com os frutos das ações. É a natureza que atua. O Senhor não recebe nem o mal nem o bem de ninguém. O conhecimento está coberto pela ignorância, por conseguinte, os seres ficam iludidos.” A natureza ou Prakriti, por seus poderes de ocultar a realidade e projetar a irrealidade, rouba do ser individual sua faculdade de discernimento e ele identificando-se com a natureza toma o irreal pelo Real, o transitório pelo Eterno e permanece apegado ao mundo. O dia em que cessar de fazê-lo se dará conta de sua verdadeira natureza e se liberará para sempre.

Vejamos agora, como podem aqueles que já estão presos no mundo, chegar à Deus, a morada da consolação? Não podem de repente romper sua relação com aqueles com quem convive, nem desfazer-se de seus deveres. A eles Sri Ramakrishna aconselha: “Cumpra com todos os deveres, mas mantenha vossa mente em Deus. Viva com todos, com esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem seus mui queridos, mas saiba no mais íntimo de vosso coração que eles não lhe pertencem; que Deus é vosso amigo, parente e morada.”

Que possamos alcançar à Deus, a morada da consolação, nesta mesma vida, por Sua misericórdia!

O LUGAR DO GURU NA VIDA ESPIRITUAL^(*)

Por Swami Paratparananda

** Editorial da revista The Vedanta Kesari – Fevereiro de 1965; Vol. 51; pág. 487*

UMA INTERESSANTE pergunta colocada por pensadores, que de algum modo tem um vago conhecimento de que a divindade é a verdadeira natureza dos seres humanos é: ‘Se nós todos somos fagulhas do mesmo divino Espírito, que necessidade existe de um homem ajudar outro a realizá-la?’ É uma colocação sincera e inteligente. Podemos sentir que aquele que questiona é sincero. Talvez um pouco de tudo tenha perturbado tal mente — e existem tantas novas filosofias surgindo, o suficiente para confundir qualquer homem comum.

Qual é a resposta para tal questionamento? Vamos colocar em prova aquele que questiona. Como ele sabe que é uma fagulha da divindade? Ele sabe por sua própria experiência ou de livros, literatura ou de outras pessoas? Bem, se ele conheceu isto de outras pessoas ou livros, ele foi derrotado por sua própria pergunta. Pois se ele pode acreditar em certas coisas ditas em algum lugar e por algumas pessoas que o impede de acreditar na necessidade de confiar na eficácia e na utilidade de um guia espiritual, uma pessoa, talvez, mais regular em suas orações e meditações, sincera até o âmago em sua vida espiritual e de caráter puro e imaculado? Isto, é claro, o questionador não pode responder exceto concordando que sua premissa estava errada. Ainda assim ele pode sentir que sua pergunta permanece sem resposta. Portanto vamos nos voltar para o lado prático da questão. Vamos tomar o exemplo de um filho ocupado com seu jogo. O jogo o absorveu e ele esquece seus estudos. Não é necessário que a mãe o lembre de seus estudos? No mundo espiritual nós somos todos crianças até que tenhamos atingido os mais altos estágios da realização. Precisamos de um guia, o Guru, para lembrar-nos, mais ainda, ajudar-nos realmente a vencer os obstáculos em nosso caminho.

Por que nós não podemos fazê-lo por nossos próprios esforços? Talvez isto seja possível em casos muito raros onde o anelo por Deus é intenso, onde a renúncia é como um fogo flamejante, mas para os aspirantes comuns um guia espiritual é essencial. É verdade que nossa natureza é divina, que somos filhos da Imortalidade. Mas somos conscientes deste fato? Quantos dias em um ano somos conscientes disto, quantos minutos em um dia? Temos que confessar que muito raramente somos conscientes disto. A idéia das práticas espirituais é a de tornar-nos conscientes desta divindade mais e mais. Agora, os caminhos espirituais são numerosos, qual deveria um determinado aspirante escolher? Todas

estas questões intrincadas são resolvidas por um verdadeiro mestre por sua percepção profunda da vida do discípulo. De outra forma os aspirantes serão tentados a seguir quaisquer caminhos que se apresentem a eles como atrativos, como fáceis. Será como cavar em busca de água em determinado local agora e em seguida em outro, mas não suficientemente fundo para atingir o veio da água. É preciso ser perseverante e persistente se desejar qualquer resultado na vida espiritual. Apenas flutuar nas águas não nos levará às gemas que repousam no leito do oceano. Deve-se mergulhar fundo, diz Sri Ramakrishna.

O *Kathopanishad* adverte os futuros aspirantes à vida espiritual de forma rígida: 'Não é para muitos nem mesmo escutar sobre isto. E mesmo entre aqueles que escutam sobre Ele, muitos não compreendem. Maravilhoso é o mestre e afortunado o que obtém este ensinamento. Ainda mais maravilhoso é aquele que O compreende quando ensinado por um sábio.¹ Muitas vidas têm sucumbido nos mares desta existência. Um sábio piloto é necessário. Se mesmo depois de repetidas instruções nós não somos capazes de compreender o Supremo Espírito, então como podemos por nossos próprios esforços atingi-lo!

Tomando como certo que algum dia a fagulha em nós se acenderá se as condições se tornarem propícias, como nós podemos saber que outras circunstâncias permitirão a ela brilhar? Se, por exemplo, uma grande carga de lenha molhada é jogada sobre brasas, estas serão capazes de consumir a lenha? Nunca. O fogo diminuirá e se apagará em breve. Mas supondo que se conheça como acender o fogo com esta fagulha, irá manuseá-la com sabedoria e o fará crescer e brilhar mais adicionando folhas secas, não seria este mesmo fogo capaz de queimar até mesmo uma floresta? A condição do homem é quase idêntica. Uma grande quantidade de tendências está abafando a divina fagulha e tornando impossível uma melhor visão daquele brilho divino. A luxúria e a cobiça são as duas principais dificuldades que oprimem sua mente tornando impossível para ele estar consciente de sua divindade.

A parábola de Sri Ramakrishna do tigre comedor de ervas descreve corretamente a condição do homem. Um tigre recém-nascido que foi deixado no meio das ovelhas, mesmo antes de ter bebido o leite de sua mãe, seguiu os modos das ovelhas — comia grama e balia quando ameaçada por um perigo. Um dia outro tigre atacou o rebanho e quando viu um tigre balindo e fugindo, ficou surpreso. Contudo ele agarrou o tigre comedor de ervas e perguntou, 'Por que você está fugindo? Você é um tigre como eu.' Mas o tigre comedor de ervas não podia acreditar nisto. Então o outro tigre o arrastou até um lago; mostrou á ele seus reflexos na água e empurrou um pouco de carne em sua boca e rugiu. O tigre comedor de ervas, assim convencido de sua natureza e tendo provado a carne, rugiu em resposta. Aqui é como o verdadeiro mestre ajuda um aspirante. Nós nos esquecemos de nossa verdadeira natureza e presos nas redes do mundo acreditamos ser ovelhas. Portanto dúvidas surgem em nossa mente mesmo quando nos dizem que somos a própria

divindade. O outro tigre é o Guru que nos torna consciente de quem somos.

Agora vamos analisar outra ilustração. Swami Vivekananda deu o exemplo sobre plantar uma semente. 'Você faz crescer uma planta?' ele perguntou. Não. A vitalidade para germinar está na própria semente. Você não pode infundir esta vitalidade nela. 'O que você pode fazer é colocá-la em um solo adequado, aguá-la e assim ajudá-la a crescer. Você apenas remove os impedimentos e obstáculos no seu caminho permitindo que ela cresça por si só'. Da mesma forma a divina fagulha no homem é para ser sentida e não simplesmente conhecida teoricamente. O trabalho do Guru é ajudar o discípulo a senti-La, realizá-La, descobrindo e removendo os impedimentos que bloqueiam seu caminho.

Nós temos apenas que verificar a maneira com a qual Sri Ramakrishna treinou seus discípulos para compreender esta relação entre o Guru e o *sisya*. Primeiro houve sua seleção dos discípulos apropriados e então seu treino deles. Ele conhecia o passado, presente e futuro daqueles que ele tomou em suas mãos para moldar como seus discípulos. Não foi apenas Sri Ramakrishna que possuía tais poderes. Jesus também os teve diante dele. Não escolheu Jesus alguns de seus discípulos entre pescadores? As Encarnações podiam com um olhar conhecer a natureza de qualquer homem que tivessem contato.

Conhecendo assim seus mais íntimos pensamentos as Encarnações podiam corrigir seus discípulos sempre que agissem errado. Jesus previu para seu rebanho apenas um dia ou dois antes da crucificação: Um entre vocês me trairá. E eles ficaram tristes, pois o Senhor não acreditava neles. Mas esta profecia não foi cumprida? Pois ele disse a Pedro, 'Você me negará três vezes antes do galo cantar' e não foi isto cumprido? E Pedro não negou firmemente que tal coisa fosse possível para ele? E ainda assim como isto veio a acontecer? Isto mostra que Jesus podia ver não apenas o que iria acontecer com si mesmo, mas também que pensamentos surgiriam nas mentes daqueles próximos a ele. Isto prova que as Encarnações de Deus tem o poder de conhecer tudo que querem saber. Nada fica escondido ao seu olhar. Por isso eles têm o mais alto lugar como Gurus, como mestres de humanidade, em todas as épocas.

O ministério espiritual de Sri Ramakrishna foi um fenômeno maravilhoso. É como uma paisagem de tonalidades em constante mudança, sempre atrativas e nunca cansativas, o jogo espectral de cores, contudo apontando para a mesma meta, que é Deus. Algumas vezes ele costumava fazer seus jovens discípulos rolares no solo de tanto rir por seu humor; em outros momentos ele cantava canções para eles sobre o divino e os transportava a uma região exaltada. Em outros momentos haviam discussões sobre as filosofias de diferentes seitas em diferentes épocas. E então ele os exortava a uma vida austera e de meditação. Uma vez quando um discípulo disse a ele que tentava meditar, mas sua

meditação não era muito profunda e nem sem perturbações, Sri Ramakrishna escreveu algo sobre a língua do discípulo e o mandou para o retirado Panchavati em Dakshineswar. O discípulo, mesmo enquanto ia para o citado lugar foi perdendo sua consciência externa e a perdeu totalmente tão logo chegou ao lugar e se sentou sob aquela árvore. Ele voltou a si, para usar uma expressão mundana, somente quando Sri Ramakrishna massageou seu corpo, do peito para baixo. Numerosos são os exemplos na vida do Mestre e seus discípulos em que ele acentuou o potencial espiritual de seus discípulos.

Uma pergunta pode ser feita: Por que você diz que existe a divindade em todos os seres humanos, se deve ser atingida por duros esforços e a ajuda de um mestre? Pela simples e óbvia razão de que um objeto não pode mudar sua natureza e permanecer o mesmo. Nós nunca escutamos falar de fogo gelado e gelo quente, exceto como uma forma de expressão. Se o fogo não fosse quente, de que serviria? Um objeto pode manifestar apenas o que é inerente nele. Se um homem não fosse divino ele jamais poderia se tornar assim. Mas a nossa experiência é totalmente oposta. Nós vemos personagens divinos manifestando-se e seres humanos se tornarem divinos. Assim a proposição de que o homem não é divino mais atinge a divindade não é também verdadeira. O que acontece pelos esforços é que eles descobrem a si mesmos, se descartam das incrustações que os envolvem uma por uma. Portanto a única solução aceitável e racional é que o homem é divino, chame-o de fagulha da divindade ou um filho de Deus ou do que você quiser.

Agora veremos a assistência que o Guru realmente presta ao discípulo. A vida espiritual tem alguns assuntos que devem ser considerados como reais, assuntos que você não pode desvendar pelo raciocínio. Mas não é fato que a vida religiosa é desprovida de todo raciocínio. É dada grande importância para a razão na religião e filosofia Hindu. Você é livre para questionar e inquirir, mas quando se torna um caso de mera argumentação, aí os sábios antigos colocam um limite.

A razão seria cega quando não existir comparações a fazer. O raciocínio é possível e benéfico enquanto se referir ao mundo fenomenal. Se você tem que inferir, você deve tecer um paralelo e o que existe que possa se comparar com a vida transcendental? Se o transcendental pode ser reduzido ao fenomenal, ele não mais permaneceria transcendental; em outras palavras o transcendental jamais poderia se tornar fenomenal. As leis do mundo fenomenal jamais poderão, portanto, ser aplicadas ao transcendental. O Atman, por exemplo, não pode ser visto pelos olhos, nem mesmo o mais poderoso microscópio pode revelá-lo. Mas ele é o ser mais recôndito do homem. Quando o homem morre algo se retira dele. Ele não pode ser impedido, pois ele não é visível. Mas que algo, que estava movendo o corpo e o fazia vivo mesmo antes do momento da morte, estava no corpo não pode ser negado. A vida espiritual lida com aquele ser, o Atman. Portanto, da mesma forma que você busca aprender música de um músico e não de um professor de lógica, temos que aprender a ciência da alma somente de um mestre espiritual. Ele conhece

ou descobrirá quais as nossas atitudes e inclinações e nos guiará de modo adequado.

Os seres humanos não são todos iguais; eles têm diferentes gostos e várias naturezas. Talvez todos concordamos com esta declaração. Agora, o que é melhor — deixar o homem crescer em seu próprio modo natural, que é fácil para ele ou forçá-lo a seguir um padrão de disciplina rígido, fixo e intolerante, que certamente lhe causará dano e destruirá sua natureza? Os sábios Hindus pensaram ser melhor deixar o homem crescer em seu próprio modo rumo a Deus; eles não tentaram modificar sua natureza inerente.

Por isso existem tantos caminhos para se aproximar de Deus descritos nas escrituras Hindus. Assim também sobre a forma ou ausência de forma de Deus que o aspirante gosta de adorar. Uma forma particular de Deus apela mais para um homem e assim ele é capaz de concentrar seus pensamentos em Deus mais facilmente, mesmo que haja outras formas que, apesar de ser do mesmo Divino Espírito, não provocam o mesmo nele. É o Guru que descobre qual forma da Divindade é mais adequada para cada discípulo, seleciona um mantra ou uma fórmula sagrada pela qual ele pode invocá-Lo e o instrui como deve prosseguir em seu caminho. Tudo isto o Guru faz sem qualquer motivo. O único desejo do Guru é que o discípulo possa realizar a Deus, possa se libertar das redes de *Maya*, do mundo. Isto é compaixão sem motivo, amor inegoísta que impele o Guru a tomar para si a tarefa de despertar o potencial espiritual do discípulo. Assim nós vemos que alta posição o verdadeiro Guru ocupa no plano do Espírito. Ele é considerado como um pai, mãe, amigo, filósofo e guia. Como um pai o Guru nos pune quando erramos, como uma mãe amorosa nos ajuda quando hesitamos, como amigo fica conosco em nossas dificuldades e como um filósofo ele nos aconselha quando não sabemos como prosseguir.

Por tudo isto fica claro que o Guru ocupa uma posição suprema na vida do aspirante espiritual. Muitos hinos foram escritos sobre o Guru, entre os quais o *Guru-Gita* é famoso.

O Mundakopanishad dá a descrição do verdadeiro mestre: *srotriya*, bem versado nas escrituras – e *brahmanistha*, estabelecido em Brahman². Sri Sankara em seu *Vivekachudāmani* ampliando este conceito e em concordância com as passagens da *Sruti* diz que aquele que está possuído de profundo espírito investigativo e de renúncia deve se aproximar de um Guru, 'que é versado nos Vedas, imaculado, intocado pelo desejo e um conhecedor de Brahman *par excellence*, que retirou-se em Brahman, que é calmo como o fogo que consumiu seu combustível, que é um oceano de compaixão sem nenhuma razão e um amigo de todas as pessoas boas que se prosternam à ele'.³ Este é o verdadeiro mestre de quem se nos aproximarmos estaremos certos de encontrar nosso caminho e a paz duradoura.

¹ Kathopanishad 2.7.

² 1.2.12.

³ Vivekachudamani, 33. 33.

SRI RAMAKRISHNA, O TYAGI¹

Por Swami Paratparananda

(Sri Ramakrishna jamais se cansou de repetir que a essência da disciplina espiritual é a renúncia de Kama-kanchana, luxúria e cobiça. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina² e anteriormente Editor da revista The Vedanta Kesari³, explica como a liberdade dos desejos carnis e da avareza ajuda na realização de Deus e como Sri Ramakrishna, o cientista demonstrou por sua própria vida que isto pode ser alcançado.)

O exemplo é melhor que o preceito, diz o velho adágio. Isto é aplicável em um sentido mais forte na vida espiritual. Todas as religiões têm suas escrituras e são sublimes seus ensinamentos, mas de maneira geral a humanidade não pode compreendê-las corretamente se não ver diante dela pessoas nas quais tais princípios estão encarnados em ações. Os Upanishads, que formam a parte final dos Vedas, a suprema autoridade entre as escrituras hindus, diz: "Nem pelo trabalho, nem pela procriação, nem pela riqueza, mas pela *Tyaga* (Renúncia) apenas eles atingiram a imortalidade"⁴. O propósito de todas as religiões é ensinar e equipar o homem a atingir a imortalidade, a liberdade de todos os tipos de escravidão, escravidão criada pelo apêgo às coisas mundanas, às pessoas, ao seu próprio corpo, etc. Como a passagem acima claramente expressa, a imortalidade não é possível sem *tyāga*, renúncia. A passagem acima não é um exemplo solitário. No Brihadarnyaka Upanishad está claramente declarado que a imortalidade não pode ser atingida pela riqueza⁵. No Kathopanishad Yama oferece à Nashiketa donzelas celestiais, carruagem, riqueza ilimitada, vida longa, etc., em lugar do Conhecimento sobre a vida após a morte. Nashiketa rejeita-as totalmente como transitórias e evanescentes e insiste em ser ensinado sobre aquele Conhecimento, adquirindo o qual torna-se imortal⁶. As escrituras

¹ O texto original em inglês foi publicado na revista "The Vedanta Kesari"; Sri Ramakrishna Post-Centenary Golden Jubilee Number Nov-Dec 1985, Vol. LXXII No. 11 & 12.

² O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.

³ O Swami Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

⁴ Kaivalya Up. 2; também Mahanarayana Up. 12-14.

⁵ Brihadaranyaka Up. 2.4.2

⁶ I. 25-26

classificaram os desejos que impedem o homem de realizar à Deus em desejo pela procriação, pela riqueza e desejo de desfrutar no céu ou em outros mundos⁷. O abandono destes desejos é renúncia. Todos estes ensinamentos das escrituras não teriam nenhum significado a menos que houvesse pessoas que os praticassem e atingissem aquele bem-aventurado estado que é prometido. Esta ausência foi preenchida pela vida de Sri Ramakrishna.

O advento de Sri Ramakrishna ocorreu em um tempo quando bhoga, gôzo acompanhado do materialismo, reinava, quando a religião era considerada o ópio dos pobres e o Hinduísmo uma massa de superstições. Apesar de que haviam surgido algumas organizações, tais como o Brahmo Samaj, para reviver a vida religiosa da Índia, elas se preocupavam com reformas sociais, que tocavam apenas a periferia e não o coração do problema. Elas estavam apenas tentando adaptar a religião à atmosfera existente. O tema central da religião, *tyāga*, renúncia, estava tão longe de sua visão quanto daquela dos materialistas. E apesar de que à Índia não faltavam renunciantes, Sannyasins, eles em sua maioria viviam nas regiões dos Himalayas, longe da maioria da humanidade, desconhecidos por ela. Agora era a vida nas cidades que determinava o padrão e aqui, sob a influência do pensamento ocidental as pessoas, especialmente os jovens, estavam começando a duvidar da veracidade dos ensinamentos das escrituras Hindus. Por isso, não pode ser negado que o advento de Sri Ramakrishna neste momento crítico foi um efetivo e sólido remédio para os males que estavam atingindo a sociedade. Isto será amplamente verificado se nós olharmos através de alguns dos maiores eventos de sua vida.

Uma das práticas essenciais para se levar uma vida espiritual é o discernimento entre o real e o transitório. Desde sua infância Gadadhar, como Sri Ramakrishna era então chamado, possuía esta virtude em um grande grau. Ele era também um agudo observador. A piedade, dedicação e dependência de Deus de seu pai não deixou nenhuma dúvida na mente do menino sobre o real propósito da vida humana. Os menestréis que costumavam ir às aldeias recitando histórias mitológicas dos épicos e Puranas costumavam inspirar os habitantes à executar peças teatrais sobre elas. Gadadhar nunca perdia estas funções e sendo possuidor de uma maravilhosa memória repetia estes dramas diante de seus amigos. Assim “ele dirigia todas suas energias ao estudo das vidas e caráter dos heróis espirituais”⁸. A morte de seu pai quando o menino tinha sete anos de idade o fez buscar a solidão e passava longas horas absorvido em seu pensamento. Além disso a companhia de monges errantes que passavam alguns dias na casa de repouso da aldeia em seu caminho à sagrada cidade de Puri, fortaleceu nele o sentimento da transitoriedade deste mundo, algo que estava começando a se manifestar nele. A constante

7 Brihadaranyaka Up. 3.5.1.

8 Life of Sri Ramakrishna, (Advaita Ashrama, Calcutta. 1977) p.13 (daqui para frente 'Life')

companhia destes monges, escutando seus discursos e leituras das escrituras deu ao menino um incentivo para a meditação. A investidura com o cordão sagrado que deu a ele a oportunidade de adorar a divindade familiar Raghuvir lhe grande felicidade e elevou sua mente a um nível sublime, no qual ele teve extraordinárias visões.

Assim estava o grande renunciante se preparando para o ato final, tanto que na época que ele tinha dezessete anos, sua decisão de abandonar a educação que o proveria apenas com prosperidade material, já tinha sido tomada. Por isso, quando seu irmão Ramkumar o repreendeu por negligenciar sua educação, prontamente veio a resposta: “Irmão, o que farei com uma educação para se ganhar o pão apenas? Ao invés disso quero adquirir aquela sabedoria que iluminará meu coração e conseguindo a qual torna-se satisfeito para sempre”⁹.

O mesmo espírito de independência e desejo por liberdade o fez fugir de todas as propostas de um emprego no templo de Kali apesar de que ele vivia lá com seu irmão Ramkumar. Por trás desta atitude havia também a intensa convicção que o principal objetivo da vida era atingir a consciência de Deus pela conquista da carne e a renúncia da riqueza. A morte de Ramkumar, sobre quem ele tinha derramado toda sua afeição filial após o falecimento de seu pai, foi um tremendo choque para ele, pois aconteceu quando sua mente estava buscando por algo que era real e imperecível neste mundo transitório. Ele estava convencido de que o homem poderia ir além de todo sofrimento e atingir a imortalidade apenas realizando à Deus, a fonte da eterna bem-aventurança. Sua designação como o sacerdote do templo de Kali o ajudou a dirigir toda a energia para ter Sua visão e derramar sua devoção sobre a Mãe sempre afetuosa. Esta devoção uni-dirigida e a ansiedade para sentir a presença da Divina Mãe devorou, por assim dizer, todo pensamento sobre o conforto corpóreo, mais ainda, mesmo suas necessidades básicas. Assim a difícil luta para conquistar a carne se tornou fácil e não havia lugar em sua mente para pensamentos sobre a riqueza. E assim que ele teve a visão da Divina Mãe sua mente jamais se dirigiu aos objetos dos sentidos, pelo contrário sua ânsia de sentir a perpétua presença da Mãe aumentou de forma extraordinária.

Contudo ele não estava a salvo de passar por algumas provas. O estado intoxicado por Deus pelo qual Sri Ramakrishna passou, fez com que ele algumas vezes agisse aparentemente de forma estranha. Rani Rasmani e Mathur suspeitando que isto fosse devido à algum problema nervoso, inicialmente arranjaram para seu tratamento por um médico experiente, mas como isto não trouxe nenhum alívio, eles acharam que um pequeno desvio da rígida prática da continência lhe faria bem. “Assim eles contrataram duas mulheres de má reputação para que entrassem no quarto em Dakshineswar e tentassem este filho da Divina Mãe”¹⁰. Ao vê-

9 Ibid., p. 34.

10 Ibid., p. 68.

las Sri Ramakrishna tomou refúgio aos pés da Mãe, repetindo Seu nome em voz alta. Diz-se que em outra ocasião Mathur levou Sri Ramakrishna à Calcutta e parou em uma casa onde havia muitas jovens bonitas esperando e retirou-se o deixando só no meio delas. Imediatamente Sri Ramakrishna perdeu toda consciência exterior repetindo o nome da Mãe. Vendo-o naquele estado as jovens ficaram temerosas das conseqüências de se tentar um santo e começaram a implorar seu perdão. Mathur ouvindo o ruído entrou no quarto e ficou espantado com esta maravilhosa prova do total controle de Sri Ramakrishna sobre suas paixões.

Isto foi novamente demonstrado quando ele experimentou as práticas Tântricas sob a direção da Bhairavi Brahmani. Muitas destas práticas foram realmente provas supremas mas ele passou por elas permanecendo intocado. Ele podia ver a Mãe do Universo manifesta em todas as mulheres, mesmo na mulher da rua. Portanto sua renúncia da luxúria, *tyāga*, foi totalmente perfeita.

A culminação destes testes veio de Sri Ramakrishna mesmo. Quando a santa Mãe veio pela primeira à Dakshineswar, ele permitiu que ela compartilhasse seu leito e "um dia vendo sua esposa adormecida ao seu lado, Sri Ramakrishna disse à si mesmo: 'Aqui está um corpo de mulher que o mundo considera tão querido. Mas aquele que encontra prazer nele está confinado ao corpo e não pode realizar à Deus. Diga-me francamente se você quer isto ou Deus. Se quer o primeiro então aqui está.'¹¹" Sua mente pura respondeu à esta questão íntima entrando em um Samadhi tão profundo que durou a noite inteira. Mesmo no dia seguinte foi com grande dificuldade que ele foi trazido de volta à consciência do mundo pela repetição do nome do Senhor em seu ouvido. Nem este foi um exemplo solitário. Meses se passaram deste modo e ainda assim nunca, nem mesmo por um momento, sua mente desceu ao plano sensório.

Agora nos voltaremos ao segundo obstáculo no caminho espiritual, ou seja, a riqueza e veremos como ele encontrou este impedimento. Nós já mostramos quão categoricamente ele recusou adquirir o que denominou de "educação para ganhar o pão", ou seja uma educação que dará riqueza, nome e fama. Ele nunca deu um só pensamento a estas coisas. Não apenas isto, quando a riqueza era oferecida a ele, se sentia extremamente desconfortável, pois ele tinha banido de sua mente todo pensamento sobre a riqueza, descartando-a como não tendo mais valor do que um punhado de terra: "Pelo raciocínio ele chegou a certa conclusão de que uma pessoa que fez da realização de Deus a única meta de sua vida não conseguiria mais ajuda do ouro do que de um punhado de terra. Por isso, repetindo várias vezes 'Rúpia é terra e terra é Rúpia', ele atirou ambos no Ganges"¹². Seguindo esta disciplina, esta idéia ficou tão firmemente gravada em sua mente que qualquer idéia de posse levantaria, por assim dizer, uma tempestade em sua mente.

11 Ibid., p. 192.

12 Sri Ramakrishna, The Great Master, (Sri Ramakrishna Math, Madras, 1963)pp. 166-167.

Uma vez Mathur quis fazer uma provisão para a manutenção do Mestre. Ao fazer tal proposta Sri Ramakrishna contestou: “Você quer me fazer um homem mundano?”¹³ “Entre as muitas pessoas que vieram visitar Sri Ramakrishna havia um rico senhor Marwari chamado Lakshimi Narayan, que tinha o Mestre em grande estima”.¹⁴ Nós narraremos aqui as circunstâncias como encontramos na biografia: “Um dia Lakshimi Narayan notou uma colcha manchada sobre a cama do Mestre e imediatamente ofereceu-se para depositar no banco em seu nome uma soma de dez mil rúpias, para que suas necessidades fossem sempre satisfeitas. Esta proposta foi tão dolorosa para Sri Ramakrishna que ele implorou com as mãos juntas que este assunto nunca fosse mencionado de novo. Vendo seus pedidos inúteis, o Marwari em seguida se aproximou de Hriday e o pressionou para que aceitasse o dinheiro em nome da Santa Mãe, que assim seria capaz de cuidar do conforto do Mestre. Quando isto chegou ao conhecimento do Mestre, ele de novo objetou, dizendo que mesmo neste caso o dinheiro seria praticamente seu e ele não poderia suportar a idéia de possuir qualquer coisa. O homem generoso ainda insistiu. Vendo que seus argumentos não eram aceitos o Mestre gritou angustiado: “Ó Mãe, por que Tu trazes tais pessoas aqui, que querem afastar-me de Ti?” Ao ouvir este apelo patético, aquele senhor desistiu. Referindo-se à este incidente o Mestre mais tarde declarou: “Com as ofertas de Mathur e Lakshimi Narayan eu me senti como se alguém estivesse enfiando agulhas através de meu crânio”.¹⁵ A renúncia de Sri Ramakrishna era completa e total. Ele não podia abrigar a idéia de posse mesmo por coisas triviais. Seu sistema nervoso se contraía apenas com a idéia de acumular. Nós podemos entender isto melhor se dermos aqui um exemplo. “O Mestre gostava de mascar certas especiarias de vez em quando, especialmente após as refeições. Um dia, depois de ter tido sua refeição no quarto em que Sri Sarada Devi a Santa Mãe ficava em Dakshineswar, ela deu a ele algumas especiarias em um pequeno saquinho de papel e pediu à ele que as levasse para o seu quarto. O Mestre saiu em direção do seu quarto mas se sentiu confuso. Ele se dirigiu em linha reta a murada e estava para cair dentro do rio. Sarada Devi não sabia o que fazer. Ela era muito tímida para sair no meio das pessoas e segura-lo. Subitamente ela viu o sacerdote do templo e pediu à ele que chamasse Hriday, que salvou o Mestre da iminente catástrofe. Evidentemente, para Sri Ramakrishna, carregar um pequeno pacote de especiarias era um ato de acumular”¹⁶.

O próprio toque de metal que simboliza o dinheiro causava intensa dor à ele. Um dia, após sua última doença ter começado, um grande

13 Ibid., p. 435

14 'Life', pp. 225-226.

15 Ibid.

16 Swami Nikhilananda, Holy Mother, (Ramakrishna-Vivekananda Center, New York, 1962) p. 69 (daqui em diante 'Holy Mother')

médico chamado Bhagavan Rudra foi chamado. Contaram ao médico tudo sobre a doença do Mestre. Sri Ramakrishna então começou a conversar com o doutor. “Bem, o que você acha disso? Quando eu toco uma moeda minhas mãos ficam contorcidas, minha respiração para. Mais ainda, se eu faço um nó no canto da minha roupa, eu não posso respirar. Minha respiração pára até que o nó seja desatado”, disse o Mestre. “Ele pediu à um devoto para trazer uma rúpia. Quando Sri Ramakrishna segurou-a em sua mão, a mão começou a contorcer com dor. A respiração do Mestre também parou. Depois que a moeda foi retirada, ele respirou profundamente três vezes e suas mãos relaxaram.”¹⁷ Mesmo um toque inconsciente de dinheiro produzia o mesmo resultado como nós vemos no seguinte incidente de sua vida. “Um dia quando o Mestre estava ausente em Calcutta, Narendra veio à Dakshineswar. Vendo que não havia ninguém em seu quarto, um desejo surgiu em sua mente de testar a renúncia do Mestre à riqueza. Assim ele secretamente colocou uma rúpia sob a cama e foi ao panchavati para meditar. Depois de um tempo Sri Ramakrishna retornou. Tão logo ele tocou a cama ele recuou com grande dor. Espantado ele olhou ao redor quando Narendra entrou e observou-o silenciosamente. Um atendente examinou a cama e a presença da rúpia foi descoberta.”¹⁸ Tendo assim observado o Mestre por muitos anos como ele praticou a renúncia, não apenas no plano consciente mas mesmo no inconsciente, Swami Vivekananda em seu hino em Bengali sobre o Mestre descreve a ele como *Tyāgisvara*, supremo entre os renunciantes.

Nós concluiremos com o que a Santa Mãe disse desta característica única da vida de Sri Ramakrishna. “Um dia um discípulo perguntou à ela sobre a especial mensagem de Sri Ramakrishna. Não foi a harmonia das religiões que ele experimentou e ensinou? A Mãe respondeu: 'Meu filho, o que você diz sobre a harmonia das religiões é verdadeiro. Mas nunca me ocorreu que ele tivesse praticado as disciplinas de diferentes fés com a idéia definida de pregar esta harmonia. Dia e noite o Mestre permanecia submerso no divino êxtase. Ele desfrutou do jogo de Deus seguindo os caminhos dos Vaishnavas, Cristãos, Muçulmanos, etc. Mas parece para mim, meu filho, que a principal característica da sādhana do Mestre foi sua renúncia. Alguém já viu alguma vez tal renúncia natural? A renúncia é seu grande ornamento.’”¹⁹

17 Gospel of Sri Ramakrishna, (Ramakrishna Vivekananda Center, New York) p. 845.

18 Life' p. 267.

19 'Holy Mother', p. 216.

A VIDA ESPIRITUAL E O DESAPEGO

JUNHO 1978

SWAMI PARATPARANANDA

A vida espiritual ou religiosa consiste primeiro em desenvolver em si mesmo o anelo por conhecer o Desconhecido, ou Deus, ou como quer que O chame, em seguida sentir sua presença intimamente, pois a religião, em essência, pertence ao plano interno, supra-sensório e não ao plano dos sentidos. “A religião – diz Swami Vivekananda, - está além de todo raciocínio e do plano intelectual. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e incognoscível; que faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode ‘conhecer’. Esta busca tem estado na mente humana, creio eu, - continua Swami Vivekananda, - desde o princípio da humanidade. O raciocínio e o intelecto humanos não podem haver permanecido, em nenhum período da história do mundo, sem esta luta, sem esta busca do além.” Aqui pode parecer que Swami Vivekananda está falando em termos contraditórios quando diz que a religião ‘faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode conhecer’. Deus ou o que está além, não pode ser conhecido por estes nossos sentidos como qualquer outro objeto do mundo, no entanto, pode ser percebido por uma mente pura, despojada de todo tipo de desejo mundano, e quando o percebe é muito mais real que os objetos do mundo apalpadados pelos sentidos. É por isso que fala nestes termos.

Mas na época atual a maior das questões é: Supondo que o conhecível e o conhecido estão circunscritos pelo incognoscível e eternamente desconhecido, por que devemos lutar para conhecer o incognoscível? Por que não devemos ficar satisfeitos com o conhecido? Porque isto não satisfaz ao ser humano, sendo uma das razões que o conhecido, esta manifestação, é uma parte do não-manifestado; o universo sensório é, por assim dizer, tão só uma projeção de uma partícula desse infinito universo espiritual, ao plano da consciência dos sentidos. Como se pode explicar ou entender esta partícula, sem conhecer o que está além, ou seja, a fonte e origem? Diz-se que um dia, quando Sócrates estava falando em Atenas se encontrou com um brahmin, que havia viajado à Grécia. Sócrates disse ao brahmin que a maior indagação da humanidade é o homem. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Como pode o senhor saber sobre o homem a menos que conheça a Deus?” Swami Vivekananda comenta: “Este Deus, este eternamente Incognoscível, Absoluto, Infinito ou como quer que O chames, é a única explicação das razões em que se

baseiam o conhecido e o conhecível ou esta vida atual.” Ou seja, o universo sensório não tem existência separada do Absoluto, de Deus.

Como podemos saber que é assim? Vamos responder com as palavras de um Upanishad. O Kena Upanishad começa com esta indagação: “Movida por qual vontade, a mente se dirige ao objeto? Ordenado por quem, o prana principal (a força vital) cumpre com suas funções? Por qual vontade se move a fala do homem? Quem é o deus que dirige os olhos e os ouvidos?” Daqui podemos concluir que o discípulo que faz estas perguntas já sabe que a mente e os sentidos não são independentes, é algum outro que os maneja, ainda que a crença comum é que a mente pensa por si só. Se isto fosse certo, então um homem inteligente não pensaria em coisas más; no entanto é sabido que mesmo dando-se conta de que vai colher frutos amargos, a mente abriga às vezes pensamentos viciosos. E a pesar de ser advertido por outros, se é impelido a agir mal e sofrer suas conseqüências desagradáveis. Por conseguinte é correto supor que a mente não está totalmente livre em suas atividades. É uma crença comum que o corpo, que consta dos sentidos e membros, comanda uma pessoa a atuar e que a mente também está sob o controle do corpo. Mas um homem inteligente se dá conta que o corpo, os sentidos e a mente, na realidade todas as coisas em uma pessoa encarnada salvo o Ser mais recôndito, são mutáveis, impermanentes e materiais. A mente e todo o restante cumprem suas funções pela mera vontade do Atman.

O discípulo pergunta ao preceptor sobre este Atman imutável e eterno. O mestre responde: “Ele é o Ouvido do ouvido, a Mente da mente, a Fala da fala, o Prana do prana e o Olho do olho. Tendo se desligado dos sentidos e renunciado ao mundo, os sábios alcançam a imortalidade.”

Sri Shankaracharia comentando este verso, diz: “Ao discípulo que era qualificado ou apto para o conhecimento, o preceptor explica quem é aquele que dirige a mente e todos os outros instrumentos no corpo.” A segunda palavra ‘ouvido’ se refere ao instrumento de ouvir, que é o órgão sutil por meio do qual se ouve o som. No entanto, segundo o Upanishad, não é o próprio órgão que ouve; funciona desta maneira por causa da presença do Atman, que é luminoso, todo-penetrante e a inteligência eterna. Não é que o mestre esteja se referindo a outro ouvido, mas ao Atman cuja presença dá ao instrumento ou órgão, sua sensibilidade de ouvir, pensar e ver respectivamente. Como não há outra maneira de referir-se, ou melhor dito, de conhecer ao Atman senão mediante as funções de cada um dos instrumentos, o preceptor ensina que este Atman é aquele que está por trás de todas as funções dos órgãos. O que é certo no microcosmo também o é no macrocosmo, o que se vê em um individuo também pode dizer-se do universo. Daí a conclusão a que chegamos antes.

Lemos também no Chandoguia Upanishad que assim como conhecendo um torrão de argila se conhece a natureza de todas as coisas feitas de argila, conhecendo um pedaço de ouro se conhece a natureza de todos os adornos feitos de ouro e conhecendo uma navalha feita de aço se conhece a natureza de todos os objetos de aço, do mesmo modo, conhecendo o Absoluto se pode conhecer todo o universo, já que as diferentes formas e nomes são só superficiais, sendo a substância principal o Absoluto. É por isso que não se encontra paz nem felicidade duradouras no externo, quando se esquece do principal.

Swami Vivekananda diz: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se não podemos conhecer ao além (o desconhecido). É muito fácil dizer ‘estejam contentes com as coisas do mundo’. As vacas e os outros animais estão e é isto que os tornam animais. Assim, se o homem permanece satisfeito com o presente e abandona toda a busca do além, a humanidade terá que voltar ao plano animal. É a religião, esta indagação sobre o além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem se disse que o homem é o único animal que por natureza olha para cima; todo outro ser vivo, por índole, olha para baixo. Este olhar para cima e elevar-se e chegar a ser perfeito é o que se chama salvação e quanto mais cedo um homem começa a elevar-se tanto mais cedo compreenderá esta idéia da verdade como salvação. Esta não consiste na quantidade de dinheiro que se tem em seu bolso, ou no traje que se veste, ou na casa em que se vive, mas na riqueza do pensamento espiritual que tem em seu cérebro. Isto é o que contribui ao progresso humano; essa é a fonte de todo progresso material e intelectual, a força motriz e o entusiasmo que empurra para frente a humanidade.”

Em outra oportunidade Swami Vivekananda comentou: “Não se deve julgar a religião segundo as normas materiais, de utilidade material. Se pergunta: ‘Que bem pode fazer a religião? Pode tirar a pobreza dos pobres? Suponhamos que não possa, provará isto a falsidade da religião? Suponhamos que um menino se ponha de pé diante de vós, quando estais tentando demonstrar uma teoria de astronomia e lhes pergunte: ‘Isto me dará guloseimas?’ ‘Não, não dará,’ respondereis. ‘Então, - dirá o menino, não serve.’ Os meninos julgam ao universo inteiro desde seu ponto de vista, de dar-lhes guloseimas e desta maneira fazem os meninos do mundo espiritual. Não devemos julgar as coisas elevadas desde o nosso baixo ponto de vista. Se devem julgar todas as coisas pela norma que lhe corresponde e o infinito deve ser julgado pela norma da infinitude. A religião interpenetra toda a vida do homem, não somente o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É a relação eterna entre o Ser eterno e Deus eterno. Por acaso será lógico medir seu valor pela sua ação sobre cinco minutos da vida humana? É certo que não.”

A contribuição da religião ao homem é muito mais sólida, duradoura e enobrecedora. Fez do homem o que é, e poderá transformá-lo em um Deus. Isto é o

que a religião pode fazer. Este é o propósito da religião: converter ao homem animal primeiro em humano e depois em divino. Fazer-lhe sentir a presença divina que está em seu interior. Para alcançar este estado a religião ensina vários métodos, entre os quais os mais proeminentes são: de devoção, de ação desinteressada, de conhecimento e controle psíquico. Se pode dizer que há tantas religiões, tantas seitas; cada uma pretende ser o único caminho para Deus; qual delas nós devemos seguir? Todas as religiões são verdadeiras e no fundamental não estão em desacordo. Mas as diferenças que vemos ou encontramos às vezes são devido ao clima, temperamento das pessoas e o ambiente em que as religiões foram espargidas ou divulgadas primeiro. Podem haver diferenças entre os ritos e rituais que duas religiões seguem mas nos princípios não se encontra muita diferença.

Se estudarmos cuidadosamente as disciplinas que recomendam as diferentes religiões, ou os diferentes caminhos de qualquer religião, chegaremos a conclusão de que há certas práticas que são comuns em todas elas, por exemplo, a renúncia. Os Vedas declaram: “Não pela ação (recomendada pelos Vedas) nem tendo filhos nem riquezas, mas unicamente pela renúncia, alguns alcançaram a Imortalidade.” Jesus disse ao jovem rico que tinha se aproximado e perguntado: “Bom Mestre, que bem farei para ter a vida eterna?” – Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, ou seja, Deus; e se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. ‘Disse-lhe: ‘Quais?’ E Jesus disse: ‘Não matarás, não adulterarás, não dirás falso testemunho. Honra à teu pai e tua mãe, e amarás o próximo como a ti mesmo.’ Disse o mancebo: ‘Tudo isto guardei desde a minha juventude. Que mais me falta?’ Disse-lhe Jesus: “Se queres ser perfeito, anda, vende o que tens e dá aos pobres e terás tesouro no céu; e vem, siga-me.” Aqueles que querem se aprofundar mais podem estudar os ensinamentos das diferentes religiões por eles mesmos e encontrarão que as divergências estão nas coisas superficiais, enquanto que no fundamental não existe diferença alguma em seus ensinamentos.

Entre as disciplinas que ensinam os diferentes yogas e os requisitos que exigem existem algumas práticas imprescindíveis para seguir qualquer um deles, por exemplo, o discernimento entre o Real e o transitório, o desapego pelas coisas do mundo e um anelo forte para alcançar a liberação, ou chegar à Deus. A religião não é somente para os poucos que renunciam ao mundo formal e mentalmente, mas para todos aqueles que aspiram a uma vida mais elevada, uma vida do Espírito; por conseguinte, deve ser factível para os que estão vivendo uma vida doméstica, com seus pais, esposa e filhos. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: “Cumprindo com os próprios deveres torna-se perfeito; e ouve como se pode chegar a ter a perfeição dedicando-se aos deveres. Aquele de quem se originou todos os seres, por quem tudo isto está interpenetrado, adorando a Ele por meio do cumprimento dos próprios deveres o homem alcança a perfeição.” No mundo ninguém pode estar

ocioso, sem trabalhar, já que todos têm seus deveres a cumprir. Mas na maioria dos casos se trabalha pelo apego ao trabalho, por interesse pessoal, ou outro objetivo, ou seja, sempre por algum motivo pessoal. O resultado é que se apega cada vez mais ou à ação ou ao motivo e assim se enreda cada vez mais fortemente. Além disso, toda ação tem uma reação ou resultado que tem que colher aquele que a faz. É um labirinto em que damos voltas e voltas sem poder sair dele. Os resultados das ações das vidas anteriores nos fazem renascer e com as ações que estamos fazendo nesta vida acumulamos mais resultados para um futuro nascimento e deste modo segue o ciclo sem cessar. Não há modo de salvar-nos deste ciclo de nascimento e morte? Na passagem já citada do Bhagavad Gita, Sri Krishna nos brinda com um dos métodos mediante o qual o homem pode pelos próprios atos de sua vida diária liberar-se de seus efeitos. Não necessitamos fazer nada especial nem descuidar de nossos deveres; pelo contrario, temos que cumprir com eles com sumo cuidado e ao mesmo tempo dedicá-los ao Senhor. Em outro lugar do mesmo livro Sri Krishna diz à Arjuna: “Qualquer coisa que faças, qualquer alimento que comas, qualquer sacrifício que ofereças, qualquer coisa que dês, qualquer austeridade que pratiques, faça tudo como uma oferenda a Mim. Desta maneira te libertarás das amarras das ações que são fonte de bons e maus resultados e com o coração firme na yoga da renúncia e liberado virás à Mim.”

Sem dúvida custa-nos muito oferecer tudo à Deus com sinceridade, pois neste caso não poderemos desfrutar de nosso êxito, nem sentir exaltação com as boas obras que fazemos. Um homem que sempre esteve levando um tipo de vida distinto não pode fazê-lo em seguida, no entanto, se quiser ir além das limitações e amarras, deve tentar dedicar as ações ao Senhor, deve aprender a desapegar-se dos resultados de seu trabalho.

O desapego às coisas transitórias desempenha um grande papel em todos os yoga e não apenas no caminho da ação abnegada ou karma yoga. Por que um devoto que segue o caminho da devoção não pode desde o princípio dedicar as ações à Deus, a quem ele quer amar? Por causa do apego aos resultados. Também porque os objetos do mundo são tão tangíveis e tão atrativos que não podemos de repente desapegar-nos deles. E a menos que possamos fazê-lo estaremos longe da vida espiritual e ainda mais distantes de Deus. Temos apegos incontáveis, apego à riqueza, às coisas adquiridas, aos parentes, aos amigos, ao renome, fama e muitos outros. Estes apegos nos cegam. Sri Krishna afirma: “O homem que pensa continuamente nos objetos dos sentidos desenvolve apego por eles, em seguida surge o desejo e quando este é obstruído produz a ira. Esta ofusca a mente e por conseguinte perde a faculdade de recordar as coisas em sua própria perspectiva e portanto o discernimento e ao final causa sua morte espiritual.” Pelo contrário,

aquele que está livre do apego e aversão, ainda que esteja atuando entre os objetos sensórios, controlando sua mente, logra a paz.

Há uma estória no Mahabhárata, uma das maiores epopéias da Índia, que nos demonstra com clareza quão perigoso é este apego: Havia um rei chamado Bhárata, quem durante muitos anos reinou sobre seu império e quando envelheceu, colocou ao seu filho sobre o trono, como era o costume então, e se retirou aos bosques nos Himalayas, para dedicar o resto de sua vida ao pensamento de Deus. Construiu com suas próprias mãos uma choça perto de um riacho e viveu ali se alimentando com as frutas e as raízes que ele mesmo recolhia e meditando no Senhor. Passaram-se dias, meses e anos, um dia uma cerva sedenta foi ao riacho para beber água. Neste momento ouviu o rugido de um leão que se encontrava a certa distância. A cerva, muito assustada, deixou de beber a água e tentou cruzar o riacho de um salto. Estava prenha e por causa do susto repentino e demasiado esforço, dando a luz a um cervinho, caiu morta. O cervinho por sua vez caiu na água do riacho e estava sendo levado rapidamente pela corrente. O rei que estava meditando, observou isto e lançando-se ao rio, salvou o cervinho, o levou a sua cabana e aquecendo-o perto da fogueira, restaurou-lhe a vida. Vendo a condição desamparada do animal, o rei o criou alimentando-o com pasto tenro e frutas, até que se convertesse em um cervo. Mas aquele que tinha tido a força mental para cortar o apego de toda a vida, o poder, a posição e família, ficou preso na rede do carinho pelo pequeno cervo que ele havia salvado de uma morte iminente. Sentiu uma forte atração pelo animal e quanto mais aumentava seu carinho pelo cervo menos podia concentrar sua mente em Deus. Se o animal ia ao bosque para pastar e se demorava em voltar, a mente do rei se punha inquieta, ansiosa e preocupada. Pensava: “Talvez meu pequeno tenha sido atacado por um tigre ou esteja correndo algum outro perigo, se não por que a demora?”

Passaram-se alguns anos mais desta maneira e a morte se aproximava do rei. Este em vez de pensar no Senhor, a razão pela qual havia renunciado ao seu reino, família e todas as outras comodidades, ficava preocupado pelo cervo. Ao final, quando chegou o momento, olhando aos olhos tristes de seu animal favorito, o rei deixou seu corpo. E por conseguinte renasceu como um cervo. Mas jamais se perde algum karma bom e todas as boas ações que o rei havia feito quando governava seu reino e depois como sábio, deram seu fruto. Este cervo nasceu yatismara, isto é, com a memória do que ocorreu em sua vida anterior. Ainda que não pudesse falar e vivia em um corpo de animal, se afastava de seus companheiros e instintivamente buscava pastar na proximidade das ermidas, onde se faziam oferendas ao fogo e predicavam sobre os Upanishads.

Depois de viver os anos que correspondem a um cervo, morreu e nasceu de novo, desta vez como o filho mais novo de um rico brahmin. Neste nascimento também recordou sua vidas anteriores. Como consequência, desde sua infância

estava decidido a não envolver-se mais no bem nem no mal da vida. O menino era forte e são, mas se comportava como um mudo. Vivia como uma coisa inanimada ou como um louco, por medo de prender-se nos assuntos do mundo. Seus pensamentos eram sempre do infinito e levava a vida para esgotar seu prárabdha karma, ou seja, os resultados das ações das vidas passadas que causaram este corpo. Com o passar do tempo o pai do menino morreu e os irmãos dividiram a propriedade entre eles mesmos e pensando que o menor era mudo e imbecil, se apoderaram de sua parte também. No entanto tiveram a piedade de dar-lhe alimento e roupa. As esposas de seus irmãos não o tratavam com simpatia, o faziam trabalhar duramente; se o rapaz não podia fazer tudo o que elas mandavam, brigavam com ele. Mesmo assim o rapaz não mostrava raiva ou medo, tampouco pronunciava palavra alguma. Quando lhe tratavam muito mal, saía da casa e ia sentar-se embaixo de uma árvore durante horas, até que as cunhadas se acalmassem. Depois retornava a casa.

Um dia em que elas o trataram com maior severidade que o normal, Bhárata saiu da casa como era seu costume e se sentou a sombra de uma árvore para descansar. Neste momento passava por ali o rei do país em um palanquim levado sobre os ombros de carregadores. Como um deles se enfermara repentinamente, os servidores do rei buscavam a uma pessoa para substituí-lo. Vendo à Bhárata sentado sob a árvore, lhe perguntaram se queria tomar o lugar do enfermo para levar o palanquim. Não recebendo resposta alguma e observando que ele era um homem forte e são, o levaram pela força e colocaram a base do palanquim sobre seu ombro. Mesmo assim Bhárata não pronunciou nem uma palavra, e seguiu o caminho. Logo o rei observou que o palanquim não se movia como deveria e isto lhe causava incômodo; por conseguinte olhando para fora, se dirigiu ao novo carregador: “Tonto, descansa um pouco, se lhe doem os ombros.” Bhárata, baixando a base do palanquim, falou pela primeira vez: “A quem, ó rei, chamas tonto? A quem está ordenando que baixe o palanquim? A quem dizes que está cansado? A quem se diriges como ‘tu’? Se queres dizer, ó rei, pela palavra ‘tu’ esta massa de carne, então está composta do mesmo material que a tua; é inconsciente e não conhece o cansaço, não conhece a dor. Se queres significar por esta palavra a mente, esta é a mesma que a tua, é universal. Mas se a palavra ‘tu’ está aplicada a algo que está mais além, então é o Ser, a realidade em mim que é a mesma que está em ti e é o Único no universo. Queres dizer, ó rei, que o Ser pode, por acaso, estar cansado, que pode machucar-se? Eu não quis, ó rei, - este corpo não quis, - pisotear os vermes que se arrastavam no caminho e por isso como estava tentando evitá-los, o palanquim se movia erratically. Mas o Ser jamais esteve cansado, nunca esteve débil; nunca levou o palanquim, pois é onipotente e onipresente.” Desta maneira falou eloqüentemente sobre a natureza do Ser e sobre o conhecimento mais elevado. O rei, quem estava orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e se

prosternou diante de Bhárata dizendo: “Te peço perdão, ó grande alma, eu não sabia que tu eras um sábio quando te pedi que me levasses.” Bhárata o abençoou e se despediu. Logo retomou o mesmo ritmo de vida de antes até que esgotou seu karma e quando deixou seu corpo ficou liberado para sempre das amarras do nascimento.

Assim podemos ver quão perigoso é o apego pelas coisas efêmeras. Um rei que tinha tudo, desfrutava dos prazeres do palácio e governava sobre milhões, abandonou tudo com a finalidade de dedicar-se ao pensamento de Deus, mas este laço de apego pelo pequeno cervo o arrastou duas vezes à este mundo. É por isso que se dá muita importância a essa prática de desapego.

Agora se pode perguntar: isto está bem para os que renunciaram ao mundo, mas para nós que vivemos nele como podemos deixar de nos prendermos aos nossos parentes, amigos, casa, propriedade e riqueza? Como podemos ser cruéis com nossos filhos? A religião não nos ensina a sermos cruéis, pelo contrário, aquele que segue realmente um caminho espiritual jamais abandona suas obrigações no mundo. Sri Ramakrishna aconselha aos que levam uma vida doméstica: “Viva no mundo como a criada da casa de um homem rico. Ela cuida de todos os afazeres da casa, mas os seus pensamentos estão em seu próprio lar em sua aldeia natal. Cria aos filhos de seu patrão como se fossem seus próprios filhos e até chega a dizer, ‘Meu Harí’ ao filho do patrão. Mostra a casa e diz; ‘Esta é a nossa casa.’ Ela diz tudo isto, mas no mais íntimo de seu coração sabe que nem a casa, nem Harí lhe pertence. Do mesmo modo faça todos os seus deveres, mas mantenha sua mente em Deus. Viva com todos, esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem vossos muito queridos, mas saiba no íntimo de vosso coração que não lhes pertencem.” É necessário imprimir esta idéia em nossa mente até que chegue à recebê-la e assimilá-la, pois a mente é caprichosa e rechaça qualquer nova idéia ou novo pensamento.

Pode surgir uma dúvida: Praticando o desapego, não vamos perder nosso afeto aos que dependem de nós? Se realmente buscamos à Deus não há possibilidade de perdermos as virtudes como simpatia, carinho, compreensão e outras semelhantes. E aquele que chega a alcançar à Deus se enche dessas virtudes como vemos em todos os grandes mestres espirituais. Além disso, o afeto humano é sempre motivado por interesse egoísta, quer seja uma recompensa imediata ou futura; e até os que dependem de nós deixam de ser queridos uma vez que se comportem contra nossa vontade ou desejo. O carinho nesse caso desaparece e a indiferença ou aversão toma seu lugar. Em troca, uma pessoa que continua avançando no caminho espiritual não espera nenhum resultado de suas ações e tampouco diminui sua atenção aos seus deveres. Sri Ramakrishna é muito claro sobre isto: “Um chefe de família tem seus deveres para cumprir, dívidas a pagar: sua dívida aos deuses, aos antepassados, aos rishis e à sua esposa e filhos. Se uma esposa é fiel, o marido deve sustentá-la; também deve criar seus filhos até que sejam

maiores.” Também repreendeu severamente a um de seus discípulos por ter se afastado de seus pais, dizendo: “Por acaso pai e mãe são pouca coisa? Nenhuma prática espiritual produzira fruto a menos que eles estejam satisfeitos. Chaitanya estava embriagado de amor por Deus, mesmo assim, antes de tomar o voto de monge, tentou persuadir a sua mãe para que lhe outorgasse sua permissão para renunciar ao mundo, durante muitos dias. Teus pais te criaram. Você mesmo é pai de vários filhos. No entanto deixaste o lar com tua esposa. Enganaste a teus pais. Saíste do lar com tua esposa e filhos e sentes que converteste em um santo. Um homem não pode avançar nada sem pagar as dívidas que deve aos seus pais.” Aqui vemos claramente a posição verdadeira de uma pessoa que quer seguir o caminho espiritual; não pode fugir de seus deveres senão cumpri-los com perfeição e ao mesmo tempo não esperar nenhum tipo de recompensa. É só esta forma de desapego que pode nos levar à perfeição, conduzir-nos à Deus. Sem este desapego ninguém jamais pode, pode ou poderá alcançar à Deus.

Que o misericordioso Senhor nos outorgue este desapego e nos dê refúgio à Seus Pés!

OS REQUISITOS PARA A VIDA ESPIRITUAL

Swami Paratparananda¹

13-6-1972

É conhecimento comum que todos os homens do mundo, qualquer que tenha sido a esfera de sua ação, obtiveram êxito e chegaram ao cume de suas carreiras mediante perseverança, dedicação e métodos sistemáticos. Tomemos por exemplo os pintores e músicos renomados que apreciamos muito; os que têm aptidão para estas artes e querem brilhar como eles devem estudar seus métodos e segui-los. Não há atalho para a grandeza. É o trabalho árduo e persistente que lhes permitem alcançá-la. Igual é na vida espiritual. Mais vale algumas gramas de prática que toneladas de teoria, como dizia Swami Vivekananda. Aquele que aspira levar esta vida deve seguir as rotas dos grandes seres espirituais, ou seja, praticar as disciplinas com que eles mesmos se exercitaram. “Não existe outro caminho para chegar ao Altíssimo”, disse um dos Upanishads.

Estando claro a importância e a necessidade da prática, agora vamos falar das disciplinas. A **veracidade** ocupa o primeiro lugar entre elas, pois Deus é a Verdade, declaram os Upanishads. Como se pode alcançar a Verdade seguindo um caminho oposto? Além disso, a veracidade é indispensável mesmo em nosso trato cotidiano com as pessoas. O homem confia em uma pessoa veraz mui facilmente. Pelo contrário, ainda que seja atraído por outra com suas promessas fascinantes, perde a fé nela quando descobre que não é honesta, que não cumpre com suas promessas. Há um ditado sânscrito: “Unicamente triunfa a Verdade, nunca a mentira.” Esta, a primeira vista, pareceria uma declaração tonta porque percebemos que no mundo só prosperam os que seguem o caminho da astúcia e da mentira. Mas se temos a paciência de observar os chamados êxitos dessa gente, veremos que tudo o que é logrado pelo mau caminho não dura muito tempo, nem tampouco lhes proporciona a felicidade e paz que buscavam. Pois têm medo de serem descobertos, medo de confiar em alguém, incluindo seus parentes mais próximos. Podemos qualificar então essa sua existência como feliz? Distinta é a situação de um seguidor da verdade. Se um homem fala como pensa, atua segundo suas palavras e aceita tudo o que resulta de suas ações com calma, então não tem medo de nada. Porque pensa bem

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

e corretamente antes de falar e atuar; não deixa nada oculto. Só quando se oculta algo ou se faz alguma ação má ou contra as leis sociais ou do país e as escondidas, é que se teme ser descoberto e castigado e para encobrir uma mentira se recorre a mil outras; no entanto não se pode esconder a verdade. Esta, como o sol do meio-dia não deixa nada de escuridão, mostra a luz, revela toda mentira. É por isso que todos os preceptores espirituais, desde os tempos remotos, deram uma posição proeminente à verdade entre as disciplinas espirituais. Dizem os Upanishads: “Não deveis desviar-vos da verdade.” “O caminho do céu está feito da verdade”. Entre as qualidades piedosas ou divinas que Sri Krishna enumera no Bhagawad Gita também encontramos a veracidade. Sri Ramakrishna, a quem milhões na Índia e fora dela aceitam como a Encarnação Divina desta época, declara: “A veracidade constitui a maior disciplina espiritual para a era atual.” E continua: “Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus. Sem este respeito por ela [a verdade], gradualmente perde-se tudo. Depois que tive a visão da Divina Mãe, lhe roguei, com uma flor em minha mão: ‘Mãe, aqui está Teu Conhecimento, e aqui está Tua ignorância. Tome ambos e brinde-me solo com o amor puro. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua corrupção. Tome ambas, Mãe, e dá-me o amor puro. Aqui está Tua bondade e aqui está Tua maldade. Tome ambas, Mãe, e proporcione-me o amor puro. Aqui está Tua correção e aqui está Tua injustiça. Tome ambas e brinde-me com o amor puro.’ Mencionei tudo isto, mas não pude dizer, ‘Mãe, aqui está Tua verdade e aqui está Tua falsidade. Tome ambas.’ Submeti tudo aos Seus pés mas não pude decidir em abandonar a verdade.”

Nesta citação encontramos uma frase mui reveladora: “Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus.” Talvez se pergunte: ‘Mesmo um homem que não é religioso chega a ter a visão de Deus se é veraz?’ Mui possivelmente, se esse homem não se afastar da verdade por nada, em todas as circunstâncias e durante toda sua vida, por mais adversas que elas sejam, então os véus de ilusão diante dos olhos de sua mente desaparecerão pouco a pouco. Deus o conduzirá a um verdadeiro santo e, estando em sua companhia, recobrá sua consciência espiritual, e logo dedicará seu tempo em pensar em Deus, até que alcance Sua visão.

Todos vocês conhecem o significado da palavra ‘verdade’. Não obstante citaremos algumas acepções [desta palavra] dadas pelo dicionário, para aclarar a que nos referimos quando a utilizamos: “A verdade é a qualidade do que é certo. Conformidade do que se diz com o que existe. Sinceridade.” Devemos agregar, “Conformidade do que se diz com o que se faz.” Isto é, se digo algo devo fazê-lo, custe o que custar. Assim pois, quando nos referimos a esta palavra incluímos em seu significado todas estas acepções. Se o homem cultiva a verdade em todo este sentido, sem dúvida alguma alcançará à Deus, a Suprema Realidade, a seu devido tempo.

Passaremos agora a outra disciplina muito importante na vida espiritual: a **repetição do nome de Deus**. Para muitos isto parece pouca coisa. Perguntam: ‘Que há nisto? Como pode ajudar-nos?’ tentaremos responder-lhes. Suponhamos que uma pessoa está caminhando na rua em uma parte da cidade onde não é conhecida por ninguém; de repente ouve alguém gritar seu nome. Que faz? Imediatamente se detém e olha até a direção de onde veio a voz. Mas logo se dá conta de que o chamado não era para ela, pois não vê a ninguém que reconheça, mas sim a outra pessoa que certamente tem o seu nome, falando com uma terceira e sem prestar nenhuma atenção a outros. Mesmo sabendo que era estranha naquele bairro, a primeira não pode deixar de verificar se o chamado era para ela. Vemos assim que o nome tem sua potência.

Esta repetição do sagrado nome de Deus se chama “Japam” em sânscrito. Patanjali, o grande mestre, que escreveu os aforismos sobre a Yoga, disse: “Japam consiste em pensar no significado do mantram, ou fórmula sagrada, enquanto se lhe repete.” Nossa mente está cheia de tendências boas e más, impressões das ações das vidas anteriores e também desta vida. A maioria delas se encontra latente e cada uma se manifesta no momento oportuno quando vem um estímulo particular do que [mundo] externo. Repetir o nome de Deus e pensar Nele é despertar as boas tendências. E a medida que se vai repetindo esta prática, suas inclinações viciosas gradualmente vão sendo vencidas. Deus é amor puro, existência e bem-aventurança eterna. Pensando sempre Nele a mente também se torna pura e desenvolve amor por todos e sente algo da bem-aventurança eterna. Cremos que com esta explicação respondemos às perguntas sobre a utilidade desta prática.

A terceira disciplina constitui **a companhia dos santos**. Sri Ramakrishna deu muita importância a esta. Há um ditado: “Diga-me com quem andas e te direi quem és”. Que significa isso? Que a companhia influi em alto grau no caráter das pessoas. Estando na companhia dos santos ou devotos piedosos assimilam-se suas boas qualidades. Além disso, devido a que os santos sempre falam de Deus, engendram naqueles que os acompanham sede por vê-Lo. Sri Ramakrishna costumava dizer: ‘A companhia dos devotos é como a água de arroz [que lavou o arroz] para aquele que vive no mundo, pois tira a embriaguez mundana’. Um provérbio sânscrito diz: “Um momento da companhia dos piedosos ajuda ao homem a cruzar este oceano da vida”. Vamos narrar um incidente da vida de Swami Vivekananda. Certa vez, quando ainda não havia se tornado famoso, estava viajando pelo norte da Índia. Viajava só, dependendo totalmente de Deus, se alimentava com o que davam as pessoas, e não aceitava dinheiro algum. Mas às vezes os devotos o forçavam a viajar por trem proporcionando-lhe o bilhete para seu próximo destino. Em uma dessas ocasiões desceu do trem em certa estação e se sentou em um canto de sua plataforma. Depois que o trem partiu, o chefe da estação, que estava para ir para sua casa, o viu sentado no solo. Ao vê-lo ficou atraído pela aura de espiritualidade que rodeava o jovem

monge e se aproximou para oferecer-lhe seus serviços. Depois de saudá-lo, Sarat Chandra Gupta, o chefe da estação, lhe perguntou: “Swamiji, está com fome?” O monge respondeu: “Sim”. “Então me faça o favor de vir comigo a minha casa”. O monge respondeu com a simplicidade de um menino: “Mas o que você me dará para comer?” Citando um verso de um poema persa, o chefe lhe disse: “Ó querido, tu vieste ao meu lar. Prepararei o prato mais delicioso para ti com a carne de meu coração”. O Swami aceitou o convite. Mais tarde, Sarat ouviu ao Swami cantar uma canção em bengali que dizia: “Meu querido deve visitar-me com cinzas em sua testa”. O jovem devoto desapareceu para aparecer de novo despojado de seu uniforme oficial e com cinzas em sua testa. Uns dias mais tarde o Swami decidiu deixar o lugar. Em seguida o Chefe conseguiu um substituto para que ficasse a cargo de seus deveres e acompanhou ao Swami como discípulo. Nunca mais voltou a sua vida anterior. Ingressou na Ordem e se fez monge e foi conhecido pelo nome de Swami Sadananda. Este homem, antes de seu encontro com Swami Vivekananda, ainda que levasse uma vida honesta e correta, não sabia muito da religião. Mas ao conhecer a um gigante espiritual, despertaram nele todas suas inclinações mais elevadas adormecidas, e todo o pensamento sobre o amanhã que assalta a um homem do mundo se desvaneceu para sempre de sua mente. Isto ilustra bem claramente o provérbio já citado.

Este não é de modo algum o único exemplo na vida espiritual do mundo. Todos vocês conhecem a transformação que aconteceu nos pescadores Simão e André, seu irmão, quando Jesus os viu e lhes disse: “Venham a mim, e eu os farei pescadores de homens”. Então eles, deixando no mesmo instante as redes, o seguiram. Vemos assim que a companhia dos santos e Encarnações Divinas é um fator muito potente na vida espiritual.

A **castidade** forma um dos fundamentos imprescindíveis da vida espiritual. Os jovens que querem levar esta vida devem aderir-se a ela estritamente, e os casados devem viver uma vida bem moderada se anelam ver a Deus. Ninguém na história da religião chegou a ter a visão de Deus sem praticar esta virtude.

Na Índia, os que seguem o caminho do conhecimento, dão primazia ao **discernimento entre o Real e o irreal**. Só Deus é Real, todas as outras coisas do mundo são irreais, impermanentes, transitórias. Enquanto se considere ao mundo e seus objetos como reais não se pode afastar-se deles, mais ainda, aferra-se a eles intensamente, ansia gozos neste mundo e anela prazeres no além, nos céus. Não se dá conta que todo prazer mundano é fugaz, momentâneo. Quando descobre isto por sua própria experiência nesta vida ou em vidas passada, então, só então, não se envolve nas coisas mundanas. Começa a discernir e a perguntar-se: “Quem sou? Por que vim aqui, a este mundo? Qual é a meta, o objetivo da vida humana?” Com esta reflexão começa a vida espiritual.

Os grandes Mestres deste caminho prescrevem a **prática das seis virtudes** seguintes: Primeira, shama, domínio sobre a mente; segunda, dama, domínio dos órgãos dos sentidos; terceira, uparati, não deixar a mente identificar-se com as modificações dos objetos apresentados pelo externo; quarta, titiksha, suportar todas as dores e pesares sem queixas nem angústias; quinta: shraddha, fé sem reserva, ou plena, nos ensinamentos das escrituras e do Guru, preceptor espiritual; sexta, samádhana, estabelecer sempre e firmemente o intelecto ou a mente em Deus. Por último, eles insistem em que se deve ter um **desejo ardente pela liberação**.

O que significa shama, ou domínio sobre a mente? Sabemos que a mente sempre vaga pelos objetos apresentados pelos sentidos, e pensa neles ainda que não estejam presentes. Não permitir que a mente ande buscando os prazeres, mas que se dirija à sua própria morada, ou seja Deus, constitui seu domínio.

Dama consiste em controlar e estabelecer os órgãos dos sentidos, tanto os externos como os internos, nos lugares que lhe correspondem. Existe um quadro japonês de três monos, em que um cobre seus olhos com as mãos; outro, os ouvidos e outro a boca, que representa simbolicamente o conceito de que não se devem ver coisas sujas ou imorais; nem ouvir palavras frívolas e inúteis; nem tampouco falar ou dizer coisas não corretas, triviais e fúteis. Há uma oração nos Upanishads que diz: “Que escutemos tudo o que é bom, vejamos o que é auspicioso, executemos com nossos membros ações que agradem à Deus, toda nossa vida”. Esse é o significado de dama.

Retirar a mente dos objetos se chama uparati. À medida que se vai praticando as duas disciplinas anteriores logra-se a força para desapegar-se das coisas externas e estabelecer-se em pensamentos de Deus.

Falamos em uma de nossas conversas anteriores sobre titiksha, mais amplamente. Por tanto não o repetimos aqui.

A fé ou shraddha na palavra do Guru é indispensável para um aspirante espiritual. Mesmo no mundo não se pode lograr nada se não se confia em alguém. Sri Ramakrishna costumava dizer que um devoto deve ter uma fé como a de uma criança. Se a mãe diz ao menino que tal ou qual pessoa é seu irmão, ele o crê sem reserva. Narraremos uma estória para mostrar quão certa é esta declaração do Mestre.

Havia uma pobre viúva em certa aldeia que tinha um filho. Para educá-lo o enviava a uma escola longe de sua casa. O caminho até ela atravessava um bosque. Um dia o menino disse a sua mãe: “Mãe, sinto medo quando passo pelo bosque”. A mãe, como era pobre, não podia dar-lhe um acompanhante para protegê-lo das feras e do medo dos fantasmas. Pensou um pouco e como era devota de Sri Krishna, entregando-lhe mentalmente o cuidado de seu filho, disse a ele: “Olhe filho, tu tens um irmão mais velho que se chama Madhusudana (um nome de Sri Krishna) que vive no bosque. Quando sintas medo chame-O e Ele aparecerá diante de ti e te acompanhará”. O menino confiou na palavra

de sua mãe e enquanto atravessava o bosque no dia seguinte gritou: “Ó irmão Madhusudana, vem logo, tenho medo!” De imediato ouviu uma voz que dizia: “Já vou, irmão, não te assustes,” e apareceu um jovem de brilhante aspecto que o acompanhou até o final do bosque. Assim o menino teve um acompanhante todos os dias que ia à escola. E brincavam enquanto cruzavam o bosque. O menino contou a mãe tudo o que acontecia. Um dia houve uma festa na casa do mestre e se pediu a todos os alunos que levassem presentes. Este menino também pediu a sua mãe que lhe desse algo para levar ao preceptor. A mãe que apenas podia sustentar-se a si mesma e à seu filho, lhe disse: “Peça a teu irmão e ele te proporcionará o melhor presente que possas levar.” O menino seguiu a instrução da mãe e quando seu irmão apareceu no dia seguinte, ele lhe pediu o presente. O jovem trouxe um pequeno pote de leite e o entregou ao menino ao sair do bosque. O preceptor, que recebia presentes valiosos, não prestou nenhuma atenção a este menino. Ao final da cerimônia o mestre lhe perguntou: “Que trouxeste para mim?” O menino presenteou seu pote de leite, o qual ele recebeu com desprezo, dizendo a um de seus alunos que derramasse o conteúdo em uma vasilha. Mas aconteceu algo assombroso. O pequeno pote de leite não somente encheu todas as vasilhas que o mestre possuía, mas ainda assim permanecia cheio. Maravilhado o mestre perguntou ao menino: “Bom, meu filho, onde conseguiste este pote?” O menino relatou todo o ocorrido. De novo o preceptor lhe disse: “Queres apresentar-me a esse teu irmão? Anelo muito vê-lo.” O menino consentiu logo com alegria, e ambos foram ao bosque. O menino chamou em alta voz a seu irmão por seu nome. Mas desta vez não aconteceu nada. O irmão não apareceu. Então muito aflito, o menino chorando, disse: “Irmão, se não aparecer meu mestre me considerará um mentiroso, por favor revela-te diante de nós.” Como resposta a este rogo, só ouviram uma voz dizendo: “Irmão, eu estou sempre disposto a aparecer diante de ti, mas teu mestre ainda não é digno de ver-me, ele terá que esperar muito.” Ouvindo estas palavras o mestre ficou muito envergonhado, pediu perdão ao menino por tê-lo tratado com desprezo e o abençoou com todo coração.

Vemos assim, que a mera erudição sem as práticas espirituais, muitas vezes forma uma barreira entre nós e Deus. Pelo contrário, a plena fé nos ajuda a alcançá-lo. Não temos que considerar esta estória como um conto para entreter as crianças. Tudo isto aconteceu na Índia não muito antiga. Tampouco é um incidente único. Há casos similares que lemos na história das religiões, em todas as partes do mundo. Vamos citar outro exemplo.

Havia um Brahmin piedoso que sempre fazia o culto a seu Ideal. Um dia, na hora de oferecer a comida ao Senhor, teve que sair por alguma causa. Antes de partir disse ao seu filho de tenra idade que fizesse a oferenda ao Ideal. O menino levou os pratos e os colocou no altar e pediu ao Senhor que se servisse da comida. Quando viu que o Senhor, a Imagem, não mostrava nenhum sinal de movimento, começou

a chorar, dizendo: “Ó Senhor, meu pai teve que ir a outro lugar, ele me encarregou de te oferecer este serviço. Parece que Tu estás zangado comigo. Desculpe-me se cometi algum erro; por favor sirva-se, senão meu pai brigará comigo”. Ouvindo estas palavras simples do simples menino, o Senhor apareceu diante dele e comeu todas as oferendas nos pratos. Depois de alguns minutos as pessoas da casa chamaram ao menino para que trouxesse a oferenda, mas o menino disse que o Senhor já havia comido toda a comida. Assombrados, eles foram ao templo e viram que os pratos estavam limpos. E quando o pai voltou e ouviu sobre o acontecido, ficou alegre e triste ao mesmo tempo, pois seu filho com sua fé infinita e intensa havia visto a Deus; triste, porque ele mesmo depois de todos os seus esforços e cultos para ver a Deus, não havia chegado a ter Sua visão.

Observamos assim que a fé é indispensável na vida de um aspirante espiritual, qualquer que seja seu caminho para Deus. Mas desgraçadamente a debilidade de nossa época consiste em não crer em nada, especialmente na vida religiosa, enquanto não tenhamos provas tangíveis sobre ela. Praticamente já afastamos o Espírito do nosso terreno de pensamento e ação. Fechamos a porta de nosso coração para Ele. Devemos remediar esta situação. Devemos converter ao coração em templo de Deus e, como disse Jesus, expulsar a todos aqueles que vendem e compram, ou seja, as inclinações que nos dirigem ao prazer mundano e afirmar como Ele que ‘minha casa, casa de oração será chamada’. Devemos abrir nosso coração para que entre a fé nele. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: ‘Assim como é a fé de um homem, de igual modo é a formação de seu caráter’. O homem sátvico adora a Deus, naquele que tem fé nos seres celestiais predomina as qualidades rajásicas; e aqueles que têm inclinações ou propensões tamásicas, adoram aos fantasmas ou ao mundo material. Sejam adoradores de Deus, afastando-nos do puro materialismo.

Agora iremos discutir sobre o samádhanā ou tranqüilidade mental. Todos sabem como a mente é inconstante; aquietá-la é um esforço de toda a vida, para a maioria da humanidade. No entanto, sem dirigi-la à Deus não se consegue a tranqüilidade, a paz eterna. Só quando se praticam todas as disciplinas já mencionadas ou outras semelhantes, é possível alcançar este estado. Se não, é difícil, mais ainda, impossível que logremos tê-la, pois a tranqüilidade não está na felicidade material. A sede do homem pelas coisas materiais não se apaga nunca, senão que aumenta cada vez mais. E com todas estas preocupações, como se pode ter a tranqüilidade mental? É ao contrário o que acontece. Tudo isto agita a mente em lugar de acalmá-la. Além disso, o que busca a maior parte da humanidade não é a tranqüilidade, senão a felicidade e isto o fazem mesmo sabendo que é passageira, que traz consigo inumeráveis dificuldades e pesares e que também debilita a pessoa física e mentalmente. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: “Está ausente a faculdade de discernir naquele que se ocupa dos prazeres. Aquele que a

perdeu [a faculdade de discernir] não é capaz de pensar em coisas mais elevadas. Aquele que não pensa no Ser ou Deus não tem paz, então, como pode lograr a felicidade ou bem-aventurança eterna? Em troca, aquele que está livre dos pares de opostos, tais como o afeto e a repulsão, ainda que viva no mundo, os subjuga por sua vontade e alcança a equanimidade. Uma vez lograda a serenidade se desvanecem todos os pesares para este homem”.

Os hindus crêem que um ser humano renasce repetidas vezes até que alcance a liberação. Liberação de quê? Liberação destes nascimentos e mortes, liberação de todas as correntes que nos prendem ao mundo. Também crêem, que é o próprio ser humano que fabrica seus renascimentos nesta terra, mediante suas ações. Cada um tem que passar pelas experiências do mundo antes que chegue a ter desapego aos prazeres. Só então se dispõe a valorizar as coisas pertencentes ao reino do Espírito. Se não, por mais que se lhe aconselhe ou ensine, não é capaz de crer na necessidade de levar uma vida espiritual. Portanto, um anelo ardente é imprescindível para lograr a visão de Deus ou conseguir a liberação.

Na vida espiritual a guia de um mestre é necessária, mas devemos ter extremo cuidado antes de escolher ou submeter-nos a um Guru. Sri Shankara em seu livro Viveka Chudamani dá alguns signos pelos quais se pode reconhecer ao verdadeiro mestre espiritual. Diz: “Aquele que estudou as Escrituras Sagradas, aquele que é sem mácula, a quem os desejos não movem, quem conhece a Brahman, a Suprema Realidade, cujo descanso está em Brahman, que realizou a Brahman, cuja personalidade é como o fogo sem fumaça, que é como um oceano de compaixão por todos os que se aproximam com o desejo de liberar-se, é um verdadeiro Guru”. Nele não existe o desejo de ganhar dinheiro, fama ou renome. Tudo o que lhe dá o impulso para ensinar aos demais é sua compaixão pelos aflitos do mundo. Mas é difícil encontrar a alguém que realizou e viu a Deus. Isto não quer dizer que o mundo carece de pessoas que levam uma vida completamente entregue a Deus, que nunca pensam em seu próprio bem estar material quando tentam compartilhar suas experiências espirituais com os demais. Esse deve ser o critério com que se deve escolher um Guru. Hoje em dia é moda mudar de mestre espiritual tão frequentemente quanto seja possível. Por que as pessoas não sabem o que querem. Seu ideal é muito nebuloso; às vezes crê que anela a Deus, mas no instante seguinte dirige sua mente para seus bens, sua saúde ou como sair de algum apuro. Se observar-se, se achará que a maior parte destas pessoas busca somente estas coisas e não à Deus. É por isso que andam visitando a um Guru e a outro, sem ter uma ideia fixa do que querem. Mas isto é justamente o que não deve fazer um aspirante espiritual, porque mostra sua falta de fé no mestre que se aproximou e por conseguinte, não logra nada neste mundo nem no além. Deve-se observar ao mestre durante um longo tempo antes de submeter-se ao seu cuidado. Uma vez aceito, nunca deve mudar senão seguir suas

instruções ao pé da letra e em seu espírito, até a morte, sem vacilar. Porque só Guru pode mostrar o caminho adequado a um discípulo particular, segundo suas inclinações. O resto depende dele mesmo. Só em casos muito especiais em que o Guru é a Encarnação Divina ou um santo de muito alta categoria e o discípulo possui algumas boas qualidades bem proeminentes, é que o mestre tira os obstáculos do caminho espiritual do discípulo por seu mero toque. Tampouco um preceptor espiritual aceita a um discípulo muito facilmente. O observa durante um longo período. O submete a muitas provas e só quando se assegura que o discípulo o seguirá sem reservas e não se afastará do caminho espiritual, lhe concede sua graça.

O caminho da devoção não exige muitas das disciplinas do caminho do conhecimento, no entanto, insiste na fé, tanto nas Escrituras como no Guru; também na repetição do santo nome de Deus. Mas isto não significa que permite a ausência das virtudes enumeradas anteriormente. Neste caminho, o aspirante, pela intensidade de sua devoção, desenvolve nele todas as boas qualidades, como por exemplo, compaixão, natureza suave, domínio sobre a mente, tranquilidade e outras semelhantes, e até que não as alcance não consegue a visão de Deus.

Resumindo, os requisitos para a vida espiritual consistem em praticar disciplinas tais como a veracidade, a castidade, a companhia dos santos, a repetição do santo nome de Deus, o domínio sobre a mente e os órgãos dos sentidos, a intensa fé nas palavras dos textos sagrados e no Guru, e por último, se bem não menos importante, a guia do Preceptor espiritual. Além disso é necessária uma intensa ansiedade para liberar-se dos nascimentos e mortes. Bem-aventurados serão aqueles que encontram um verdadeiro Guru e seguem praticando intensa e firmemente as disciplinas que ele aconselha.

A DEVOÇÃO QUE NOS LEVA A DEUS

21-11-1979

Por Swami Paratparananda

Muitos aspirantes à vida espiritual de todas as partes do mundo se queixam que Deus não escuta às suas orações, e que apesar de tê-Lo suplicado durante anos Ele não Se revelou. Há algo verdadeiro nesta queixa que se ouve frequentemente? Todas as Encarnações Divinas afirmam que Deus outorga tudo que se Lhe pede; por exemplo, Sri Krishna disse, no Bhagavad Gita: “Fixa tua mente em Mim (no Senhor), sê Meu devoto, oferece-Me todo teu sacrifício e saúda-Me; dessa forma, tendo a Mim como tua Meta Suprema, chegarás a Mim.” O Senhor Jesus afirma: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; chamai e abrir-se-vos-á. Porque qualquer que peça, recebe; e o que busca, achará; e ao que chama, se abrirá.” Ele também assegura: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”¹. Quando perguntaram a Sri Ramakrishna se Deus escuta nossas preces, ele respondeu: “Deus é o *Kalpatarú*, a Árvore que realiza os desejos. Seguramente você receberá o que pede a Ele. Mas você deve pedir de pé perto dessa Árvore. Somente então se cumprirá seu pedido. Você deve recordar de outra coisa: Deus conhece nossos sentimentos íntimos. Um homem consegue satisfazer o desejo que abriga durante as suas práticas espirituais. Recebe-se de acordo com o que se pensa.”

Estes grandes mestres não tinham nenhum motivo para falar assim se não fosse certo, se não fosse verdade. Além disso, ensinavam por amor à humanidade e falavam a partir da própria experiência. Estou certo de que os aspirantes aos quais nos referimos no princípio dessa palestra conhecem estas afirmações; então, o que nos impede de alcançar Deus? Que tipo de devoção pode nos levar a Deus? Nas palavras já citadas de Sri Ramakrishna encontramos um indício de como devemos rezar a Deus. Em sua maioria, os aspirantes que tentam praticar suas disciplinas espirituais o fazem com suas mentes vagando por toda parte, sem fixar o pensamento no Senhor, mas nas coisas deste mundo. O apego que se desenvolveu pelas coisas daqui é tão forte que ocupa quase toda a mente. Para explicar isto, Sri Ramakrishna relatou uma parábola: “Um mago estava fazendo demonstração de seus truques a um rei. De vez em quando ele exclamava ‘Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!’ De repente sua língua deu uma volta e se pregou no céu da boca. O mago experimentou *kumbhaka* (retenção da respiração). Não pôde articular nem uma palavra ou som e ficou sentado, imóvel. Acreditando que havia morrido, construíram uma cripta de ladrilhos e o enterraram nessa postura. Depois de mil anos, quando

¹ Mt 11:28

alguém abriu a cripta, deram-se com um homem sentado em *samadhi*. Pensaram que fosse um santo e o adoraram. Quando o moveram, sua língua se despregou do céu da boca e voltou à posição normal. O mago, ao tornar-se consciente do mundo exterior, gritou como fez mil anos atrás: ‘Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!’”. Tal é a força do apego às coisas do mundo que, mesmo depois de anos tentando nos afastar delas, elas nos mantêm presos e sempre voltam a interferir em nossas orações. Nosso pensamento retorna uma e outra vez impetuosamente ao mundo material, até durante as orações, por causa desse apego.

Podemos dividir os aspirantes em quatro tipos, de acordo com o motivo porque se aproximam de Deus: os aflitos, os que buscam conhecimento, os que desejam riqueza ou outro prazer e os sábios. Sri Krishna disse que todos eles são pessoas de bons méritos, mas que o sábio, sempre firme e dedicado ao Senhor, é quem se sobressai: “pois”, acrescenta Sri Krishna, “Eu sou supremamente querido por ele e ele é querido por Mim.”

Porque o sábio não adora ao Senhor para conseguir algo d’Ele, mas o faz porque sabe que o Senhor é seu próprio Ser interno e que todas as outras coisas são transitórias, fugazes, e somente traz transtornos e perturbações. A maioria dos aspirantes pertence às primeiras três categorias acima mencionadas: rezam a Deus para que cure suas enfermidades, lhes dê boa saúde, filhos compreensivos, riqueza em abundância e coisas desse tipo.

Existem outros que querem conhecer a natureza de Deus. Em qualquer desses casos, quando não se consegue o que buscam (uma recompensa imediata), então começam a se queixar ou abandonam o caminho. Com que entusiasmo começam! Dizem que não querem nada além de chegar a Deus, que não lhes interessa nenhuma outra coisa. Sem dúvida, quando não encontram formas de avançar, pois suas próprias mentes se tornam um grande obstáculo no caminho, exigindo a satisfação de seus desejos até então ocultos, abandonam completamente seus esforços e voltam às suas vidas anteriores e talvez mergulhem mais fundo no mundo material.

As escrituras hindus sobre *bhakti* (devoção) falam de dois tipos de devoção, a *vaidhí bhakti*, ou a prática da devoção segundo os mandamentos, e o *prema bhakti*, o amor espontâneo e extático por Deus. O principiante desse caminho deve seguir os mandamentos: repetir certo número de vezes o *mantram*, ou fórmula sagrada do nome de Deus, jejuar algumas vezes por mês, cantar as glórias do Senhor e praticar outras disciplinas espirituais para tentar manter sua mente n’Ele. À medida que segue o caminho, sua atração pelo Senhor vai aumentando, se estiver cumprindo os mandamentos da maneira devida. Sem dúvida, isto não acontece se o aspirante tem um forte apego ao mundo material e é movido facilmente pelas paixões. Estas são como o lastro para o globo; se há muitos lastros o globo não pode ser remontado no céu, pois ficará

flutuando numa determinada altura. É isto que acontece com muitos seguidores do caminho espiritual: quando decai o entusiasmo que sentiam no início, diminui a concentração e também os esforços para chegar à meta. De outro lado, surgem desejos de renome, fama e comodidades como recompensa pelas poucas austeridades ou dedicação que fizeram.

Sri Ramakrishna disse repetidas vezes aos seus ouvintes: “Acaso vocês podem conseguir as pérolas que se encontram no fundo do mar, flutuando simplesmente sobre a superfície das águas?”. Também costumava entoar uma canção que expressa esse sentimento. A citaremos aqui:

*Mergulhe fundo, ó mente, levando o nome de Kali,
Nas águas do oceano do coração,
Onde estão escondidas muitas pedras preciosas.
Jamais acredite que o fundo do oceano carece das gemas
Se seus primeiros mergulhos forem infrutíferos;
Com firme determinação e autodomínio
Mergulhe e abra caminho para o reino da Mãe Kali.
Ali embaixo, nas profundezas do oceano de Sabedoria Celestial,
Estão as pérolas maravilhosas da Paz, ó mente;
E você mesma pode recolhê-las,
Se tiver somente amor puro e obedecer às escrituras.
Nas águas profundas do oceano, também
Espreitam seis crocodilos - luxúria, a ira e as outras paixões -
Movendo-se sempre em busca de sua presa.*

*Unte-se com a cúrcuma do discernimento
Seu simples odor lhe resguardará de suas mandíbulas.
No leito do oceano estão espalhadas
Incontáveis pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, disse Ramprasad, e recolha-as a mãos cheias.*

Nessa canção estão descritos os requisitos para se chegar a Deus: primeiro ensina que devemos retirar a mente dos objetos exteriores e dirigi-la para dentro, levando o nome de Deus. Porque tudo que buscamos no exterior – felicidade, paz e tranquilidade - está dentro e não do lado de fora. No exterior tudo é torvelinho, redemoinho, conflitos, querelas e mal-entendidos. Como podemos esperar que o mundo se modifique?

Portanto, os sábios espirituais ensinam que devemos ir para dentro. A segunda lição é que nunca devemos esperar resultados imediatos, nem nos desesperar por causa dos primeiros fracassos em nossas tentativas de alcançar um estado de estabilidade ou concentração, mas que com firme determinação, e controlando todos os sentidos, devemos persistir

nos esforços até chegar à meta, a Deus. A Paz não pode ser alcançada no exterior, mas em si mesmo. Ninguém pode consegui-la para nós senão nós mesmos, ao cumprir os mandamentos das escrituras e obter o amor puro pelo Senhor. O poeta está consciente da existência das paixões, as quais compara com os crocodilos famintos, e para enfrentá-las recomenda cultivar o discernimento. Sem discernimento, mesmo uma pessoa que segue o caminho da devoção não pode avançar, porque o discernimento atua como um vigilante que impede que as paixões lhe causem prejuízo. As pérolas maravilhosas que alguém pode recolher são a bem-aventurada visão de Deus e resultantes paz, tranquilidade e equanimidade. Esta é a devoção que pode nos levar a Deus: uma devoção firme, guiada pelo discernimento e pela renúncia. Não devemos nos assustar ao ouvir a palavra “renúncia”. Sabemos que a renúncia total não é possível para todos, mas para se alcançar Deus é preciso renunciar pelo menos internamente, quer dizer, desapegar-se de todas as coisas materiais. Porque como disse o Senhor Jesus Cristo, não podemos servir a dois senhores, a Deus e a Mammón.

Como dissemos no início desta palestra, os objetos do mundo têm uma atração irresistível para o ser humano, e quem cai em sua rede raríssimas vezes consegue sair dela, e a menos que escape dali, não será possível chegar a Deus. Na canção que acabamos de citar é mencionado o amor puro. O que significa isso? No mundo, ou o amor quase sempre é egoísta ou está sujeito à reciprocidade. O amor motivado, seja qual for, é condicionado pelas circunstâncias, situações e coisas do tipo. Bem raras vezes se encontra pessoas cujo amor pelos outros não tenha algum interesse pessoal. O amor puro é aquele que não exige nenhuma retribuição, mais ainda, não espera nenhuma recompensa, e flui sempre da mesma forma para o objeto do amor sob quaisquer condições. Não se dirige esse amor para Deus com a esperança de coisa alguma. A pessoa que o possui ama a Deus porque sente que o Senhor é seu único parente e amigo íntimo. Está disposta a servi-Lo de todas as maneiras possíveis, e sente-se feliz ao fazê-lo.

Sri Ramakrishna certa vez disse: “Pode-se falar das escrituras, da filosofia, da Vedanta; mas não se encontrará Deus em nenhum deles. Jamais será possível alcançar a Deus, a menos que sua alma se inquiete por Ele. Deve-se estar ansioso por Deus, e praticar disciplinas espirituais com intensidade. Acaso é possível obter a visão de Deus de repente, sem nenhum preparativo?” O preparativo consiste em levar a cabo as indicações das escrituras, pôr em prática o que elas ensinam e tentar desenvolver o anelo por Deus. Sem esse anelo, ninguém pode alcançá-Lo.

As escrituras hindus também mencionam cinco graus de devoção ou atitudes com as quais o aspirante pode se aproximar de Deus; a saber, *shanta*, pacífica, na qual o devoto segue suas práticas firmemente, considerando a Deus como Pai ou Mãe, mas não com muita ansiedade por alcançá-Lo. A maioria dos verdadeiros buscadores é dessa classe. Depois vem *dasia*, a atitude do servidor; é muito mais forte que a anterior; o

devoto tenta agradar ao Senhor de toda maneira, e está sempre alerta para praticar os ensinamentos das escrituras. Depois vem a atitude de *sakhia*, de amizade, o amor de um amigo por outro; nesta e nas seguintes formas de devoção o devoto não presta muita atenção às glórias de Deus, pois estas não têm importância para ele, já que não busca nada do Senhor, anela somente vê-Lo e estar em comunhão íntima com Ele. O próximo grau mais elevado é o da atitude de *vátsalia*, a de uma mãe para com seu filho; esse devoto considera a Deus como um filho, que necessita de seu cuidado; muitas mulheres na Índia têm esta atitude para seu Ideal.

Finalmente está a atitude de *madhur*, a de uma amante para seu amado; esta atitude abarca todas as anteriores, e o devoto nunca pensa em seu próprio conforto, mas está sempre disposto a servir ao Ideal durante todo tempo. Mas esta última é muito difícil de praticar e não é para todos ou qualquer um. Somente as Encarnações Divinas podem suportar a angústia da separação de Deus que é sentida quando se pratica esta atitude. Além disso, a pessoa que quer praticá-la deve ter uma mente despojada de todas as paixões, não deve ter nenhum vestígio de desejos mundanos. Todas estas atitudes levam o buscador a Deus quando são cumpridas sem nenhum desejo de gozar aqui ou no além.

Lamentavelmente a maioria dos que recorrem à vida religiosa se restringe à letra das escrituras e não se esforça para seguir o seu espírito; celebram as festas, frequentam os templos com regularidade, fazem um pouco de caridade e talvez uma ou outra, entre elas, procure dedicar alguns momentos de sua vida diária à oração. Também pode ser que levem uma vida moral e bem disciplinada, mas pensam que não há mais nada a se fazer para chegar ao Senhor. Deus não pode ser alcançado através deste tipo de devoção. Às vezes as pessoas, estando equivocadas acerca dos valores das coisas, usam o impedimento na vida espiritual como ajuda. Há uma história sobre Guru Govinda Singh, um dos grandes líderes espirituais dos *Sikhs* da Índia, e um rico discípulo seu, que ilustra isso. “Certa vez Guru Govinda Singh estava sentado rezando à margem do Yamuná. Era à hora do crepúsculo, quando chegou Raghunath, um rico discípulo, que o saudou prostrando-se e disse: ‘Senhor, peço-lhe que aceite este pequeno presente como uma lembrança do meu carinho.’ Feito isso, colocou perto dos pés do mestre dois braceletes de ouro incrustados com pedras preciosas. O Guru aceitou as joias e para poder mostrar sua alegria, começou a brincar com um dos braceletes, atirando-o ao ar e apanhando-o nas palmas de suas mãos. De repente ele deixou que deslizasse de sua mão e caísse no rio.

“O discípulo encarou isso como um acidente lamentável, e saltou no rio para recuperá-lo. Continuou buscando-o até que o mestre, sem mostrar mais interesse pelo assunto, absorveu-se em meditação. Várias horas depois, Raghunath retornou frustrado de sua busca, com uma face triste. Disse: ‘Mestre, lamento muito, não tive êxito até agora para encontrar a joia, mas no entanto, talvez eu possa encontrá-la se o senhor

me indicar o lugar exato onde ela caiu caiu.’

“Sabendo exatamente o que se passava na mente do discípulo, o Guru pegou o outro bracelete e o atirou ao rio dizendo: ‘Raghunath, foi exatamente ali.’

“O discípulo ficou estupefato e confuso ao ver essa ação deliberada do mestre. Não conseguia entender o que o Guru queria ensinar ao atirar também essa segunda joia. Depois de alguns instantes o mestre se levantou de seu assento e abraçando o discípulo disse: ‘Raghunath, eu me livrei dos braceletes de propósito. Percebi como sua mente estava apegada a eles e isto gerava uma barreira entre você e eu. Abandone sua vaidade de riqueza.’

“O discípulo reconheceu o seu erro, prostrou-se diante dos pés do mestre e desde aquele momento mudou completamente.”

Da mesma maneira, mantemos com muita tenacidade barreiras como esta entre nós e Deus, e depois nos queixamos de que Ele é quem não Se revela. São muitas as barreiras: vaidade de riqueza, de posição, de religiosidade, de santidade, das paixões, apegos e coisas desse tipo. Cada uma é como uma montanha muito difícil de cruzar se não anelamos por Deus. Esse anelo nos fortalece a tal ponto que podemos fazer o impossível. Ao contrário, se nos contentamos com um pouco de oração diária, nossa recompensa também será da mesma equivalência: teremos nome e fama de homens piedosos, bons ou simpáticos aqui na terra, mas não alcançaremos Deus. Sri Ramakrishna costumava aconselhar aos seus discípulos: “Diz-se que é possível ver a Deus dirigindo a Ele a intensidade reunida dessas três atrações: a atração que uma mãe sente por seu filho, a que uma fiel esposa sente por seu esposo e a que tem um homem mundano por seus bens materiais.” Perguntemo-nos se possuímos este anelo por Deus, se não o possuímos não temos direito de nos queixar. Mas essas lágrimas não devem ser derramadas para ganhar o reconhecimento das pessoas; devem surgir espontaneamente, não para demonstração, nem para fazer uma exibição de santidade, mas pela agonia que se sente pela separação de Deus. A ansiedade que devemos sentir para alcançar a Deus é ilustrada na seguinte parábola: “Um discípulo visitava seu mestre e lhe pedia que lhe dissesse como ele poderia ver a Deus. O mestre não lhe respondeu nada no primeiro dia. Mas o discípulo não desistiu e visitou o mestre no dia seguinte, e novamente fez a mesma pergunta. Outra vez o Guru não deu nenhuma resposta. Depois que o discípulo o visitou várias vezes e repetiu a pergunta, um dia o Guru fez com que ele o acompanhasse até um lago. Quando ambos estavam na água, o mestre de repente mergulhou a cabeça do discípulo e a sustentou assim por um instante. Quando soltou sua cabeça, esperou que se recobrasse de seu susto e perguntou: ‘O que você sentiu?’ ‘Senti como se fosse morrer e anelava por um pouco de ar.’ Deve-se desenvolver esse tipo de amor por Deus, então Ele não pode deixar de se revelar ao devoto.

Há um canto de um santo de Bengala que expressa esse

sentimento.

*Clama por tua Mãe Shyama com verdadeiro clamor, ó mente!
E como pode Ela esquivar-Se de ti?
Como pode Shyama não aparecer?
Como pode tua mãe Kali Se manter afastada?*

*Oh, minha mente! Se tens fervor, leva a Ela uma oferenda
de folhas de bel e flores de hibisco;
Põe a Seus pés a tua oferenda
E misture com ela a fragrante pasta de sândalo do Amor.*

Estas não são meras palavras, mas a expressão da experiência que esse santo teve, por isso é tão categórico em sua declaração. Se temos a firme fé de que Deus é nosso Pai ou Mãe, não podemos duvidar que Ele escuta nosso chamado quando somos sinceros, e nos dá o que pedimos. Porque como disse Jesus: “Que homem há entre vós, a quem se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, podeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quão mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que Lhe pedem?” Mas primeiramente temos que sentir essa relação íntima com Deus, se não a sentimos nem tampouco temos essa fé n’Ele, então fica difícil entregarmo-nos totalmente à Sua vontade, mesmo que milhões de vezes repitamos a oração: “Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu.”

Somos gente de pouca fé, dirigimo-nos a Deus como nosso Pai ou Mãe, mas não acreditamos nisso completamente; se o fizéssemos, como poderíamos nos queixar de que Deus não escuta as nossas orações? O que acontece é que todo nosso amor e apego ficam distribuídos entre os parentes – esposa e filhos –, amigos e objetos do mundo. Não sobra quase nada para dar a Deus, e o pouco que queremos oferecer parece muito para nós. Vamos reiterar a palavra “queremos”, pois realmente não Lhe damos, porque o pouco tempo que dedicamos às orações passamos pensando em coisas deste mundo e tentando solucionar não somente os problemas pessoais mas também os alheios. Com essa mente, com esse tipo de devoção, como poderemos esperar alcançar Deus? Como poderemos vê-Lo? Ao Senhor temos que dar todo o nosso amor, porque não existe ninguém no universo mais querido e mais próximo que Ele. É nosso Ser mais íntimo, Alma de nossa alma. Temos que gravar essa idéia em nossa mente para que possamos verdadeiramente amá-Lo, fundir nosso mais terno sentimento n’Ele. Somente quando pudermos querê-Lo assim, poderemos dizer que estamos clamando por Ele verdadeiramente.

Nos Vedas se diz: “Oh, Senhor, clamamos a Ti como a vaca que muge pelo bezerro.” Os que presenciaram essa atração da vaca pelo bezerro, perceberam sua força. A devoção que não desperta esse tipo de

amor não nos leva a Deus, ainda que aqui tenhamos título de pessoa espiritual ou religiosa.

Mas como desenvolver esse tipo de devoção? Sri Ramakrishna sugere que se deve viver na solidão de vez em quando, afastado dos familiares e de suas preocupações, e praticar as disciplinas espirituais. Aconselha também viver na companhia dos seres avançados espiritualmente, pois é difícil seguir um caminho se não se encontra um exemplo vivo. A mera teoria não pode satisfazer ao homem. Vendo a vida de abnegação em sua frente, lhe é possível compreender que Deus não é um mito e que os que dedicam sua vida para tentar chegar até Ele não são tontos ou loucos. Porque na companhia de um verdadeiro santo se sente uma paz que não é deste mundo. Desvanecem-se, pelo menos nesses momentos, as dúvidas sobre a vida espiritual, da existência de Deus e coisas semelhantes. Cantar o nome e glórias de Deus é a terceira ajuda neste caminho. Supostamente todas estas ajudas nos são de grande valor se possuímos desapego e discernimento, se podemos discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, perecível e transitório. Quando se está capacitado em distinguir o que é bom do que é mal para sua vida espiritual, adquire-se o desapego.

Agora sim, pode-se perguntar “Por que alguns conseguem êxito na vida espiritual em pouco tempo, enquanto outros nunca o conseguem nesta vida?” Os hindus acreditam que esta não é a única vida do ser humano, que passam várias vezes pelo nascimento e que cada vez que vem à terra os seres tentam se elevar mas nem sempre conseguem. Sem dúvida, tanto o bom como o mal que se praticou deixa um respectivo selo na mente e este forma as tendências inatas, quando voltam a nascer. Quem se esforça para chegar à meta, mas devido a fraquezas resvala de seu estado elevado, quando volta a nascer, traz consigo todos os méritos adquiridos e começa dali; conseqüentemente, ao que faltava pouco para chegar à meta, consegue êxito em pouco tempo nesta vida. Sri Ramakrishna ilustra isto com um exemplo bem familiar: “A verdade é que um homem consegue bastante êxito por causa das tendências herdadas das vidas anteriores. A gente pensa que ele o alcançou de repente. Um homem bebeu uma garrafa de vinho até o amanhecer, com a qual ficou completamente embriagado. Começou a se comportar indevidamente. As pessoas se assustaram ao ver que ele ficou embriagado a tal ponto tomando somente um copo de vinho. Mas outro homem lhe diz: ‘Por que você está assombrado? Ele esteve bebendo durante toda a noite.’”

Nenhum esforço para o bem é em vão, tudo se acumula e nos ajuda em nossa vida. Portanto, vamos continuar nos esforçando, mesmo que às vezes deslizemos no caminho. Com perseverança e pela graça de Deus chegaremos à meta.

Que o Senhor misericordioso nos abençoe para que possamos desenvolver o amor puro aos Seus pés e para que tenhamos a visão d’Ele antes de nos despedirmos deste mundo!

A SÍNTESE DOS YOGAS EM SWAMI VIVEKANANDA

Swami Paratparananda¹

Outubro de 1976

Hoje em dia o nome de Swami Vivekananda é amplamente conhecido em quase todas as partes do mundo pela mensagem da Eterna Religião que ele fez conhecer a toda humanidade, sem fazer discriminação de raça, credo ou cor: uma mensagem cheia de esperança ao pisoteado, ao caído, ao menosprezado e ao infeliz, uma mensagem de harmonia e paz. Quando pela primeira vez a grande assembléia do Parlamento das Religiões, que teve lugar no ano de 1893 na Exposição Mundial em Chicago, escutou esta mensagem do hinduísmo, de tolerância e aceitação de todas as religiões como verdadeiras, a mensagem de que todas elas são outros tantos caminhos até a mesma Realidade, citando estes dois belos versos dos livros sagrados: *"Assim como os diferentes rios, ainda que tenham sua origem em distintos lugares, vertem suas águas e se misturam nas do oceano, da mesma forma, ó Senhor, os diferentes caminhos que os homens seguem, devido as suas distintas tendências, ainda que pareçam como diferentes, por tortuosos ou retos que sejam, todos levam a Ti"*, *"Qualquer um que se acerque a Mim (o Senhor), de qualquer maneira, Eu vou a ele, por todos os homens lutam por distintos caminhos, os quais ao final conduzem a Mim"*, aquela assembléia ficou, por dizer assim, enfeitiçada e ao final do discurso ovacionou ao orador, mostrando assim sua total aprovação destes sentimentos. Neste mesmo Parlamento expressou o seguinte na seção final: *"Se o Parlamento das Religiões demonstrou algo ao mundo é isto: Provou que a santidade, a pureza e a caridade, não são posses exclusivas de nenhuma igreja do mundo, e que todos os sistemas produziram homens e mulheres do mais sublime caráter. Se alguém, contra esta evidência, sonha com a sobrevivência exclusiva de sua própria religião e a destruição das demais, lhe compadeço de todo meu coração e lhe indicarei que sobre a bandeira de cada religião logo será escrito, apesar da oposição: 'Ajuda mútua e não luta', penetração mútua e não destruição', 'Harmonia e Paz e não dissensão'"*.

Desde aquele dia durante três anos seguidos, espargiu esta e outras mensagens da Vedanta nos Estados Unidos sem descanso algum. Uma grande parte dessas conferências e práticas se perdeu para

¹ Swami Paratparananda, um monge da Ordem Ramakrishna, foi editor da revista em inglês Vedanta Kesari (1962-1967) e líder espiritual do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

sempre e o que se pode reunir chegou a formar oito tomos no idioma inglês².

Agora vejamos, qualquer um pode falar ou escrever sobre religião, mas muito poucos podem levar sua convicção ao ouvinte ou leitor, porque como Sri Ramakrishna costumava dizer, *"Quem lhe vai escutar ou fazer caso se não tens o mandato de Deus?"*; porque a religião é algo que se transmite diretamente e se alguém não realizou a Deus, como pode falar Dele com certeza e autoridade? Podemos passar horas em discussões sobre Deus e os meios para chegar a Ele, mas isto não nos capacitará para dar um só passo até Ele, pelo contrário, é possível que nos confunda ainda mais.

Swami Vivekananda, além de haver realizado o mais elevado estado espiritual, recebeu o mandato de seu Mestre para ensinar a humanidade. Teve que fazê-lo mesmo contra sua vontade. Toda vez que ele quis retirar-se para um lugar solitário e viver totalmente absorto em Deus, um ou outro de seus condiscípulos, a quem o Mestre havia deixado ao seu cuidado, adoecia ou ele mesmo padecia de alguma doença muito grave, a qual o obrigava a abandonar seu projeto, até que a poderosa vontade de Sri Ramakrishna, que sempre estava por trás dele, lhe impeliu a lançar-se ao campo da intensa atividade, para levar a mensagem de seu Mestre ao Ocidente e a todas as partes da Índia. E isto significava não somente a prédica, senão também o treinamento de seus condiscípulos e discípulos e o socorro ao ser humano faminto tanto espiritual quanto fisicamente. A sede das pessoas pelas águas vivificantes da espiritualidade, que ele possuía em abundância, fez com que ele se oferecesse sem reservas, mediante conferências, práticas íntimas, entrevistas e treinamento. O motivo de sua viagem ao Ocidente foi o de despertar o interesse do povo americano pelo bem-estar dos pobres da Índia, a Índia que havia sido apresentada diante deste povo como um país habitado por gente selvagem e inculta, que jogava as crianças recém-nascidas aos crocodilos e estórias semelhantes. Ele mesmo foi a aquele país como resposta direta aos caluniadores. Sua sabedoria e a mensagem deslumbrante da religião hindu que ele apresentou diante daquele povo fez pensar a imprensa norte-americana e a comentar: "Ao escutar-lhe, sentimos o absurdo de enviar missionários a esta sábia nação." Não havia motivo pessoal algum, nem por renome, nem pela fama, nem muito menos pela riqueza, por trás de seus esforços para fazer conhecer a humanidade em que consistia a verdadeira religião. Queria somente o bem do ser humano.

Só quando um mestre espiritual assim, que realizou, que viu a Deus e que não se sente motivado por nenhum interesse pessoal, fala de Deus, as pessoas lhe escutam com toda a atenção e aprendem dele o modo de acercar-se a Divindade e viver nela. E este mestre, mesmo

² Atualmente são nove tomos.

depois de seu desaparecimento físico, infunde coragem mesmo às pessoas mais débeis. Swami Vivekananda era um desses mestres espirituais, a leitura de cujas obras, mesmo agora, produz em uma pessoa deprimida algo assim como uma corrente elétrica de ânimo e vitalidade, fazendo-a descartar toda pusilaminidade e erguer-se e enfrentar tudo o que lhe possa sobrevir, com calma e intrepidez. A força com que esses mestres pronunciaram suas mensagens não se perde nunca, pelo contrário, ajuda sempre a todos aqueles que buscam socorro espiritual.

Dissemos que os grandes mestres espirituais nunca ensinam o que eles mesmos não experimentaram e que por esta razão o método que aplicam é seguro, inequívoco. Swami Vivekananda sobre cada um dos quatro yogas principais e ensinou a alguns a maneira de meditar segundo o raja yoga. Tendo em conta o perigoso que é praticar este yoga sem um guia adequado e para não deixar nenhuma ambiguidade sobre o procedimento, tomou a precaução de escrever em detalhe e com clareza um tratado sobre ele. Tudo isto pode fazer porque tinha a experiência direta. Agora vamos ver como estes yogas se manifestam nele.

Se as vidas das grandes personalidades espirituais são estudadas com um pouco de penetração, se achará que a grandeza do adulto surge através de comportamento espontâneo na infância, que a semente da futura gigantesca árvore espiritual já estava nelas e que desde a infância ia crescendo. Afortunadamente, no caso de Swami Vivekananda temos amplos dados desde sua infância. Mesmo quando era um menino brincava de meditação e esta brincadeira despertava nele emoções espirituais muito profundas. Os meninos da vizinhança às vezes se uniam a ele nesta brincadeira. Certo dia quando estava meditando junto com seus companheiros apareceu ali uma cobra, vendo a qual os outros meninos se assustaram e advertindo com gritos o perigo a Narén³, saíram correndo dali. Mas ele, que já havia perdido completamente a consciência externa, não os ouviu e, por conseguinte não se moveu do lugar. A serpente permaneceu algum tempo e depois suavemente se arrastou e desapareceu. Houve outro incidente similar. Certa vez o menino que tinha só cinco anos, escutou a estória de Rama e atraído por Sua vida comprou uma imagem de Sita e Rama e a instalou em um dos quartos sobre o terraço de sua casa. Depois, junto com um amigo de sua idade se fechou no aposento e os dois começaram a meditar. Ao não encontrarem a Narén, começaram a buscá-lo por todas as partes e ao final chegaram ao aposento fechado, mas mesmo depois de chamá-lo várias vezes, ao ver que não se abria a porta, tiveram que forçá-la. Uma vez aberta, encontraram aos dois meninos sentados imóveis diante da imagem de Sita e Rama.

³ Seu nome de infância e juventude (de Narendranath).

Havia outro fenômeno peculiar que era natural em Narén. Cada noite lhe trazia alguma visão estranha. Singular era a maneira em que adormecia. Tão logo se deitava e fechava os olhos, aparecia entre suas sobranceiras uma maravilhosa luz que mudava de cor e que se expandia até estourar, banhando todo seu corpo com seu brilho e enquanto a mente se ocupava em contemplar este fenômeno, ele adormecia. Narén pensou que isto era natural em todos os seres humanos e um dia perguntou a um amigo seu se ele também tinha este tipo de experiência. Quando o amigo lhe respondeu que não a tinha, lhe aconselhou que observasse bem antes de adormecer. Este fenômeno ficou com ele até o fim de sua vida, se bem que ao final não era tão frequente nem tão intenso. Tudo isto mostra a profundidade do estado de meditação a que havia chegado sua alma e o natural que se havia tornado para ele. Mais tarde, quando Narén se aproximou de Sri Ramakrishna em sua busca de um homem que tivesse visto a Deus, o Mestre certa vez lhe perguntou: "*Vês uma luz antes de adormecer?*" e quando o jovem respondeu que sim, exclamou: "*Ah, isto é verdade. Este rapaz é um dhyana siddha, consumado na meditação desde seu nascimento*". A meditação forma uma parte importante da vida espiritual e consiste em dirigir a mente exclusivamente a um só objeto, a uma só ideia, assim como se verte o azeite de uma vasilha a outra ininterruptamente, até ficar absorvida neste pensamento. Um homem comum passa quase toda sua vida tentando conseguir um pouco de concentração e raras vezes chega a alcançar a meditação, em seu verdadeiro sentido. É o penúltimo degrau, segundo o raja yoga, sendo o próximo o samadhi. E sem ter este poder de meditar, retirando a mente de todos os outros objetos e pensamentos, não se pode progredir no caminho espiritual. E como se sabe, yoga significa a união do ser individual com o Ser Supremo e por extensão o caminho que nos leva a obter esta união também é chamado yoga. Em Swami Vivekananda vemos como desde sua infância todos os elementos necessários para essa união com Deus já estavam presentes, só faltava o toque final da mão mestra para que chegasse a culminação, ao cume. Voltaremos ao tema do raja yoga mais adiante.

Sri Ramakrishna descreve assim a primeira visita de seu discípulo: "*Narendra entrou no quarto pela porta a oeste. Pareceu ser indiferente por seu corpo e sua vestimenta e ao contrário dos demais, não prestava atenção ao mundo externo. Seus olhos assinalavam que tinha uma mente introspectiva, como se uma parte dela estivesse sempre concentrada em algo interno. Fiquei assombrado ao descobrir que uma alma tão espiritual viesse da atmosfera, do ambiente materialista de Calcutta. Cantou a meu pedido alguns cantos bengalis. Um deles era um canto comum do Brahmo Samaj⁴, que começa com estas palavras: 'Ó minha mente, vá a tua própria morada; neste mundo*

⁴ Organização social e religiosa hindu.

estranho, porque vagas inutilmente como um forasteiro?’ Mas o cantou com todo seu coração e infundiu tanto sentimento nele que eu não pude conter-me mais e entrei em um estado de êxtase.” Aqui temos dois aspectos proeminentes de Swami Vivekananda: a introspecção unida à indiferença pelo corpo e a ternura ou sentimento que derramava por Deus. Como se sabe, antes de chegar a ter contato com Sri Ramakrishna, Narendra, em sua busca por Deus, recorreu a muitas pessoas destacadas e reconhecidas como líderes espirituais e até se tornou membro do Brahmo Samaj, onde se adorava a Deus sem forma, mas com atributos. Pelo contrário, Sri Ramakrishna adorava a deus com forma, como a Divina Mãe, Kali. Havia praticado também as disciplinas do monismo e alcançado o Nirvikalpa Samadhi, onde não existe a diferença entre o adorador e o adorado, melhor dizendo, onde tudo é o Único, sem segundo, em que o adorador se submerge no absoluto. Experimentando esse estado, Sri Ramakrishna havia se unido com a mente cósmica e, por conseguinte podia medir a profundidade das almas dos seres com quem ele entrava em contacto. Quando viu a Narendra pela primeira vez, logo o reconheceu; no entanto durante sua segunda e terceira visita quis comprovar os antecedentes do discípulo, fazendo-o mergulhar nas regiões mais recônditas de sua alma. Ao ter a confirmação de suas visões sobre Narendra, começou a treiná-lo de uma maneira muito diferente dos demais discípulos. Durante suas visitas frequentemente lhe pedia que lesse para ele o Ashtavakra Samhita ou outro tratado sobre Advaita ou monismo, com a intenção de familiarizar a Narendra com essa filosofia. Mas estes tratados pareciam a Narendra, um firme aderente do Brahmo Samaj, heréticos e dizia abertamente: *“É uma blasfêmia, porque não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não existe pecado maior no mundo que crer-se idêntico ao Criador. Eu sou Deus, Tu és Deus, estas coisas criadas são Deus – que pode ser mais absurdo do que isto! Os sábios que escreveram estas coisas devem ter sido loucos.”* Sri Ramakrishna se divertia com seu modo brusco e lhe dizia: *“Não é necessário que tu aceites as opiniões destes sábios. Mas como pode insultá-los ou limitar a infinitude de Deus? Continue rezando ao Deus da Verdade e creia em qualquer de Seus aspectos que Ele revele a Ti.”* Mas Narendra não se submeteu facilmente. Qualquer conceito que não concordava com a razão o considerava como falso e era sua natureza opor-se à falsidade. Por conseguinte não deixou passar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita, monista. Não obstante, Sri Ramakrishna, que sabia melhor que o discípulo que seu caminho era o do Conhecimento, insistiu em falar-lhe sobre esta filosofia. Certo dia o Mestre tratou de convencê-lo sobre a ideia de que o ser individual é idêntico com Brahman, mas sem sucesso. Narendra saiu do quarto e começou a ridicularizar e rir-se disto com outra pessoa que vivia naquele tempo no Templo de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, ouvindo a risada de Narendra, também saiu de seu quarto em um estado semi-

consciente e sorrindo perguntou: *"Olá, de que estás falando?"* Dizendo isso tocou à Narendra e entrou em samadhi. O efeito do toque foi estupendo.

Narendra mesmo o descreve assim: *"O toque mágico do Mestre naquele dia, de imediato produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Fiquei estupefato ao ver que na verdade não havia nada no universo que não fosse Deus! Vi claramente isso, mas guardei silêncio, para ver se a ideia durava. A impressão não diminuiu este dia. Voltei a minha casa, mas ali também tudo o que via parecia ser Brahman. Sentei-me para comer e encontrei que tudo – o alimento, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – não era nada mais que Aquele, o Absoluto."* Essa experiência, relata o Swami, durou alguns dias sem interrupção. *"Depois – continua Swami Vivekananda – quando me normalizei, me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita. Então me ocorreu que as palavras das Escrituras Sagradas não eram falsas. Desde então não pude negar as conclusões da filosofia Advaita, monista."* Assim, pouco a pouco, saiu de todo conceito objetivo da Divindade até chegar a ter a gloriosa consciência da natureza subjetiva do Verdadeiro Ser, além da forma, do pensamento, dos sentidos, além de todo bem e mal relativos. Tudo isto não aconteceu em um dia. Teve que descartar os conceitos anteriores e modo de meditar; o trabalho era duro, no entanto não desanimou. Tendo a capacidade de isolar sua mente de todos os pensamentos que não fossem do modo particular de rezar, começou a orar de uma maneira nova e se submergia durante as noites na profundidade de seu interior a tal ponto que ficava como embriagado. Não sentia desejo de levantar-se do assento da meditação. Sri Ramakrishna também lhe ensinava os diferentes modos de meditar.

Apesar de ter respeito e reverência por Sri Ramakrishna como uma pessoa de total renúncia e pureza, Narendra não podia aceitar a Deus com forma, um conceito fundamental no caminho da devoção, Bhakti. O Mestre certa vez observando minuciosamente as características físicas de seu discípulo, lhe havia dito: *"Teus olhos mostram que não és um gñani seco; em ti estão unidos harmoniosamente a terna devoção e o profundo conhecimento."* Havendo conhecido este fato, Sri Ramakrishna não ia deixar que o desenvolvimento espiritual de seu querido discípulo fosse parcial e em pouco tempo a oportunidade se apresentou. O pai de Narendra morreu e a família se encontrou desprevenida e apesar de todos os esforços o jovem não conseguiu nenhum trabalho para manter a sua mãe e irmãos. Quando esgotou todos os meios que lhe podiam ajudar a aliviar o sofrimento de sua família, Narendra se aproximou de Sri Ramakrishna e lhe disse que pedisse à Mãe que tirasse a penúria da família. O Mestre respondeu: *"Meu filho, eu não posso pedir estas coisas. Por que não vai você mesmo e pede para a Mãe? Todo seu sofrimento é devido à teu desprezo por Ela."* Narendra respondeu: *"Eu não conheço a Mãe, por*

favor, fale o senhor por mim." Sri Ramakrishna respondeu com grande ternura: *"Querido, já te disse várias vezes, mas como tu não A aceitas, Ela não me faz caso. Bom, hoje é terça-feira, - um dia auspicioso para os adoradores da Mãe - vá esta noite ao templo de Kali, prosterna-te diante da Mãe e peça a Ela qualquer dom que queiras e o conseguirás. Ela é o Conhecimento Absoluto, o Poder Inescrutável de Brahman. Por Sua mera vontade deu a luz ao mundo. Pode dar o que quiser"*. Relata o próprio Swami Vivekananda o que ocorreu depois: *"Acreditei em cada uma dessas palavras e esperei ansiosamente que anoitecesse. Às nove da noite o Mestre me mandou ao Templo. Quando ia senti uma divina embriaguez, tremiam minhas pernas, meu coração batia fortemente com a esperada alegria da visão da vivente Mãe e o desejo de ouvir Suas palavras. Estava preenchido por esta ideia. Quando cheguei ao Templo e dirigi meu olhar à imagem, realmente vi que a Divina Mãe era viva e consciente, a Fonte Perene do Divino Amor e Beleza. Fiquei preso em uma onda de devoção e amor. Em um êxtase de alegria, me prosternei várias vezes diante da Mãe e rezei: "Mãe, dá-me discernimento, dá-me renúncia, dá-me conhecimento e devoção! Bendiga-me para que eu possa ter Tua visão ininterrupta"*. Esqueceu tudo da família e da penúria, reinava em seu interior uma paz indescritível e ainda que se lembrou, ao voltar a habitação de Sri Ramakrishna, o propósito com que havia ido ao templo, não pode pedir nada das coisas do mundo em sua segunda e terceira visita a Ela nesta noite. Disse ele: *"Ao entrar no templo pela terceira vez, uma terrível vergonha se apoderou de mim. Pensei: 'Que coisa tão insignificante eu vim pedir a Mãe! É como pedir algumas verduras a um rei bondoso!'"* Mas indo de volta ao quarto de Sri Ramakrishna insistiu que ele devia abençoá-lo para que sua família não sofresse de aguda pobreza. O Mestre finalmente cedeu e lhe assegurou que as pessoas de sua casa não mais sofreriam por falta de comida e roupa. Depois lhe ensinou um canto à Divina Mãe, o qual ele contou durante toda a noite com um coração transbordante de amor por Ela. Assim foi iniciado no caminho de Bhakti, devoção e abençoado com a visão da Divina Mãe. É por isso que ele pode ensinar as pessoas que a devoção não consiste em amar a Deus para conseguir coisas do mundo, chamava esta forma de querer a Deus como negócio.

Mais tarde, quando Sri Ramakrishna se enfermou de câncer e o levaram a Calcutta para dar-lhe uma melhor atenção médica, os jovens reunidos ao redor dele, ficaram na casa de Casipur para servi-lo. Quando Narén se deu conta que a enfermidade do Mestre era grave e que possivelmente ele logo deixaria seu corpo, seu desejo de realizar a Deus aumentou cada dia mais. Reunia aos seus jovens discípulos e os incentivava a praticar disciplinas espirituais advertindo-os de quão grave era a enfermidade do Mestre e que com toda intensidade tratassem de ter a visão de Deus, antes que Sri Ramakrishna partisse. Certa vez o Mestre lhe iniciou com o mantram de Rama, dizendo que

ele mesmo o havia recebido de seu Guru. Como consequência surgiram ondas de emoção em Narendra a tal ponto que a tarde deste dia começou a dar voltas ao redor da casa repetindo o nome do Senhor com voz excitada. Havia perdido totalmente a consciência externa e estava inundado de êxtase. Deste modo, Sri Ramakrishna treinava e preenchia seus discípulos com o amor por Deus, enquanto permaneceu na casa-quinta de Casipur, em que jazia gravemente enfermo. Não se pode descrever com que intensidade Narendra amava a Deus. Certa vez estando em casa, foi repreendido pelos familiares por haver se descuidado de seus estudos, mas quando tentou fazê-lo se apoderou dele um grande susto, como se estudar fosse uma coisa horrível. Vamos narrar o que aconteceu com suas próprias palavras: *"Começo uma grande luta em meu coração. Nunca em minha vida chorei tanto! Em seguida deixando meus livros e o resto, vim correndo sem parar até chegar aqui (Casipur). Meus chinelos saíram de meus pés e se perderam não sei onde."* Referindo-se a este estado de Narendra, Sri Ramakrishna, ainda que não pudesse falar devido a sua enfermidade, indicou esta noite através de sinais o maravilhoso estado em que se encontrava Narendra. *"Houve um tempo – disse em voz baixa – em que ele não acreditava no aspecto Pessoal de Deus. Vejam agora como deseja com ânsia a Realização!"*

Na casa-quinta de Casipur cada um dos discípulos de Sri Ramakrishna havia sido abençoado com uma ou outra experiência espiritual. Narendra, ainda que tivesse as experiências já mencionadas, se sentia privado deste privilégio. Um dia se queixou diante do Mestre: *"Todos foram abençoados com algum tipo de realização. Que eu também tenha algo. Quando todos o tiveram, serei eu somente o excluído?"* Sri Ramakrishna respondeu: *"Organize os seus assuntos familiares e em seguida terás tudo. Que queres?"* Narendra expressou seu desejo de permanecer submerso em Samadhi durante três ou quatro dias seguidos e em seguida baixar ao plano normal só para alimentar-se. Respondeu o Mestre: *"Que tonto que tu és! Há um estado ainda mais elevado do que esse. Não és tu que cantas: 'Tudo o que existe és Tu'? Venha depois de prover a tua família, logo realizarás um estado mais elevado que o Samadhi."*

Passaram-se os dias. Narendra, atraído pela vida de Buddha, foi ao lugar de Sua Iluminação e meditando sob a árvore bodhi veio a ter uma experiência muito elevada. A renúncia de Buddha agora ardia sempre na mente de Narendra. Ele queria realizar o mais elevado estado espiritual, em que se perde o ego por completo e a Consciência brilha em sua prístina glória. Certa tarde esse anelo seu se cumpriu inesperadamente. Estava meditando, quando de repente sentiu uma luz atrás de sua cabeça, como se uma lanterna houvesse sido colocada ali. Em seguida essa luz aumentou de intensidade e cresceu e ao final parecia estourar. Sua mente se submergiu nela; o que aconteceu depois não pode ser descrito com palavras, pois esse estado Absoluto

está além da palavra e da mente, afirmam os Upanishads. Nesse momento, só Narendra e outro discípulo de Sri Ramakrishna, Gopal, o mais velho, estavam nesse quarto meditando, tudo estava silencioso. Subitamente o condiscípulo ouviu Narendra gritar: *"Irmão, onde está meu corpo?"* Baixando parcialmente a consciência normal, Narendra sentia só sua cabeça. O outro surpreendido respondeu: *"Está aqui, está aqui!"* e em seguida vendo o corpo rígido de Narendra, foi depressa pedir ajuda a Sri Ramakrishna, a quem encontrou intensamente calmo, mas cujo rosto emanava uma seriedade profunda, como se soubesse o que estava acontecendo no quarto adjacente. Em resposta ao pedido de ajuda, disse o Mestre: *"Deixe que fique neste estado por um tempo. Atormentou-me tanto tempo por isto!"*

Quando Narendra recobrou completamente sua consciência normal, viu que estava rodeado por seus ansiosos condiscípulos. Sentia como se estivesse submerso em uma paz inefável. Seu coração transbordava de êxtase. Mais tarde, ao apresentar-se diante de Sri Ramakrishna, o Mestre olhando profundamente em seus olhos lhe disse: *"Bem, a Mãe te mostrou tudo. Assim como se guarda em uma caixa com chave a um tesouro, do mesmo modo a realização que acabas de ter será guardada e a chave ficará comigo. Tu tens trabalho para fazer. Quando terminares meu trabalho a caixa se abrirá e saberás tudo, como sabes agora."* Depois o advertiu que cuidasse de seu corpo por um tempo e que tivesse muito cuidado em relação à comida e com a escolha de companheiros e aceitasse só aos mais puros. Vemos assim como a tendência natural de introversão de Narendra era como se fosse a precursora da mais elevada realização espiritual, a do Nirvikalpa Samadhi, o objetivo do caminho do Conhecimento. A menos que se transcenda a ideia de que se é o corpo, não se pode avançar neste yoga. Sri Shânkara explica claramente: *"Aquele que seguindo uma vida de prazeres sensórios, quer alcançar o Absoluto, perecerá como aquele que tomando equivocadamente ao crocodilo por um tronco de madeira, quer cruzar ao rio."* A des-identificação com o corpo é a condição essencial neste yoga e Swami Vivekananda, como vimos, a possuía desde a infância enormemente; por isso lhe foi possível realizar a meta deste caminho em tão pouco tempo.

Ao começo desta conversa nos referimos à facilidade com que Narendra se perdia na meditação e como esta forma também uma prática importante do raja yoga. Os dias de Casipur, como já dissemos, foram para os discípulos jovens de Sri Ramakrishna, um período de intensas práticas espirituais, de serviço dedicado ao Mestre e de diferentes e elevadas experiências. Uns meses antes do acontecimento que acabamos de mencionar, Narendra teve outra experiência. Um dia estava meditando. De repente sentiu uma sensação peculiar em seu peito. O senhor "M" a quem relatava isto disse: *"Foi o despertar da Kundalini (a energia espiritual que jaz na base da coluna dorsal)".* *"Talvez fosse – disse Narendra. Percebi claramente os nervos Ida e*

Pingala. Pedi a Hazra que colocasse sua mão sobre meu peito. Ontem contei isto ao Mestre." Deste modo Narendra avançava rapidamente pelo caminho do raja yoga também. O compêndio que ele escreveu sobre este yoga não deixa dúvida alguma de que este texto foi uma anotação de sua própria experiência.

Nos falta agora dizer como está manifesto em Swami Vivekananda o karma yoga. Se recordarão das palavras de Sri Ramakrishna à Narendra depois que este obteve o Nirvikalpa Samadhi, em Casipur: *"Já conhecestes tudo, agora esta realização, como um tesouro, será guardada fechada com chave. Tu tens que fazer meu trabalho e quando o termines se abrirá a caixa, não antes."* O primeiro trabalho foi o cuidado dos jovens discípulos do Mestre. Ele o encarregou expressamente que cuidasse dos rapazes para que não retornassem aos seus lares, mas que se tornassem monges para levar adiante sua mensagem. Espargir esta mensagem no ocidente foi a segunda tarefa e a terceira foi infundir vitalidade à nação debilitada e prostrada. Cumpriu tudo isto enfrentando muitas resistências, calúnias e outros fatores adversos, mas sem motivo pessoal algum, sem querer renome ou fama. As tarefas eram enormes e os anos que lhe restavam eram poucos, portanto se impacientava quando o trabalho não se adiantava como queria. Por conseguinte, às vezes é visto repreender severamente inclusive a seus condiscípulos, por quem tinha carinho e respeito; era só para prepará-los a fim de encarar a obra quando ele partisse. Era um karma yogui sem igual, trabalhou até o último dia de sua vida e em meio ao trabalho intenso, se sentia profundamente calmo. Vemos assim que a vida de Swami Vivekananda é uma síntese de todos os yogas.

Mais se pensa na vida de Swami Vivekananda, mais se fica maravilhado. Toda pequenez desaparece da mente. É maravilhoso ler como essa pessoa, espiritualmente gigantesca, se punha ao nível do estudante para que este se sentisse livre de temor reverente e esquecendo a grandeza do Swami, pudesse sentir uma relação íntima com ele.

Que Deus nos dê a capacidade de seguir pelo menos um dos yogas com constância e afincos!